

Cinema e Metodologias Ativas: práticas em sala de aula



SERGIO
ROMUALDO LIMA
BRANDIM

Brandim, Sergio Romualdo Lima.

Cinema e metodologias ativas: práticas em sala de aula / Sergio Romualdo Lima Brandim. – São Luís, 2025.

299 f. : il.

Produto Educacional da Tese: “História e cinema: experiências metodológicas no Curso de Licenciatura Plena em História (Teresina/Piauí)”.

Orientação da Profa. Dra. Sandra Regina Rodrigues dos Santos.

1. Ensino de História. 2. Metodologias Ativas. 3. Cinema - Temas Transversais. I. Título.

CDU 371.686(017)

Elaborada por Laísa Sousa Barros - CRB 13/657

INDÍCE

<u>1. Introdução.....</u>	<u>5</u>
<u>2. Eixo temático I (Direitos Humanos)</u>	<u>10</u>
<u>2.1 Democracia em Vertigem</u>	<u>14</u>
<u>2.1.1 Resenha do Filme</u>	<u>15</u>
<u>2.1.2 Proposta Metodológica de Ensino I.....</u>	<u>25</u>
<u>2.1.3 Proposta Metodológica de Ensino II</u>	<u>26</u>
<u>2.1.4 Proposta Metodológica de Ensino III.....</u>	<u>29</u>
<u>2.1.5 Proposta Metodológica de Ensino IV.....</u>	<u>32</u>
<u>2.2 Que Horas Ela Volta</u>	<u>35</u>
<u>2.2.1 Resenha do Filme</u>	<u>36</u>
<u>2.2.2 Proposta Metodológica de Ensino I.....</u>	<u>45</u>
<u>2.2.3 Proposta Metodológica de Ensino II</u>	<u>47</u>
<u>2.2.4 Proposta Metodológica de Ensino III.....</u>	<u>51</u>
<u>2.2.5 Proposta Metodológica de Ensino IV.....</u>	<u>54</u>
<u>2.3 Tapete Vermelho</u>	<u>58</u>
<u>2.3.1 Resenha do Filme</u>	<u>59</u>
<u>2.3.2 Proposta Metodológica de Ensino I.....</u>	<u>67</u>
<u>2.3.3 Proposta Metodológica de Ensino II</u>	<u>69</u>
<u>2.3.4 Proposta Metodológica de Ensino III.....</u>	<u>72</u>
<u>2.3.5 Proposta Metodológica de Ensino IV.....</u>	<u>74</u>
<u>2.4 Anjos do Sol.....</u>	<u>77</u>
<u>2.4.1 Resenha do Filme</u>	<u>78</u>
<u>2.4.2 Proposta Metodológica de Ensino I.....</u>	<u>87</u>
<u>2.4.3 Proposta Metodológica de Ensino II</u>	<u>89</u>
<u>2.4.4 Proposta Metodológica de Ensino III.....</u>	<u>92</u>

<u>2.4.5 Proposta Metodológica de Ensino IV</u>	<u>94</u>
<u>3.1 Eixo Temático II (Violência)</u>	<u>97</u>
<u>3.1 Cidade de Deus</u>	<u>101</u>
<u>3.1.1 Resenha do Filme</u>	<u>102</u>
<u>3.1.2 Proposta Metodológica de Ensino I</u>	<u>116</u>
<u>3.1.3 Proposta Metodológica de Ensino II</u>	<u>119</u>
<u>3.1.4 Proposta Metodológica de Ensino III</u>	<u>122</u>
<u>3.1.5 Proposta Metodológica de Ensino IV</u>	<u>126</u>
<u>3.2 Carandiru</u>	<u>129</u>
<u>3.2.1 Resenha do Filme</u>	<u>130</u>
<u>3.2.2 Proposta Metodológica de Ensino I</u>	<u>141</u>
<u>3.2.3 Proposta Metodológica de Ensino II</u>	<u>144</u>
<u>3.2.4 Proposta Metodológica de Ensino III</u>	<u>147</u>
<u>3.2.5 Proposta Metodológica de Ensino IV</u>	<u>149</u>
<u>3.3 Última Parada 174</u>	<u>153</u>
<u>3.3.1 Resenha do Filme</u>	<u>154</u>
<u>3.3.2 Proposta Metodológica de Ensino I</u>	<u>165</u>
<u>3.3.3 Proposta Metodológica de Ensino II</u>	<u>168</u>
<u>3.3.4 Proposta Metodológica de Ensino III</u>	<u>171</u>
<u>3.3.5 Proposta Metodológica de Ensino IV</u>	<u>174</u>
<u>3.4 Trash: a esperança vem do lixo</u>	<u>177</u>
<u>3.4.1 Resenha do Filme</u>	<u>178</u>
<u>3.4.2 Proposta Metodológica de Ensino I</u>	<u>190</u>
<u>3.4.3 Proposta Metodológica de Ensino II</u>	<u>192</u>
<u>3.4.4 Proposta Metodológica de Ensino III</u>	<u>195</u>
<u>3.4.5 Proposta Metodológica de Ensino IV</u>	<u>197</u>

<u>4. Eixo Temático III (Diversidade Cultural).....</u>	<u>201</u>
<u>4.1 Uma História de Amor e Fúria.....</u>	<u>207</u>
<u>4.1.1 Resenha do Filme</u>	<u>208</u>
<u>4.1.2 Proposta Metodológica de Ensino I.....</u>	<u>218</u>
<u>4.1.3 Proposta Metodológica de Ensino II</u>	<u>220</u>
<u>4.1.4 Proposta Metodológica de Ensino III.....</u>	<u>221</u>
<u>4.1.5 Proposta Metodológica de Ensino IV.....</u>	<u>224</u>
<u>4.2 Hoje Eu Quero Voltar Sozinho</u>	<u>227</u>
<u>4.2.1 Resenha do Filme</u>	<u>228</u>
<u>4.2.2 Proposta Metodológica de Ensino I.....</u>	<u>237</u>
<u>4.2.3 Proposta Metodológica de Ensino II</u>	<u>239</u>
<u>4.2.4 Proposta Metodológica de Ensino III.....</u>	<u>242</u>
<u>4.2.5 Proposta Metodológica de Ensino IV.....</u>	<u>244</u>
<u>4.3 M-8: quando a morte socorre a vida</u>	<u>247</u>
<u>4.3.1 Resenha do Filme</u>	<u>248</u>
<u>4.3.2 Proposta Metodológica de Ensino I.....</u>	<u>259</u>
<u>4.3.3 Proposta Metodológica de Ensino II</u>	<u>261</u>
<u>4.3.4 Proposta Metodológica de Ensino III.....</u>	<u>263</u>
<u>4.3.5 Proposta Metodológica de Ensino IV.....</u>	<u>266</u>
<u>4.4 Medida Provisória.....</u>	<u>269</u>
<u>4.4.1 Resenha do Filme</u>	<u>270</u>
<u>4.4.2 Proposta Metodológica de Ensino I.....</u>	<u>283</u>
<u>4.4.3 Proposta Metodológica de Ensino II</u>	<u>286</u>
<u>4.4.4 Proposta Metodológica de Ensino III.....</u>	<u>288</u>
<u>4.4.5 Proposta Metodológica de Ensino IV.....</u>	<u>291</u>
<u>5. REFERÊNCIAS.....</u>	<u>294</u>

1. Introdução

O catálogo aqui apresentado tem como escopo acadêmico atender a demanda de conclusão do Doutorado em ProfHistória da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Este trabalho se encaixa junto a tese elaborada como uma atividade simbiótica para termos então uma possibilidade viva entre a produção acadêmica científica e o mundo do ensino de sala de aula dos ensinamentos fundamental e médio.

Partindo dos estudos e análises inseridos na tese e das hipóteses apresentada foi que chegamos à elaboração do catálogo aqui apresentado, ou seja, a tese aborda que existe uma necessidade de maior aprofundamento nas questões das metodologias ativas e o ensino de História nas disciplinas de Prática Pedagógica, Metodologia do Ensino de História e dos Estágios Supervisionados.

Este universo foi analisado e percebido que no tocante a prática de uso de filmes em sala de aula, os nossos docentes apresentam grande dificuldade em relação a essa utilização, visto que o tempo para o estudo de História vem sendo ínfimo dentro dos

currículos escolares, esbarrando nessa dificuldade e em outra que é o seu aprendizado na licenciatura, os nossos docentes não se utilizam ou utilizam de forma precária desta ferramenta.

Com relação a utilização dos filmes em sala existe um vício da necessidade de passar o filme

todo para o aluno tomando assim um tempo médio de uma a duas horas da aula, tempo esse como já foi dito tem sido cada vez mais reduzido para o estudo de História, por esse motivo estamos aqui apresentando uma forma mais dinâmica e de uma utilização do tempo e conteúdo mais claro de estudo.

Foi percebido que se pudéssemos introduzir apenas partes menores do filme junto com a metodologia ativa adequada possibilitaria um bom retorno dessa atividade para os educandos e principalmente permitindo um debate mais amplo das ideias e conhecimentos.

A prática do uso do cinema em sala de aula não é uma ferramenta nova, contudo a prática ganhou uma reputação pejorativa de “enrolação” quando o professor não quer trabalhar o conteúdo ele usa o cinema para gastar o tempo de aula. Tal situação é injusta com essa ferramenta uma vez que podemos

perceber que atrelando o filme a metodologias ativas o retorno é sempre de uma qualidade importante, apresentando a participação de educandos que muitas vezes ficam em silêncio em sala, ou seja, nossos educandos podem e sabem apresentar seus pensamentos uma vez que temos formas mais criativas de questioná-los teremos também resultados bem melhores.

Com esse nó para ser desmanchado é que resolvemos apresentar esse catálogo com uma proposta de 12 filmes de produção nacional, que dividimos em três grandes eixos temáticos: Direitos Humanos, Violência e Diversidade Cultural. Esses eixos terão quatro obras cinematográficas para serem ofertadas

como base de estrutura das possibilidades metodológicas.

Em cada filme apresentamos quatro propostas metodológicas com a utilização e explicação das metodologias ativas.

O catálogo se apresenta com atalhos de estudos que entendemos como facilitadores para o estudo e sua aplicabilidade então teremos os seguintes elementos:

1. No sumário pode ser clicado no link e temos o acesso direto ao ponto solicitado tornando a forma de acesso mais rápido;

SUMÁRIO	
1. Apresentação do produto (introdução)	4
2. Eixo temático I (Direitos Humanos)	5
2.1 Democracia em vertigem	10
2.1.1 Resenha do Filme	11
2.1.2 Proposta Metodológica de Ensino I	22
2.1.3 Proposta Metodológica de Ensino II	25
2.1.4 Proposta Metodológica de Ensino III	28
2.1.5 Proposta Metodológica de Ensino IV	32
2.2 Que horas ela volta	36

2. No título das obras pode ser clicado e temos um link no youtube apresentando o filme todo ou em parte para ser usado como referência;



3. Na proposta metodológica seu primeiro item é a metodologia ativa que está linkado a um conteúdo da internet para ampliação do estudo, seguida do conteúdo abordado, assim como o ano a ser estudado; cortes dos filmes para um estudo mais pontual; o tópico da pesquisa em rede que permite uso de sites sobre o tema; pondo em prática a relação teoria e prática que demonstra uma forma ativa aplicada juntamente com as questões norteadoras;

2.1.4 Proposta Metodológica de Ensino III

Metodologia: Mapas Mentais;

Conteúdo: Sistemas Políticos;

Cortes do Filme:

00:26:02 – 00:28:19

00:56:04 – 00:58:24

Pesquisa nas Redes:

Formas de Governo: quais são e entenda as diferenças;

Linha do Tempo – Memórias da Ditadura.

Pondo em Prática:

Ao que se mostra tal prerrogativa acerca da atividade relacionada à construção de mapas mentais, partimos do

tre os times.

1º Momento:

A sala será dividida em dois grupos:

Grupo 1: Defende ou discute os princípios da Democracia.

Grupo 2: Reflete ou cita pontos relacionados à Ditadura Militar.

Cada grupo será responsável por reunir argumentos que sustentem suas posições, baseando-se nos trechos do filme selecionados e em materiais complementares, como capítulos do livro didático ou textos indicados pelo professor.

2º Momento:

Os alunos deverão analisar

4. Temos ainda o uso do Qr Code que irá permitir também informações sobre como utilizar e ampliar os estudos sobre o catálogo.

Esperamos que a proposta aqui feita permita um caminhar mais amplo para os estudos de cinema e ensino de História, assim como entendemos que as limitações deste produto existem pela própria dinâmica do ensino, porém como uma proposta de ampliação e principalmente no auxílio em sala de aula sentimos que podemos dar um passo à frente ao invés de tornar o filme o grande “enrolador” para uma forma dinâmica e ampla de ensino.

Desejamos a todos colegas professores e educandos que tenha acesso ao nosso catálogo um enorme prazer de descobrir que o filme não é e nunca foi uma muleta, ele sempre será uma grande possibilidade de ensino onde a arte imita a vida e a vida repete a arte, se permitam fazer deste catálogo um grande auxílio, mas lembremos de Chaplin que disse “Num filme o que importa não é a realidade, mas o que dela possa extrair a imaginação.” Desta forma parafraseando dizemos que

no filme não importa a realidade, mas o que ele permite com que construímos da nossa realidade.

2. Eixo temático I (Direitos Humanos)

Direitos Humanos¹, Direitos do Homem, Direito da Humanidade, Direitos Naturais ou ainda Direitos Fundamentais; teremos vários termos e muitos significados ao longo do debate sobre a questão. Os conceitos foram se transformando e atendendo uma série de conceitos e ideias necessárias ao debate sobre o tema; uma vez que os caminhos tortuosos sofridos demonstraram uma constante necessidade de cuidados, e que as definições estão pautadas nas ideias de muitos pensadores e na pouca ação dos fatos reais. Em que momento podemos de fato definir a real existência do conceito? E mesmo que consigamos determinar esse ponto de referência de que forma então podemos garantir a sua real aplicabilidade? Visto que, os pontos anteriores sejam percebidos podemos então ter de forma palpável e definida o que é Direito Humano?

Noberto Bobbio faz um debate bem amplo sobre o tema desta forma ele faz algumas divisões dentre elas nos diz que podemos olhar através de várias perspectivas “filosófica, histórica, ética, jurídica, política. Cada uma dessas perspectivas liga-se a todas as outras, mas pode também ser assumida separadamente.” (Bobbio, 2004, pág 26). Desta forma, demonstra que pensar o DH se faz necessário sempre um debate dentro do contexto, não possibilitando assim uma forma

¹ Utilizaremos o termo Direitos Humanos ao longo da pesquisa e da sigla DH quando estivermos nos referindo a ele.

hermética sobre as outras necessidades de entender de forma mais holística permite com que possamos adentrar na sua construção e de perceber suas rupturas e ajustes.

Desta forma, neste eixo temático apresentaremos mecanismos de relação dos DH com a educação, uma vez que os caminhos que nos levam para implantação de forma satisfatória e de qualidade seja através dela. Na busca de uma forma dinâmica e de amplo saber utilizamos o cinema como uma forma audiovisual presente na vida de todos na modernidade, que nos permite um bom retorno e uma capacidade de debate excelente, nossos educandos se encontram muitas vezes numa apatia onde eles percebem o ensino como monótono ou simplório para forma como eles pensam; o advento das tecnologias de mídia tornou esse pensar mais denso e imerso ao universo do aprendizado.

O livro didático e a aula expositiva já não dão os resultados esperados. A busca por formas em que o educando se sinta agente do conhecimento dão a eles uma maior satisfação.

Existe uma relação constante do cinema com a educação, não é de hoje seu uso para a educação sendo esta de fundamental importância para a aprendizagem. Nesse sentido, cinema, educação e DH, funcionam como uma força importante para garantir que educandos, professores e os outros profissionais da educação, que estejam desempenhando alguma função dentro do universo escolar possam não apenas ter os seus direitos fundamentais respeitados, mas que contribuam no debate e na construção de percepção de mundo inserida pelas dimensões do DH junto com as

noções de alteridade e de respeito à dignidade da pessoa humana.

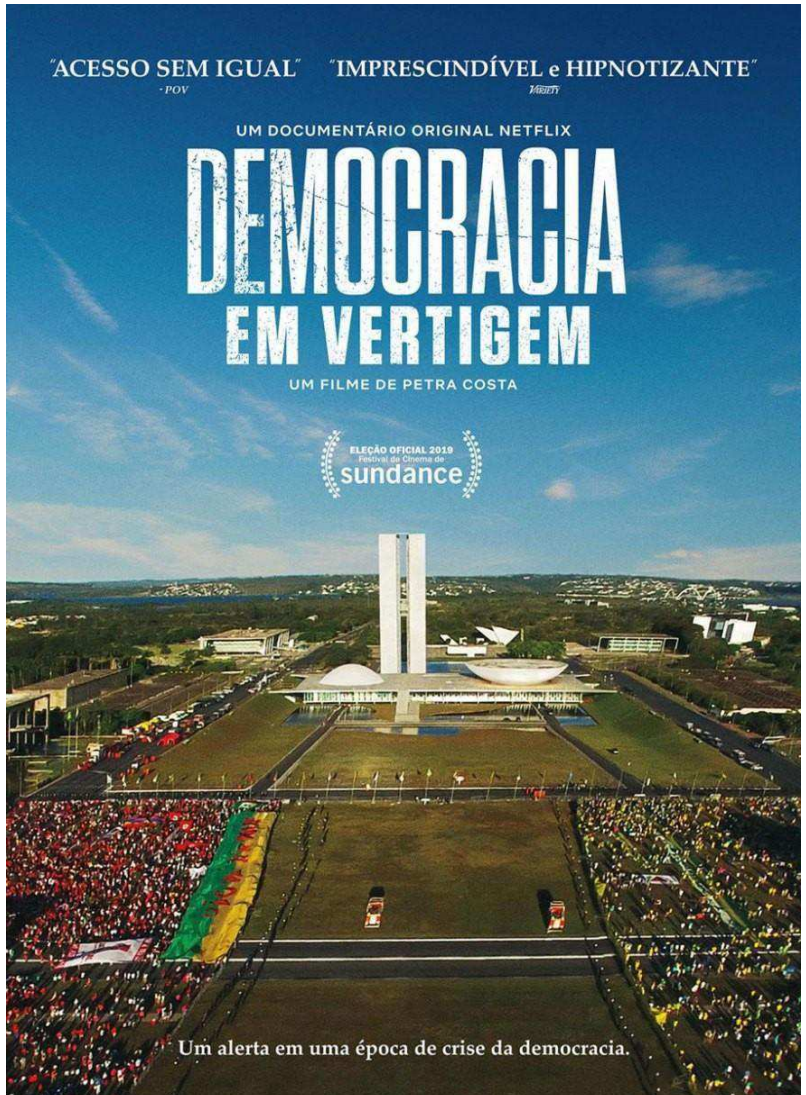
Não devemos tratar de uma Educação em direitos humanos como apenas um mostruário de imagens, que tenham como parâmetro de ensino onde a memorização é o mecanismo de aprendizado de um determinado assunto. Em vez disso, buscamos uma relação entre cinema e educação atravessada pelos DH, permitindo ser matizado a uma união do cinema com a educação a partir de um determinado olhar sobre o mundo e seus fatores sociais e culturais.

A busca maior da Educação em direitos humanos vai ser em torno de uma educação que leve a uma condição libertadora e que permita ao sujeito a se emancipar, que os levem a ter um conhecimento ciente de seus direitos e principalmente dos direitos dos outros. Por isso, não falamos de uma educação voltada para criar corpos dóceis (Foucault, 2004), para a mera repetição de conhecimento ou, ainda, que tenha apenas o mercado de trabalho como objetivo final. É sim uma educação que se destina à transformação social na sua mais ampla possibilidade, se dedicando a pensar os direitos humanos de maneira plena e orgânica na e da sociedade. Assim, se permitir a transformação da forma da vida de cada educando com base no respeito à dignidade da pessoa humana é um fundamento essencial da Educação em direitos humanos.

Caminhamos a passos lentos, porém, ainda assim caminhamos porque a importância de se divulgar DH é primordial tanto quanto a construção do conhecimento para nós formadores e para os nossos educandos conseguir desenvolver uma consciência

além dos muros da obviedade do conhecimento ou de um imediatismo sem lógica é muito importante. Desta forma levar a sala de aula formas de permitir o debate e um olhar a esse universo sempre vai ser recompensador.

2.1 Democracia em Vertigem



2.1.1 Resenha do Filme

Democracia em Vertigem (2019), dirigido por Petra Costa, documentário sobre os bastidores do impeachment da presidenta Dilma Rousseff, em que é apresentado o percurso político do país, começando com o governo de Luiz Inácio Lula da Silva até a ascensão do presidente Jair Bolsonaro. O documentário alcançou grande parte da população brasileira. A plataforma que o distribuiu, *Netflix*, contribuiu para que o filme se tornasse o segundo documentário mais assistido no *streaming* diante do seu ano de lançamento. Em 2020, foi indicado a prêmios em categorias importantes de festivais internacionais e, no Brasil, gerou diversos debates, com interpretações marcadas pela polarização política do país.

O documentário se inicia com a prisão de Luiz Inácio Lula da Silva. Dentro de um carro, o ex-presidente é conduzido, mesmo cercado de jornalistas. As cenas mostram ruas tomadas em frente ao Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em que manifestantes gritam para que Lula não se entregue. A comoção é geral, aprofundada com a despedida de Lula, que pede que não chorem. O clima muda quando a cena foca na perspectiva daqueles que desejavam a prisão de Lula: manifestantes vestidos de verde e amarelo comemoram a prisão do ex-presidente.

Há um corte, e o filme passa para a residência presidencial. A narradora, Petra Costa, discorre sobre a formação do Brasil e da democracia. Ela aborda sobre a fragmentação política do contexto e a aproximação do autoritarismo. O documentário, que mescla as

experiências pessoais de Petra Costa, retorna à 1984 por meio de filmagens caseiras. Essas filmagens são utilizadas como ferramenta para explicitar a juventude da democracia brasileira, do voto. Petra afirma que, ao nascer, os brasileiros ainda não escolhiam diretamente o presidente. Petra declara que as primeiras memórias que tem são dos projetos durante as Diretas Já e do contexto da Ditadura Militar no país. Assim, apresenta os pais, que passaram os anos finais da Ditadura escondidos, disfarçados, mas organizados em movimentos de estudantes e trabalhadores.

Dentro desse panorama, a narradora apresenta Luiz Inácio Lula da Silva. Ainda operário, na liderança das greves de 1970. O discurso que foi adicionado de Lula, à frente de dezenas de trabalhadores, evidencia o início de sua trajetória como figura política, que apenas se iniciou com o entendimento da lacuna de representação dos trabalhadores no parlamento. Em outros cortes, Petra acompanha os anos de tentativa de Lula de chegar à presidência. De um homem que se separava dos empresários e da elite brasileira, a um presidente que teve que fazer conciliações e ligações entre classes.

As cenas seguintes destacam o clima de alegria e esperança do período da primeira vitória presidencial de Lula. O vermelho tomava conta das ruas. Em contraste, Petra fala sobre os primeiros escândalos e dificuldades que acompanharam o mandato de Lula, que se desdobrava entre ser um presidente para todo o Brasil, em busca de alianças dentro do congresso. Por meio de falas de eleitores, Costa demonstra as reações às ações de Lula dentro do Brasil. Um homem negro e uma

mulher indígena falam sobre a mudança que o presidente trouxe, de melhoria econômica, de oportunidades em universidades e empregos, em uma melhor qualidade de vida em locais que, antes, eram ignorados. Por outro lado, uma mulher branca afirma que o sistema de cotas promovido pelo presidente é racista e contra os brancos, e um homem branco menciona promessas contra corrupção que nunca foram cumpridas.

Em seguida, Dilma Rousseff é introduzida no documentário. A narradora apresenta a história de Dilma, evidenciando uma das fotografias mais famosas tiradas dela. Interrogada depois de dias de tortura, Dilma não se esconde, mas seus interrogadores, sim. A fotografia firma o tom da presidência dela. As cenas seguintes mostram a comemoração feita na eleição de Dilma, com, novamente, filmagens caseiras de Petra. O sentimento de renovação é mostrado por meio da mãe de Petra que, como Dilma, foi militante presa durante a Ditadura. Essa renovação é confrontada em cenas seguintes: Petra narra a cerimônia de posse de Rousseff como presidenta e Temer como vice-presidente, comparando com um casamento arranjado. Outra concessão feita por Lula para assegurar a continuidade do governo.

Novamente, Petra retorna às origens por meio de filmagens caseiras para explicar as rachaduras na história da democracia brasileira. Dessa vez, retorna à construção de Brasília, que, em tese, deveria ser a representação física da união entre o povo e a legislação. Pelo Congresso, com uma cúpula aberta e outra virada para baixo, a narradora demonstra que as

decisões tomadas por toda a nação ficavam confinadas àquele espaço apenas, inacessível para a opinião das massas mais afetadas.

As manifestações de 2013 são descritas como um abalo sísmico na democracia. As cenas seguintes mostram centenas de manifestantes tomando as ruas com cartazes que reclamavam pautas diferentes, todas unidas no movimento *Vem Para a Rua*. O vermelho que antes simbolizava renovação foi colocado como retrocesso nas manifestações, que buscavam uma renovação política vista como urgente. Petra examina os altos e baixos do mandato de Dilma por meio da quebra de alianças vindas do governo Lula, que acabou resultando em uma instabilidade econômica e, conseqüentemente, na perda da popularidade do Partido dos Trabalhadores. Em busca de recuperar a popularidade, que era um alicerce da presidência, Dilma aprovou diversas medidas contra corrupção que, no final, acabam agindo de maneira contrária às suas origens.

Petra, então, passa para uma fase crucial na presidência de Dilma: às investigações da Petrobrás feitas pela operação Lava Jato, que revelaram teias de corrupção e Sérgio Moro, como a figura central do movimento. São mostradas diversas capas de revistas, boa parte exaltando Moro como o salvador que o Brasil precisava. Membros do Partido dos Trabalhadores e empresários são presos no período, diminuindo ainda mais a popularidade do governo. Contudo, ainda não é suficiente para Aécio Neves, principal adversário de Dilma, vencer as eleições. Após as apurações dos votos, a ação foi imediata, em que Aécio Neves

contestou o resultado e, em seguida, partiu para a defesa veemente do impeachment de Dilma.

Aécio Neves encabeçou um movimento mais profundo e despertou parte da população que era contrária ao governo de Dilma. As redes sociais e a ação midiática agiram para a propagação veloz dessas ideias. Quando o Congresso aceitou o pedido de impeachment, com a popularidade de Dilma chegando apenas a 9%, a reação da população foi ouvida imediatamente: painéis foram promovidos em comemoração. Não tardou muito para Lula também se aproximar do centro caótico da Lava Jato, que procurava provas para basear as acusações contra o ex-presidente de corrupção. Os pedidos de prisão foram fomentados por interrogatórios e divulgações de ligações feitas por Lula. A mídia, novamente, teve um papel de peso na decisão popular e na ida às ruas. Petra ilustra, por meio dos protestos, a divisão forte que se formava no Brasil.

A narradora evidencia que as decisões acerca do impeachment estavam sendo tomadas a portas fechadas. A população brasileira estava focada nas decisões, mas não teria força nelas, não diretamente. Embora o foco estivesse na legalidade das ações da presidenta, o princípio do voto popular estava sendo colocado de lado. Essa discussão é findada quando alianças políticas são postas a prova e quebrar com o Partido dos Trabalhadores é mais viável e seguro. Nas cenas seguintes, Petra entrevista diversos membros do Congresso Nacional para encontrar razões sólidas para o impeachment de Dilma, mas não encontra um consenso, e sim uma extensão da divisão extrema de

opiniões da população brasileira.

Essa divisão é mostrada com ainda mais clareza por uma divisão feita no espaço do Palácio do Congresso Nacional durante a votação do impeachment, em que manifestantes a favor ficavam à direita e, separados por estruturas de ferro, os manifestantes contra ficavam à esquerda. Petra também demonstra que essa divisão não estava reservada ao governo Dilma, mas posta em outros períodos brasileiros de grande fragmentação, como na Ditadura Militar. Demonstra, pela luta e resistência dos pais, que o Brasil estava separado entre a elite, que aproveitou o crescimento econômico do período, e as classes marginalizadas, que sofreram as consequências.

As votações para a decisão do impeachment de Dilma, então, começam. As cenas seguintes mostram momentos recortados das justificativas dos membros do congresso, que partiam de princípios semelhantes: pela segurança da família e pela religião. Por fim, o processo de impeachment é autorizado, sendo recebido tanto com comemorações quanto com lamúrias. Quando questionada por Petra, Dilma relata que a reação que teve foi de indignação, mas age de maneira ainda firme. Em seus discursos posteriores, a postura permanece.

Na sequência, a narradora apresenta outra peça importante no jogo político brasileiro: Jair Messias Bolsonaro. Petra traça o seu histórico, que faz parte do Exército desde a campanha para presidência. Desde a votação para a decisão do impeachment até às entrevistas que sucederam o momento, Bolsonaro demonstra um posicionamento violento de revisionismo histórico. Nesse momento, duas cenas mostram as

permanências no Brasil: um vídeo de ataques policiais contra manifestantes durante a Ditadura Militar é pareado com ataques durante o impeachment de Dilma. Petra afirma que o Brasil é o país do esquecimento e da impunidade.

Posteriormente, a narrativa se volta para Michel Temer, que assume durante o período de suspensão de Dilma depois do impeachment. No seu discurso, Temer promete um religamento do país. Como mostrado, no entanto, a política de Temer age como um fortalecimento das relações entre a política e o empresariado brasileiro, que permaneceu por muito invisível nas decisões, mas sempre presente. Naquele momento, fez-se explícito. Em pouco tempo, as motivações para o impeachment foram entrelaçadas com a chegada de Temer ao comando direto da presidência. Entretanto, dentre os seus aliados, o lugar na presidência não deixou de ser menos legítimo, uma vez que Temer tinha promessas a cumprir.

Petra encaminha a narrativa ao julgamento final do impeachment, em que Dilma discursou e se defendeu diante dos seus acusadores. Nesse momento, reafirma o papel do povo, que foi negado durante as votações no congresso. Com as decisões firmadas, as novas eleições se aproximam e Lula se coloca à frente, disposto a, mais uma vez, chegar à presidência. Entretanto, o que ocorre novamente é que Lula é colocado no centro da Lava Jato, como o mandante de todos os atos de corrupção, e foi julgado como tal. Aos poucos, as investigações chegam a Temer, com gravações de ligações entre ele e outros que arquitetaram a queda de Dilma, mas não vão para a frente como as de Lula. O movimento de *Vem*

Para a Rua passou a ser o movimento *Fora Temer*.

As eleições, nesse contexto, tornam-se ainda mais decisivas. A disputa se dava entre Lula e Bolsonaro, que era a melhor alternativa vista pela elite. Lula perde a chance de ser privado de sua liberdade. Assim, o documentário retorna ao início do comentário, no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em que Lula rege um discurso antes de ser levado e afirma que a sua partida apenas fará o povo lutar. Apesar dos pedidos contrários, Lula se deixa ser levado à prisão. Seis meses depois, Bolsonaro é eleito. O documentário se encerra com imagens de comemorações armadas, ameaças contra Dilma e Lula e discursos anticomunistas.

O documentário de Petra Costa pede por renovações após períodos de instabilidade. A diretora e narradora combina as experiências pessoais com repercussões políticas para demonstrar a fragilidade da democracia brasileira. O tema melancólico que fecha o documentário demonstra o sentimento presente no momento, que acompanhou a narrativa geral de maneira bastante pontual, constantemente reafirmando que a reação perante às ações políticas era de desesperança e de quebra na democracia brasileira. Assim, *Democracia em Vertigem* (2019) age como um panorama sentimental e atual da sociedade brasileira e suas divisões, levando o espectador a ponderar sobre seu papel dentro desse contexto tão fragmentado.



2.1.2 Proposta Metodológica de Ensino I

Metodologia [Gamificação](#);

Conteúdo: Processo Eleitoral e a Democracia Brasileira – 5º ano do Ensino Fundamental;

Habilidade: EF05HI09;

Cortes do Filme:

00:28:42 – 00:31:07

00:47:04 – 00:49:40

Pesquisa nas Redes:

[Empréstimo de Urna Eletrônica para Treinamento de Eleitores — Tribunal Regional Eleitoral do Piauí](#);

[Se liga nas eleições | Sistema eleitoral brasileiro](#).

Pondo em Prática:

A proposta será desenvolvida em uma aula de 50 minutos, com o objetivo de abordar os aspectos da habilidade EF05HI09 de História, que consta na BNCC simulando uma eleição com base em debates e votações. A atividade busca sensibilizar os alunos sobre

a importância da participação política e das escolhas feitas durante o processo eleitoral. Segue as etapas:

1º Momento:

A aula inicia com a exibição dos recortes selecionados do filme, totalizando aproximadamente 5 minutos. O documentário ilustra o cenário político brasileiro dos últimos anos, abordando temas como o impeachment de Dilma Rousseff, a ascensão de grupos políticos e o papel da mídia. Após a exibição, será conduzida uma discussão aberta com a turma, centrada nos seguintes tópicos:

- Voto e responsabilidade cívica;
- Corrupção e arrecadação de impostos;
- Participação popular e gestão pública.

Em seguida, os alunos serão divididos em grupos:

- 2 grupos de 5 alunos representarão as chapas concorrentes na eleição;
- 5 grupos de 4 alunos formarão o corpo eleitoral, representando partidos fictícios que questionarão as chapas durante o debate.

2º Momento:

As chapas deverão preparar propostas que abordem melhorias no ambiente escolar, enquanto o corpo eleitoral desenvolverá perguntas que irão pautar o debate. Os temas sugeridos incluem infraestrutura da escola, merenda, saúde escolar, participação estudantil, cultura e lazer. Os partidos podem se inspirar em partidos políticos reais para criar suas agremiações fictícias.

3º Momento:

O professor atuará como mediador, garantindo que cada grupo tenha tempo para apresentar suas perguntas e respostas. O debate será estruturado da seguinte forma: Cada partido terá 30 segundos para formular perguntas às chapas. As chapas terão 2 minutos para responder. Ao final do debate, cada chapa fará um discurso de encerramento com duração de 1 minuto.

Após o debate, será realizada a votação. O professor poderá organizar a votação com cédulas impressas e uma urna improvisada. Caso haja possibilidade, o TRE local pode ser contatado para disponibilizar uma urna eletrônica, assim tornando a

simulação mais próxima da realidade. Mais informações [aqui](#).

Questões Norteadoras:

- Como vocês planejam melhorar a infraestrutura da escola com o orçamento dado?
- Qual a opinião da chapa sobre a merenda escolar e o que poderia ser feito para melhorá-la?
- Vocês acreditam que a voz dos alunos deve ser mais ouvida na gestão da escola? De que maneira?
- Quais atividades culturais e esportivas podem ser promovidas na escola?

2.1.3 Proposta Metodológica de Ensino II

Metodologia: [Sala de Aula Invertida](#);

Conteúdo: Ditadura Civil-Militar no Brasil – 9º ano do Ensino Fundamental;

Habilidade: EF09HI19;

Cortes Selecionados:

00:04:22 – 00:06:41

01:06:47 – 01:07:42

Pesquisa nas Redes:

[Minha Família se Dilacerou: relatos sobre desaparecidos.](#)

[Panorama da Resistência – Memórias da Ditadura;](#)

Pondo em Prática:

Partindo do pressuposto que os educandos já tiveram contato prévio com o filme, uma vez que, na metodologia de sala de aula invertida o aluno constrói sua base para o diálogo num momento anterior ao da aula, e realizaram a leitura do capítulo correspondente no livro didático, a aula será estruturada em torno de dois cortes principais:

Corte 1 (00:04:22 – 00:06:41):

Discussão sobre a experiência de uma família que viveu na clandestinidade e resistiu ao regime;

Reflexão sobre o impacto do regime nas vivências pessoais e coletivas.

Corte 2 (01:06:47 – 01:07:42):

Debate sobre os mecanismos de repressão utilizados pelo Estado;

Relacionamento com manifestações contemporâneas e a continuidade da violência policial.

Condução do Debate:

Para a melhor mediação do debate acerca da obra em questão, o professor poderá se pautar em um questionário que direcione as atenções dos alunos nos pontos discutidos e para que esses não fiquem dispersos no momento.

Questões Norteadoras:

- Considerando que indivíduos são formados por experiências e que suas opiniões são moldadas de acordo com suas vivências e aprendizagens, como você encara o fato de que existem pessoas que possuem perspectivas positivas sobre o regime ditatorial encarado pelo Brasil ao longo de sua história?
- A luta de classes é uma característica primordial da formação e desenvolvimento das sociedades como um todo. Como podemos avaliar as posições dos regimes ditatoriais e dos sistemas democráticos de governo no sentido da defesa dos interesses e das demandas pelas camadas mais pobres? Esses assumem atitudes diferentes?
- Desde a experiência do golpe de 1968, o Brasil melhorou em relação ao desenvolvimento de suas políticas públicas?
- O Estado, enquanto instituição de controle, tem à sua disposição instrumentos de estabelecimento de ordem. Como você avalia a atitude do Estado quanto à utilização desses instrumentos para uma

suposta defesa da civilidade, repressão da violência, ação policial e manifestações?

2.1.4 Proposta Metodológica de Ensino III

Metodologia: [Mapas Mentais](#);

Conteúdo: Sistemas Políticos – 3º ano do Ensino Médio;

Habilidade: EM13CHSA603;

Cortes do Filme:

00:26:02 – 00:28:19

00:56:04 – 00:58:24

Pesquisa nas Redes:

[Formas de Governo: quais são e entenda as diferenças](#);

[Linha do Tempo – Memórias da Ditadura](#).

Pondo em Prática:

Ao que se mostra tal prerrogativa acerca da atividade relacionada à construção de mapas mentais, partimos do pressuposto, ou ponto de partida, de que o conteúdo já tenha sido empregado para os alunos de alguma maneira. Visto que tais sistemas políticos são recorrentes e imprescindíveis ao contexto de hoje. Partindo disso, a turma seria dividida em dois grupos

que estariam responsáveis por trazerem, defenderem ou citarem seus pontos acerca da Democracia e sobre a Ditadura Militar, respectivamente. tal alternativa traz em seu objetivo e praticidade tornar estes alunos suscetíveis a novas opiniões e definições políticas que serão traçadas e dialogadas em sala de aula, em decorrência da troca de informação entre os times.

1º Momento:

A sala será dividida em dois grupos:

Grupo 1: Defende ou discute os princípios da Democracia.

Grupo 2: Reflete ou cita pontos relacionados à Ditadura Militar.

Cada grupo será responsável por reunir argumentos que sustentem suas posições, baseando-se nos trechos do filme selecionados e em materiais complementares, como capítulos do livro didático ou textos indicados pelo professor.

2º Momento:

Os alunos deverão analisar e debater os aspectos abordados nos cortes. Em seguida, os grupos produzirão mapas mentais acerca das reflexões e conclusões obtidas. O professor irá mediar os debates levantados e, em seguida, os alunos apresentarão ao resto da turma os passos tomados durante a construção dos mapas,

relacionando as temáticas dos cortes e a contextualização em sala. Os mapas poderão apresentar palavras-chave, ilustrações, frases retiradas dos livros didáticos ou do corte exibido, de maneira organizada e clara.

Questões Norteadoras:

- Os sistemas políticos moldam diretamente a vida dos cidadãos. Em sua opinião, quais são as principais diferenças entre o impacto de um regime democrático e o de uma ditadura na vida cotidiana da população?
- Durante períodos de ditadura, o Estado frequentemente justifica ações autoritárias sob o argumento da “ordem e progresso”. Em quais situações essa justificativa é aceita pela sociedade? Você acredita que essa lógica ainda aparece em discursos políticos atuais?
- A democracia é caracterizada pela pluralidade de vozes e participação popular. Como você avalia a importância do voto e da liberdade de expressão na manutenção desse sistema?
- Quais características de sistemas autoritários podem se manifestar em democracias? Que sinais devem ser observados para evitar retrocessos políticos?
- Após o período da Ditadura Militar, o Brasil vivenciou avanços democráticos. Na sua opinião, quais foram os maiores desafios

- enfrentados pelo país durante essa transição?
- Como a troca de informações e experiências entre os grupos Democracia x Ditadura contribuiu para ampliar sua compreensão sobre sistemas políticos?

2.1.5 Proposta Metodológica de Ensino IV

Metodologia: [Aprendizagem Baseada em Problemas](#);

Conteúdo: Democracia e Organização do Poder Político – 5º ano do Ensino Fundamental;

Habilidade: EF05HI02;

Cortes do Filme:

01:20:35 – 01:22:03

01:23:01 – 01:24:07

Pesquisa nas Redes:

[O que é democracia?](#);

[Campanha “Quero Me Ver No Poder” - Revista Afirmativa.](#)

Pondo em Prática:

O professor pode iniciar a aula explorando o conceito de democracia com perguntas simples e, em seguida, relacionar a organização política do Brasil com exemplos do cotidiano, como representações políticas e as eleições para líderes de turma. Para melhor aprofundamento, os trechos do filme poderão ser apresentados com pausas entre os momentos, em que o

professor poderá contextualizar os acontecimentos principais exibidos e conectar os direcionamentos com a habilidade EF05HI02 da BNCC, que guia acerca de identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou outras formas de ordenação social.

Questões Norteadoras:

- Como o discurso de Dilma Rousseff reflete no entendimento dela sobre o papel do povo nas decisões políticas?
- “Não existe democracia”, frase dita pela funcionária do Palácio do Planalto, revela uma perspectiva crítica sobre o sistema político. Você concorda ou discorda? Por quê?

1º Momento:

Depois de analisadas as problemáticas e os percalços relacionados à democracia brasileira, os alunos poderão participar de uma Plenária Estudantil organizada em pequenos grupos. Organizados entre 4 e 5 alunos, os grupos receberão a tarefa de formular e defender hipóteses para tornar a democracia mais inclusiva no Brasil:

- **Grupo 1:** Como o governo pode ajudar as crianças e adolescentes no Brasil?
- **Grupo 2:** Como podemos fazer as vozes de todos serem ouvidas em decisões importantes?

2º Momento:

- Cada grupo terá 10 minutos para conversar e anotar ideias sobre seu tema;
- Em seguida, cada grupo apresenta as ideias à turma;
- Durante as apresentações, os alunos podem fazer perguntas ou comentar as ideias dos colegas.

Questões Norteadoras:

- Quem deve participar das decisões importantes em um país?
- Se vocês pudessem criar um sistema democrático ideal, como ele seria? Quais mudanças fariam no sistema atual?
- Em sua opinião, quais fatores podem levar as pessoas a perderem a confiança no sistema democrático?

2.2.1 Resenha do Filme

Que Horas Ela Volta? (2015), escrito e dirigido por Anna Muylaert, é um drama nacional estrelado por Regina Casé e Camila Márdila. Produzido pela Gullane Filmes e distribuído pela Pandora Filmes, o longa acompanha Val, uma empregada doméstica que trabalha há anos para uma família de classe média alta em São Paulo, e a filha, Jéssica, que visita a cidade para prestar vestibular, gerando, com sua postura insubmissa, questionamentos e abalos na estrutura que sustentava a casa. Os temas tratados pelo longa foram retratados de maneira tão singular que, no mesmo ano de lançamento, foi incluído na lista dos 100 melhores filmes brasileiros, conforme a Associação Brasileira de Críticos de Cinema. O filme inicia com vislumbres de uma tarde ensolarada em que Val brinca com Fabinho, filho dos chefes, à beira da piscina. Em um momento descontraído, ela incentiva o menino a nadar com elogios afetuosos. Enquanto ele mergulha, Val tenta, sem sucesso, falar com a filha ao telefone, em uma chamada breve e distante. Com a relutância da garota, o tom dela logo se endurece, advertindo sobre a necessidade de ser obediente. Quando a ligação é encerrada, a cena se contrasta, uma vez que Val retorna ao filho dos chefes, com carícias e elogios.

Com o desenrolar, o esforço de Val é demonstrado ainda mais. Ela prepara comida para o chefe, Carlos, que mal toca na comida e pede um refrigerante, depois que o prato é retirado. A

personagem, além de levar a bebida, abre a lata, serve e ainda questiona se ela está tomando devidamente os remédios, fortalecendo o papel não apenas de empregada, mas de cuidadora. Depois de cuidar do chefe, Val se dedica à outra tarefa: deve servir os demais funcionários, que aguardam na mesa da cozinha. Mesmo durante um momento que poderia descansar e se alimentar, Val orbita ao redor das necessidades alheias. Ao longo do dia, tem poucas janelas de descanso e, mesmo depois de os outros se retirarem, ela permanece.

A câmera, posicionada na cozinha, atua como uma observadora externa, capturando a barreira imposta entre Val, na cozinha, e a família que ela serve, na sala de jantar. Val apenas é convidada para entrar na cena para servir a sobremesa e permanece contida e discreta, consciente de que ao não pertencimento àquele universo. Permanece, no entanto, na porta, ouvindo escondida enquanto os pais questionam o filho sobre uso de substâncias ilícitas. Esse trecho revela o papel de Val como figura confidente de Fabinho, que, em seguida, entra na cozinha e entrega o pacote contendo as substâncias para que ela esconda. O mesmo carinho é exposto na cena posterior, em que ambos aparecem sozinhos, sem barreiras de cômodos. Fabinho, deitado com Val, é cuidado por ela como se ainda fosse uma criança. Enquanto Bárbara, a patroa, manteve-se fisicamente distante, Val ocupou o espaço, sendo uma figura materna sempre presente.

Em seguida, Val está no quarto em que dorme, e é surpreendida com uma ligação da filha, Jéssica, que anuncia o desejo de ir para São Paulo para prestar

vestibular. Logo depois, meio hesitante, Val tenta abordar a chegada da filha com a patroa, mas é prontamente ignorada. Bárbara, que a interrompe por diversas vezes, apenas parece se interessar nos preparativos que Val deveria deixar, uma vez que ela iria se ausentar. Vestida e perfumada para sair, Val recebe um elogio superficial de Bárbara. Após sair, no entanto, a patroa franze o nariz, demonstrando desaprovamento pelo forte perfume dela.

Novamente, na cena que segue, a disparidade entre as duas é destacada. Durante o aniversário de Bárbara, ela recebe em casa uma equipe de filmagem para ser entrevistada sobre moda. Trabalhando nos bastidores, Val é instruída pela equipe de filmagem para ser discreta e silenciosa. Após o término da entrevista, Val aproveita o momento para presentear a patroa. O presente, no entanto, é recebido com desvios e sorrisos falsos.

Durante a festa, Val é uma presença constante, circulando pelas rodas de conversas sem ser realmente notada, ofertando os petiscos preparados para a comemoração. Na cozinha, Val passa algum tempo debatendo sobre qual a melhor forma de servir o café, usando o jogo de xícaras que tinha comprado para presentear Bárbara. Finalmente decidida sobre qual disposição de xícaras seria mais adequada à situação, leva em uma bandeja à sala. Entretanto, é levada de volta à cozinha por Bárbara, que demanda que seja utilizada a louça elegante, substituindo imediatamente o presente oferecido por Val.

Após um corte de cena, é mostrado Val no aeroporto, esperando ansiosamente pela filha. Ela

observa atentamente as filas e o fluxo de pessoas, tentando localizar Jéssica. No entanto, é Jéssica quem a avista primeiro, aproximando-se com uma postura hesitante e distante. O reencontro é marcado por um desconforto palpável, com Jéssica demonstrando tensão. Val, emocionada, oferece presentes e carícias, mas a filha aceita de maneira relutante. Em seguida, no ônibus, enquanto seguem para um desconhecido que é desconhecido por Jéssica, a tensão perdura.

Durante o caminho, as duas conversam brevemente sobre as paisagens e lugares que fazem parte da vida de Val. Ela conta sobre os lugares que visita, que eram, antes, repletos de nordestinos, mas que com novas obras no centro da cidade, os pontos de encontros e casas foram arrastadas para longe, sem grandes objetivos, uma vez que as renovações feitas foram pouco utilizadas e nem sequer foram transformadas em praças ou outros lugares de lazer. No entanto, a conversa pouco dura, pois o primeiro conflito entre as duas se inicia quando Jéssica descobre o destino: a casa dos chefes da mãe. Com aspereza, Jéssica critica que Val vive no pequeno quarto dos fundos da casa dos patrões, evidenciando o incômodo dela diante da posição subordinada que a mãe ocupa. Ao chegarem, Val tenta acomodar a filha da melhor maneira no pequeno quarto que lhes foi destinado. Empolgada, apresenta Jéssica aos patrões durante o jantar, enquanto ambas servem a mesa.

A recepção inicial parece ser calorosa, com Bárbara, a patroa, questionando sobre o vestibular que Jéssica pretende prestar, e Carlos, demonstrando interesse ao incentivá-la a falar mais sobre os interesses

acadêmicos dela. Quando Jéssica expressa seu desejo de estudar Arquitetura e Urbanismo em uma faculdade consagrada, todos se surpreendem, dada a dificuldade de acesso àquela instituição. Logo, Jéssica e os homens da casa começam a explorar o ambiente juntos, conversando sobre os livros, arquitetura, enquanto Val observa a distância, contida e deslocada.

Bárbara se afasta da interação, deixando transparecer indiferença. Embora os patrões e Fabinho pareça curiosos com a presença de Jéssica – uma jovem advinda de um cenário escolar desfalcado, mas ousada o suficiente para tentar o mesmo vestibular que o filho deles –, a postura deles revela um misto de estranheza e condescendência, destacando um incômodo com a existência de Jéssica em um espaço que, para eles, não a pertence. Bárbara apenas reaparece quando, de forma inesperada, Carlos oferece o quarto de hóspedes à Jéssica, depois da exploração deles pela casa. Apesar das recusas de Val e da resposta fria da patroa, Jéssica decide permanecer no quarto, rejeitando a ideia de dormir no pequeno e desconfortável reservado para a mãe.

Jéssica rapidamente altera as dinâmicas da casa. Na manhã seguinte, Bárbara e Jéssica se encontram na cozinha antes vazia. Val, exausta, dorme até mais tarde, e, pela primeira vez, a patroa se vê obrigada a servir alguém em sua própria casa, já que Jéssica não está familiarizada com a cozinha. Bárbara, explicitamente desconfortável, oferece variedades de pães e sucos à jovem, enquanto o clima entre as duas se torna cada vez mais tenso. Jéssica, sentada à mesa, é observada atentamente. Pouco depois, Val chega, visivelmente

constrangida, e tenta remediar a situação. Val repreende a filha por se sentar à mesa dos patrões, reiterando limites que ela foi silenciosamente ordenada a respeitar.

No entanto, Jéssica rebate, afirmando que não é empregada de ninguém, desafiando todas as regras não ditas que sustentam o ambiente.

Entre os intervalos dos estudos, Jéssica é convidada para uma conversa com Carlos. Mesmo que isso desperte a apreensão de Val, a mais jovem dialoga com o homem facilmente sobre arte e arquitetura. No ateliê dele, ela recebe de presente uma pintura e tem a oportunidade de ver as criações dele, além de fotografias que revelam aspectos da vida da família. Nessas imagens, Jéssica observa Val através dos olhares deles: uniformizada e à margem, enquanto eles desfrutam de momentos de lazer.

Durante um almoço com o patrão, Jéssica se senta à mesa para discutir sobre arquitetura e ambos fazem planos de explorar edifícios paulistas. Val, por outro lado, permanece na cozinha, apenas ouvindo a conversa de longe. Eventualmente, é chamada à cena, não para participar do diálogo, mas para recolher os pratos e levar a sobremesa, que Carlos insiste que seja a melhor. Em Jéssica, o homem parece ver uma fonte de novidade e encontro, uma vez que permanece a maioria dos dias sozinho, sem reconhecimento dos familiares.

Em outra cena, Jéssica e Carlos saem para visitar o Edifício Copan. Durante o passeio, ele tenta tocá-la, mas ela se afasta imediatamente, demonstrando desconforto. Nesse momento, o telefone toca, quebrando a tensão no ar. A notícia de que Bárbara

sofreu um acidente de carro faz com que ambos retornem à realidade.

Na cena posterior, Jéssica já está em casa, na beira da piscina, ao lado de Val. Ela pergunta sobre a piscina e Val revela que nunca nadou ali, aconselhando Jéssica a nunca entrar também e, se convidada, dizer que não possui roupas de banho. Entretanto, indiferente dos limites impostos por Val, Fabinho e um amigo chegam e molham Jéssica, arrastando-a para dentro d'água, transformando a situação em uma brincadeira.

Enquanto eles se divertem na piscina, Bárbara descansa na cama, machucada por conta do acidente. A presença de Jéssica na água e as brincadeiras infantis de Fabinho contrastam com a fragilidade dela, que sente a necessidade de restabelecer a ordem. Ela deseja que Jéssica saia imediatamente da piscina e que Fabinho seja menos imaturo e se preocupe com ela. Após ir até a varanda e demandar pelo fim daquela brincadeira, Bárbara telefona para o piscineiro, solicitando que a piscina seja urgentemente esvaziada. Ela alega ter visto um rato na água, buscando eliminar qualquer sinal de impureza do momento de descontração de antes.

Jéssica e Val conversam, reconhecendo que a situação chegou ao limite e a mais jovem deve encontrar outro lugar para ficar. Ela repete que sempre soube que aquilo não iria funcionar e questiona como Val aprendeu a aceitar tantos limites sufocantes, a obedecer às regras sobre o que é ou não permitido. Val responde com resignação, dizendo que todos já nascem sabendo disso. Depois da conversa, Jéssica se prepara para ir embora. Bárbara, mantendo uma

postura fria e distante, superficialmente educada, deseja boa sorte a Jéssica no vestibular. Ela observa Carlos se despedir da jovem, tentando oferecer dinheiro como um gesto final. Entretanto, partida pouco dura. O acordo que tinham feito com o dono da casa que iriam alugar foi quebrado por falta de depósito prévio e, assim, Jéssica permanece sem local para retomar além da casa dos patrões da mãe. Por outro lado, Bárbara demonstra frustração e, para demonstrar o poder que possui na casa, retira Jéssica do quarto de hóspedes, justificando que uma amiga viria para visitar, e a relega ao quarto de Val.

No quarto apertado de Val, Jéssica reclama do calor e questiona como a mãe consegue aceitar ser tratada como cidadã de segunda classe. O confronto entre as duas logo cresce, em que Jéssica parece irritada com a constante resignação de Val. Ela sai zangada do quarto e faz uma ligação para a casa. Nesse momento, é demonstrado que Jéssica também estava em São Paulo por motivos semelhantes aos de Val. Em Pernambuco, ela tinha deixado um filho.

Em uma cena seguinte, Jéssica come escondida de Val um sorvete que era reservado a Fabinho, mas Bárbara vê. Aquela era mais uma violação das regras da casa. Esse momento leva a patroa ter uma conversa com Val, deixando claro que Jéssica estava ultrapassando os limites impostos implicitamente. Como consequência, a jovem é proibida de frequentar as áreas comuns da casa.

No dia do vestibular, ambos os jovens fazem a prova. Na volta, Fabinho se vê decepcionado ao corrigir a roça e perceber que a pontuação feita era insuficiente

para o curso que desejava. Enquanto ele busca conforto, é Val, e não a mãe biológica, que oferece um real apoio, sem julgamentos. Em contraste, Jéssica liga para dizer que, pela correção, foi aprovada na primeira fase do vestibular. Val, orgulhosa, tenta compartilhar a notícia com Bárbara, que a recebe com a mesma frieza de sempre e tenta diminuir a conquista ao lembrar que ainda teria outra fase a ser enfrentada.

O ponto de virada ocorre quando Val, depois de anos, entra na piscina da casa. Na água, ela liga para a filha, tentando conter a emoção ao dizer que sente orgulho dela e que, naquele momento, está no lugar que sempre se proibiu de entrar. Na voz baixa, há uma mistura de alegria e alívio, uma celebração tardia da própria dignidade. Durante as visitas a Jéssica, o abandono que a jovem sente se torna evidente, uma dor causada pela ausência de sua mãe, que permaneceu em São Paulo e a deixou distante. Val menciona uma foto de uma criança que encontrou no quarto em que Jéssica ficou na casa em que trabalha. Em um momento de vulnerabilidade, Jéssica revela que é o filho dela, abandonado na esperança de que consiga construir um futuro melhor ao fazer uma boa faculdade.

A revelação e a presença da filha impulsionam Val a pedir demissão. Mesmo com os pedidos e promessas de aumento feitas por Bárbara, Val destaca que não é por dinheiro, é por necessidade de ficar com a filha. Em um gesto simbólico de transgressão, Val leva para a casa alugada um presente que antes pertencia a Bárbara, nunca usado por ela por considerá-lo inferior. Durante o café, Val promete pagar a passagem do neto e se compromete a cuidar dele. Assim, o filme se encerra

com a conversa das duas, que parece ser, na verdade, o primeiro real reencontro entre mãe e filha.

Dessa maneira, o longa oferece um olhar cru acerca de um país marcado pela divisão entre classes dominantes e subalternas, em que trabalho realizado pelas camadas sociais mais baixas exerce uma influência tão profunda nas relações sociais que contribui para o adocimento e a limitação dos vínculos familiares. Parte de uma extensa estratégia utilizada para impor a submissão, que se manifesta por meio de um isolamento absoluto dos empregados e pela quebra de laços com um mundo que lhes oferece além da servidão. Ao recusar um aumento de salário em troca de continuar o trabalho na casa de Bárbara, Val interrompe essa longa trajetória de exploração.



2.2.2 Proposta Metodológica de Ensino I

Metodologia: [Teatralização](#);

Conteúdo: Formação Escolar,
Vestibular e Mercado de
Trabalho – 3º ano do Ensino Médio;

Habilidade: EM13CHSA404;

Cortes do Filme:

00:32:45 – 00:36:55

00:01:29:30 – 01:31:19

Pesquise nas Redes:

Como funciona o vestibular: entenda o que é e quem pode fazer;

Os 10 trabalhos com maior potencial de crescimento, segundo o Fórum Econômico Mundial;

Pondo em Prática:

A metodologia proposta para a aplicação do conteúdo escolhido tem como objetivo ser o primeiro passo da atividade pedagógica, pois através desta dinâmica poderemos conhecer melhor os discentes. A dinâmica se utilizará do questionário proposto nos cortes do filme como roteiros para uma teatralização em sala de aula, a fim de promover um debate sobre projeto de vida e questões sociais no mercado de trabalho.

1º Momento:

Depois de organizados em grupos, os alunos se separarão de acordo com o roteiro do corte, entre questionador e questionado, sempre preservando revezamento para que todos tenham consigaam participar. Nas respostas e interações ao questionário, os alunos destacarão pontos como os desafios enfrentados pelas pessoas no mercado de trabalho e os projetos de vida.

2º Momento:

Cada grupo desenvolverá a cena para a turma, reproduzindo o ambiente do questionário do filme, mas adicionando interpretações próprias e situações originais.

Em seguida de cada apresentação, haverá margem para discussão coletiva, em que os outros alunos serão motivados a discorrer sobre as dificuldades abordadas nas cenas e, da mesma forma, de experiências próprias.

Questões Norteadoras:

- Qual o emprego das pessoas que moram com você?
- O que você pretende cursar após o Ensino Médio?
- Qual profissão você gostaria de seguir no futuro?

2.2.3 Proposta Metodológica de Ensino II

Metodologia: Elaboração de Projetos;;

Conteúdo: A diáspora nordestina durante o governo Juscelino Kubitschek. Xenofobia – 9º ano do Ensino Fundamental;

Habilidade: EF09HI03;
Cortes do Filme:

01:03:04 – 01:07:00
01:15:40 – 01:18:17

Pesquisa nas Redes:

[Arretada São Paulo: Capital da Migração Nordestina;](#)

[Diáspora nordestina e a construção do Brasil.](#)

Ponto em Prática:

A metodologia será desenvolvida a partir da utilização de 3 suportes que demonstram a situação do povo nordestino e de suas abordagens nas mesmas. A atividade consistirá na construção de cartazes produzidos pelos próprios alunos, com base nas fontes citadas abaixo que serão divididas para 3 grupos. Na construção dos cartazes os alunos irão relacionar as passagens escolhidas pelas fontes que receberam. Nestes podem ser trazidos exemplos encontrados no cotidiano, jornais, internet.

Distribuição dos Grupos e Fontes:

Grupo 1.

Material: Artigo 20 da Lei 7.716/89;

Trecho: Discriminação feita a quaisquer nordestinos ou brasileiros que vivem no Nordeste é categorizada como crime de racismo. Pena de reclusão vai de 1 a 3 anos, além de multa.

Questões Norteadoras:

- Como as leis podem ser utilizadas para a realização da proteção social?
- Como você relaciona as passagens do filme com a lei em questão?
- Na sua opinião, qual a função das leis na resolução de preconceitos e na redução de desigualdades regionais?
- Escolha uma lei que vocês consideram importante para o Brasil e explique seu impacto na sociedade.

Grupo 2.

Material: Capa da revista **Veja São Paulo** – 27 de janeiro de 2021.

Título: A Capital do Nordeste: Os novos migrantes que reinventaram o design, a gastronomia, as startups e outras atividades da metrópole, que completa 467 anos.

Questões Norteadoras:

- Os meios de comunicação são importantes mecanismos de construção de discursos. Como podemos relacionar a capa da famosa revista **Veja** como uma ferramenta de construção pejorativa do povo nordestino? Você conhece ou soube de alguma outra revista, site, filme, série e novela que contribui para a difusão dessa imagem pejorativa?
- Como podemos relacionar os meios de comunicação e os cortes escolhidos do filme?
- Traga exemplos de falas preconceituosas já proferidas contra os nordestinos. (Utilize site e/ou as redes sociais para apresentar esses exemplos).

Grupo 3.

Material: Letras das músicas **Faroeste Caboclo** (Legião Urbana), **Cidadão** (Zé Ramalho) e **Disparada** (Geraldo Vandré).

Questões Norteadoras:

- Como você relaciona as músicas com os cortes apresentados?
- Como a música pode e/ou foi utilizada ao longo do tempo como uma forma de difundir opiniões?
- Escolha uma das músicas listadas e escolha verso(s) para relacionar com o assunto discutido em sala. Que criticidade esses versos trazem para a música?
- Que outra música você conhece que foi importante para difundir uma certa ideia em determinado contexto temporal e explique um pouco sua letra e o contexto de produção.

2.2.4 Proposta Metodológica de Ensino III

Metodologia: Grupo de Verbalização e Grupo de Observação;

Conteúdo: Relações de Trabalho e Desigualdades Sociais no Brasil – 9º ano do Ensino Fundamental;

Habilidade: EF09HI08;

Cortes do Filme:

00:28:32 – 00:31:27

00:57:50 – 00:58:43

Pesquise nas Redes:

[Trabalho doméstico muda, tem mulheres mais velhas e sem carteira e deve ficar mais caro um dia;](#)

[Fome e banheiro negado por patrões fazem parte do trabalho de diaristas no Brasil.](#)

Pondo em Prática:

A proposta emprega o debate como meio para discutir a prática demonstrada na reportagem **Mulher causa polêmica ao oferecer moradia em troca de serviços domésticos**, publicada pelo jornal **Extra**, em 09 de junho de 2017, e associando às reflexões levantadas pelo filme **Que Horas Ela Volta?**. Essa metodologia proporciona o desenvolvimento da criticidade e da argumentação dos alunos. Ao destacar os aspectos históricos e atuais do trabalho doméstico no Brasil durante a atividade, o professor encoraja o relacionamento do tema com questões históricas e sociais.

1º Momento:

A turma será dividida em dois grupos:

- **Grupo de Verbalização (GV):** Irá discutir as questões abordadas pela reportagem e pelo filme, formulando argumentos e analisando a realidade do trabalho doméstico no Brasil;
- **Grupo de Observação (GO):** Alunos que observarão a discussão do GV, sem interferir, apenas registrando pontos de análise.

O GV será posicionado no centro da sala, em formato de círculo, para dinamizar a interação e o diálogo entre os alunos. O GO estará ao redor do círculo do GV, assim certificando visibilidade e concentração na tarefa.

2º Momento:

Após um período estabelecido pelo professor, os papéis se invertem: o GO passa a ser o GV e conduz o debate. O GV passa a ser o GO e assume a observação.

Questões Norteadoras:

- Práticas como a troca de moradia por trabalho doméstico auxiliam ou prejudicam a luta contra desigualdades sociais? Por quê?
- A regulamentação do trabalho doméstico é suficiente para evitar situações de abuso ou exploração? O que mais poderia ser feito?

- Em que medida o contexto histórico do trabalho doméstico no Brasil atua na percepção social dessas práticas hoje?
- O filme **Que Horas Ela Volta?** mostra relações de proximidade e poder entre patrões e empregados. Como isso reflete na atualidade?
- Essas práticas seriam aceitas em outros setores de trabalho? Por que o trabalho doméstico parece mais passível a essas trocas?

2.2.5 Proposta Metodológica de Ensino IV

Metodologia: [Aprendizagem entre Pares ou Times](#);

Conteúdo: Trabalho Doméstico e Direitos Trabalhistas – 9º ano do Ensino Fundamental;

Habilidade: EF09HI06;

Cortes do Filme:

00:05:54 – 00:11:22

00:13:40 – 00:14:46

Pesquisa nas Redes:

[Saiba quais são os 14 principais direitos trabalhistas | Jusbrasil](#);

[Ministério do Trabalho e a luta por direitos das trabalhadoras domésticas — Agência Gov.](#)

Pondo em Prática:

A proposta parte da exibição de trechos do filme *Que horas ela volta?*, que abordem a realidade de uma trabalhadora doméstica e as relações de classe e poder envolvidas, e será seguida por uma discussão em times, contando como base os pontos considerados pela campanha da organização não governamental **THÊMIS** acerca do trabalho doméstico análogo à escravidão. Em primeiro momento, os alunos serão divididos em grupos que irão analisar e comparar as práticas de trabalho doméstico retratadas no filme com os pontos abordados pela campanha. O objetivo é que os alunos associem e debatam casos de exploração e violação de direitos, como:

- Trabalhadora considerada "da família" sem salário;
- Pouca ou nenhuma liberdade para sair de casa;
- Condições degradantes de alojamento;
- Jornadas de trabalho exaustivas, com falta de tempo livre;

1º Momento:

Os dois cortes serão exibidos em sala de aula e os alunos deverão anotar os pontos que mais acharam pertinentes. Em seguida, o professor poderá pedir que alguns compartilhem com o restante da turma o que escreveram e, assim, fazer um balanço das percepções dos alunos.

2º Momento:**Time 1:**

- Estudará os aspectos da campanha que apontam condições de trabalho análogas à escravidão;
- Formulará possíveis soluções e formas de conscientização para acabar com essas práticas.

Time 2:

- Identificará, no filme, práticas de trabalho doméstico que demonstrem exploração e violação de direitos.
- Conectará os pontos de identificação de trabalho análogo à escravidão descritos na campanha com as cenas;

3º Momento:

Cada time apresentará as conclusões obtidas em uma roda de conversa, em que todos os alunos deverão participar, a fim de promover uma troca de experiências e percepções, para cruzar informações e desenvolver respostas conjuntas para as questões norteadoras

Questões Norteadoras:

- Como você entende a relação entre empregadores e trabalhadoras domésticas no filme? De que maneira isso reflete as condições de trabalho descritas pela campanha da **THÊMIS**?
- A trabalhadora doméstica, muitas vezes, é tratada como parte da família, mas sem os direitos que

essa relação deveria garantir. O que você considera que isso expõe sobre as desigualdades de classe e gênero no Brasil?

- Quais as implicações de uma jornada de trabalho exaustiva e da falta de liberdade no cotidiano de uma trabalhadora doméstica?
- O que significa o termo "trabalho análogo à escravidão" em conexão ao contexto do trabalho doméstico no Brasil? Você acha que as leis existentes são suficientes para proteger as trabalhadoras, ou há a necessidade de mais ações e conscientização sobre os direitos trabalhistas da categoria?
- Enquanto sociedade, como podemos combater práticas de exploração no trabalho doméstico e assegurar condições dignas para todas as trabalhadoras?

2.3 [Tapete Vermelho](#)

2.3.1 Resenha do Filme

Tapete Vermelho (2015) é uma comédia brasileira dirigida por Luiz Alberto Pereira, com roteiro conduzido pelo diretor em parceria com Rosa Nepomuceno. Com produção da LAPFilme distribuição da Pandora Filmes, conta com Matheus Nachtergaele, Gorete Milagres e Vinícius Miranda no elenco principal, e retrata a jornada de Quinzinho, um homem do campo, que deseja realizar a promessa de levar o filho, Neco, para assistir um filme do Mazzaropi no cinema. À medida em que a família se afasta dos sítios durante a viagem, o enredo apresenta desigualdades sociais, resistências e transformações impostas pelo processo de urbanização no Brasil.

Desde os primeiros momentos do longa, a promessa feita ao avô para ser cumprida no aniversário de dez anos foi muito bem recebida pelo garoto. Entretanto, a esposa, Zulmira, recusa-se a sair do sítio e deixar as plantações e criações sem supervisão alguma. Na visão dela, a viagem é uma perda de tempo e de tranquilidade. Entretanto, Quinzinho, movido pela lembrança afetiva que tem dos filmes do Mazzaropi, segue adiante e se prepara para a viagem.

Rapidamente, percebem que a caminhada poderá ser ainda mais longa que a prevista por Quinzinho. Na primeira cidade em que tinham esperança de encontrar um cinema, logo são informados que o local foi transformado numa grande loja. O vendedor, de imediato, tenta convencer Quinzinho de comprar uma televisão, alegando que é melhor que qualquer cinema. Quando recusado, o vendedor ofende Quinzinho e o aconselha a retornar ao campo, pois é o único lugar que

realmente pertence.

Apesar dos impasses, Quinzinho persiste, constantemente afirmando que o encontro está próximo. Dessa maneira, a família segue para outra cidade, em que o quadro permanece semelhante: o cinema foi transformado em um supermercado, que gerava uma renda maior aos proprietários. Adentrando, agora, nos núcleos mais urbanos, todos são expostos às desigualdades sociais de maneira mais violenta. Em direção à cidade seguinte, encontram Mané, um trabalhador que está indo para um acampamento do Movimento Sem Terra. No diálogo, a narrativa discorre acerca da reforma agrária e a precariedade das condições de vida dos trabalhadores rurais.

Após se despedirem de Mané, partem para outra cidade. O contraste entre urbano e rural é encarado com estranhezas por ambos os lados. Enquanto passam pelas ruas, o animal que os acompanha entre os carros, as roupas que se destacam defronte ao estilo modernizado das usadas pelos moradores da cidade, demonstram um claro deslocamento cultural, que é ridicularizado por meio de grosserias e piadas. Naquela cidade, o cinema tinha aberto espaço para uma igreja, que, uma vez que as pessoas pagavam para entrar, soava mais rentável.

Na seguinte, descobrem que, embora haja um cinema em bom funcionamento, exibem unicamente lançamentos de filmes de heróis e aqueles que atraem um grande público. Quando questionam sobre os filmes antigos, escutam que aqueles são pouco rentáveis e, portanto, não devem ser exibidos. Encaminhado para o bar da cidade na busca por informações, Quinzinho encontra um grupo de violeiros que considera de

habilidade acima da dele. Não recebe nenhum esclarecimento acerca dos filmes, mas encontra Renato, uma figura conhecida por ele, por conta de relatos sobrenaturais que circulam nas fazendas sobre o violeiro. Vendo que Quinzinho portava uma viola, oferece ao homem um acordo controverso: se quisesse melhorar as habilidades musicais, deveria fazer um pacto demoníaco. Tentado, Quinzinho o acompanha, mas, mesmo com as crenças religiosas desafiadas, desiste do pacto e corre para longe. Em contraste com a oferta, surge Gabriel, que se une à família enquanto comem na estrada, e também sugere a possibilidade de Quinzinho adquirir uma grande habilidade de tocar a viola, porém, nesse caso, sem envolvimento com o pactos demoníacos, e sim por meio de uma devoção a São Gonçalo, figura tradicionalmente associada à música. Esse combate entre o sagrado e o profano salienta os dilemas morais enfrentados por Quinzinho ao desenvolver a narrativa, que, desprotegido do isolamento social que o campo antes proporcionava, passa a ser exposto a diversas questões sociais e culturais que contrastam com sua visão de mundo e valores.

Dado o recente desenvolvimento da habilidade de tocar viola, Quinzinho atrai rapidamente a atenção dos transeuntes da praça em que se apresenta, recebendo pagamentos pelas melodias tocadas. Esse reconhecimento permite que a família tenha o primeiro almoço farto desde a partida do sítio e, durante a refeição, deparam-se com um homem que afirma ser primo do grande Mazzaropi. Embora Zulmira desconfie do desconhecido, Quinzinho decide

acompanhá-lo, acreditando na promessa feita de apresentar um local em que seriam projetados filmes do Mazzaropi. Entretanto, as suspeitas de Zulmira se mostram justificadas quando o homem, após assegurar que iria apenas cuidar do burro e dos pertences da família, os direciona a um acampamento do MST. No lugar, os únicos filmes exibidos são documentários sobre a luta pela reforma agrária, frustrando mais uma vez as expectativas de Quinzinho.

Percebem, naquele momento, que foram levados para o mesmo acampamento de Mané, que os recebe alegremente. Em seguida, com foco na exibição do documentário, a família vê o registro de trabalhadores rurais acorrentados, protestando e proferindo frases emblemáticas ligadas à luta pela reforma agrária. No entanto, esse foco é abruptamente quebrado pela chegada violenta da polícia, que invade a área ocupada, agredindo e ofendendo os presentes. Mané, ao tentar resistir à violência policial, acaba sendo baleado. No meio do caos, os poucos que conseguem fogem para longe, levando as crianças e alguns pertences. Quinzinho, por sua vez, ao defender e lamentar pelo amigo, é preso. A separação violenta destaca a vulnerabilidade de Quinzinho, que possui uma ingenuidade que o impede de compreender que, nas cidades maiores, pode estar mais exposto a enganações e indivíduos mal-intencionados. Sem o arcabouço cultural requerido para lidar com as complexidades do ambiente urbano, ele acaba encaminhando a família para uma situação de extremo risco.

Na delegacia, Quinzinho é tratado pelo delegado com desdém, sendo visto como um baderneiro e

ignorante. Apesar das repetidas tentativas de explicar a razão de estar no acampamento, é censurado pela postura autoritária do delegado, que nega margens para justificativas. Apesar do desprezo do delegado, Quinzinho é liberado em seguida, em razão da intervenção de figuras religiosas que condenam a violência empunhada contra os trabalhadores. Ao sair, ele reencontra Zulmira, visivelmente abalada e chorosa, à porta da delegacia. Ela lhe informa que, durante a confusão, Neco foi levado junto com outras crianças.

Diante dessa situação, o casal se separa: Quinzinho assume a responsabilidade de procurar o filho, enquanto Zulmira parte para a proteção da casa da tia, na cidade.

Iniciando a busca pelo filho, Quinzinho consegue uma carona com um caminhoneiro. Durante a viagem, ele mais uma vez ouve discussões sobre a reforma agrária e a persistente desigualdade na distribuição de riquezas. O caminhoneiro comenta acerca das tantas vezes que ouviu falar da possibilidade de uma divisão justa das terras, mas que essa promessa parece cada vez mais distante, devido à ganância dos latifundiários. Assim, Quinzinho se depara novamente com uma realidade que lhe é estranha: mesmo que distante, possui um sítio, uma casa, animais e plantações, e, apesar da vida simples, vive com um certo conforto. O Brasil que se desnuda diante dele é profundamente diferente daquele que conhece e esperava explorar mais no passeio familiar.

Outro aspecto significativo da jornada de Quinzinho é a religiosidade. Visita a Igreja de Nossa

Senhora Aparecida e, diante do altar, faz uma promessa: deve retornar ao local e deixar como oferecimento a viola, um dos bens mais preciosos, caso a santa interceda e traga Neco de volta. Paralelamente à busca de Quinzinho, o filme apresenta Neco imerso nas adversidades da realidade das ruas, em que é retratado vendendo laranjas para sobreviver. É retratado acompanhado por outros garotos em fragilidade social que, em dado momento da venda nas ruas, são abordados e obrigados a entregarem tudo que possuem. Dessa maneira, como o pai, Neco se depara com precariedades e brutalidades que, em larga escala, acabam contrastando com o ambiente isolado em que cresceu.

Na cena seguinte, ao caminhar pelas ruas desconhecidas de uma nova cidade, Quinzinho é atraído pelos sons que saem de uma igreja. Ao entrar no local e conversar brevemente com uma funcionária, é informado de que, anteriormente, naquele espaço funcionava um cinema e que ainda restavam latas de filmes amontoadas, aguardando para serem descartadas. Ao conferir, percebe que, entre as tantas latas, existem algumas com os filmes do Mazaropi. Entusiasmado, pede pelas fitas apenas daqueles filmes e, quando é atendido, tem uma primeira conquista após constantes percalços.

Neco, naquele momento, comemora o seu décimo aniversário acompanhado apenas de garotos que mal conhece, longe da presença da família. A melancolia de Neco se combina com a de Quinzinho que, apesar de ter conseguido as fitas dos filmes, ainda parecia distante de encontrar o filho. No momento que,

exausto, ele descansa na frente do cinema da cidade, algumas crianças passam, seduzidos pela oportunidade de comer as pipocas caídas na frente do estabelecimento. Enquanto algumas delas se divertem, Neco reconhece que a figura descansando na calçada é o pai. Assim, finalmente, os dois se reencontram. Logo, seguem para a casa da tia de Zulmira, que os espera. No final da noite, a família se reúne.

No dia seguinte, pai e filho vão ao cinema, levando consigo os filmes do Mazzaropi. Quinzinho aborda os funcionários, expressando o desejo de que os filmes sejam exibidos. No entanto, uma vez que aqueles filmes destoam do que é habitualmente projetado no cinema, o pedido é recusado de forma categórica. Com uma atitude grosseira e irônica, um dos funcionários sugere que, além da exibição dos filmes, deveria ser disponibilizado um tapete vermelho para a entrada dos dois. Ambos deixam o estabelecimento, mas logo retornando, carregando correntes. Quinzinho replica as táticas utilizadas pelos trabalhadores sem terra, registrados no filme documental que assistiu no acampamento, e se acorrenta a uma das pilastras do cinema, argumentando que apenas deixará o local após a exibição dos filmes do Mazzaropi.

Com o tumulto causado por Quinzinho, que insulta os funcionários aos gritos, uma multidão curiosa é atraída para dentro do cinema. Em pouco tempo, o local lota, e até mesmo a mídia da cidade comparece para noticiar o acontecimento. Quinzinho é transmitido pela televisão, chegando até mesmo em Zulmira e a tia, que, ao assistirem de casa, decidem ir ao cinema. Na tentativa de conter o caos e, ao mesmo tempo,

enxergando uma oportunidade de promoção do cinema, o proprietário do estabelecimento oferece sessões especiais dos filmes do Mazzaropi, desde que Quinzinho concorde em retirar as correntes.

Dessa maneira, a família atravessa o tapete vermelho, outra exigência de Quinzinho, e entra na sala de cinema. Ali, promessa é cumprida. Diante dos olhares deslumbrados da família, os filmes ganham um reconhecimento ainda mais profundo, à medida que Quinzinho identifica os gestos, os cenários e, sobretudo, os dilemas enfrentados pelo personagem Jeca. Em seguida, o filme chega ao fim com todos já de volta ao sítio, em que Quinzinho recorda que precisarão realizar outro passeio para cumprir a promessa feita à santa. O início do filme é lembrado, destacando o entusiasmo de Neco e a relutância de Zulmira.

É, dessa maneira, ao retratar a jornada de Quinzinho em busca de honrar a promessa feita ao pai, que o filme registra com precisão a simplicidade e a resiliência inerentes às pessoas que vivem no campo, ao mesmo tempo em que evidencia o papel do cinema como um poderoso instrumento de preservação da memória e da identidade cultural.



2.3.2 Proposta Metodológica de Ensino I

Metodologia: [Fórum e Debate](#);

Conteúdo: Reforma agrária no Brasil e a Atuação do MST no Estado do Piauí – 9º ano do Ensino Fundamental;

Habilidade: EF09HI25;

Cortes do Filme:

00:29:44 – 00:32:42

01:03:18 – 01:07:35

Pesquisa nas Redes:

[MST no Piauí: história de lutas e conquistas;](#)
[Movimento Sem Terra Piauí.](#)

Pondo em Prática:

O professor inicia a aula exibindo os trechos do filme **Tapete Vermelho** que mostram o assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) e a repressão sofrida pelo protagonista. Essa proposta permite que os alunos analisem o MST de forma aprofundada e conectada à realidade local. O ideal é que aproxime os alunos à discussão por meio de questionamentos:

- O que motivou o surgimento de movimentos como o MST?
- Como o filme retrata a luta pela terra e o impacto das ações repressivas?
- O que sabemos sobre o MST e sua atuação no Piauí?

1º Momento:

Em seguida, professor pode apresentar fatos iniciais sobre os projetos do MST e a luta pela reforma agrária no Brasil, para então focar nas ações realizadas no Piauí, utilizando exemplos como as escolas do MST que se destacaram em índices educacionais; ações culturais promovidas nos assentamentos e conflitos relacionados a repressões.

2º Momento:

Para que os alunos sejam os pesquisadores e debatam durante a aula, devem ser divididos em grupos e guiados para ou leituras de textos impressos pelo professor ou para pesquisas feitas em casa. De maneira que:

- **Grupo 1:** Busca por assentamentos no Piauí (site do [Incra](#));
- **Grupo 2:** Pesquisa sobre ações sociais e culturais realizadas pelo MST ([site oficial do MST](#) e notícias indicadas);
- **Grupo 3:** Estudo sobre repressões e desafios enfrentados pelo MST.

Cada grupo irá organizar as informações coletadas em formato visual para a formação de um mapeamento da ação do MST no Piauí. O cartaz coletivo poderá conter textos expositivos sobre o tema, imagens de assentamentos, os locais no mapa e destaques sobre eventos históricos ou conquistas significativas. Cada grupo será responsável por explicar sua contribuição, destacando:

- A importância dos assentamentos para a reforma agrária no Piauí;
- O impacto cultural e social das ações do MST;

- Os desafios e repressões enfrentados pelo movimento.

3º Momento:

O professor organizará o debate, ligando os pontos levantados pelos três grupos e, quando julgar necessário, adicionando informações.

2.3.3 Proposta Metodológica de Ensino II

Metodologia: [Estudo de Caso](#);

Conteúdo: Direitos Humanos. Acesso à Cultura e Desigualdades Regionais no Brasil – 9º ano do Ensino Fundamental;

Habilidade: EF09HI16;

Cortes do Filme:

00:27:15 – 00:28:32

00:34:54 – 00:39:49

Pesquisa nas Redes:

[Pesquisa do IBGE mostra como é desigual o acesso à cultura e ao lazer | Jornal Nacional | G1](#);

[Novos recortes geográficos do IBGE detalham desigualdades do país em 2023 | Agência de Notícias.](#)

Pondo em Prática:

Partindo da ideia de que os alunos foram brevemente apresentados aos trechos de Tapete Vermelho, a proposta encaminha que o professor contextualize a importância do acesso à cultura e

provoque a reflexão de como o cinema brasileiro representa a história e os valores do país. Para uma sistematização do conteúdo apresentado, o professor pode conduzir uma conversa com questões como:

- Por que o cinema é importante para a construção da memória e da identidade cultural de um país?
- Como as desigualdades de acesso à cultura afetam a compreensão que temos de nossa história?
- Você acha que todos no Brasil têm as mesmas oportunidades de acesso à cultura? Por quê?

Sugestão de Atividade:

O professor apresenta a ideia de realizar uma **Mostra Cultural Escolar**, em que os alunos escolhem trechos de filmes brasileiros que consideram marcantes. Cada grupo de alunos escolhe um filme com temática histórica (indicados pelo professor ou escolhidos em conjunto com a turma). Eles são orientados a identificar no filme um evento histórico, uma crítica social ou uma reflexão cultural que mereça destaque. O professor apoia na escolha e fornece materiais complementares para análise. Os alunos com acesso a dispositivos e Internet podem trazer os trechos prontos (máximo de

minutos) para a próxima aula e, aqueles que não, receberão ajuda do professor para selecionar e organizar os trechos na escola. Dependendo da infraestrutura da escola, a mostra pode ocorrer na sala de aula, se destinada apenas para a turma que construiu a atividade. No auditório ou biblioteca, caso outras turmas possam ser convidadas.

Realização da Mostra:

Cada grupo prepara uma apresentação curta (5 minutos) sobre o filme ou trecho escolhido, apontando:

- Contexto histórico abordado no filme;
- Conexões entre os eventos retratados e desafios sociais atuais;
- Impressões pessoais sobre a relevância da obra;
- Os trechos selecionados são exibidos durante a mostra, seguidos pelas apresentações dos alunos.

No caso de escolas que não possuem os recursos necessários para a exibição dos trechos, a atividade pode ser baseada em análise de roteiros ou sinopses dos filmes. A impressão de imagens e pôsteres dos filmes, ainda selecionados em conjunto com os alunos, pode trazer o aspecto visual para a mostra, bem como uma produção dos alunos de cartazes com desenhos, curiosidades, resenhas ou resumos dos filmes e as questões norteadoras, que poderão ser expostos nas salas de aula ou corredores da escola.

2.3.4 Proposta Metodológica de Ensino III

Metodologia: [Gamificação](#);

Conteúdo: Preconceito Linguístico e Cultural. Contextos Históricos e Sociais das Variedades Linguísticas Brasileiras – 9º ano do Ensino Fundamental;

Habilidade: EF09HI16;

Cortes do Filme:

00:27:14 – 00:29:43

00:32:48 – 00:36:03

Pesquise nas Redes:

[AMPLIFICA por Emicida - Preconceito linguístico no dia a dia - YouTube](#);

[Por que sentir orgulho do caipira? | Podcast | Rádio Brasil de Fato](#).

Pondo em Prática:

Depois de assistir em conjunto aos trechos de **Tapete Vermelho**, o professor apresenta à turma o contexto histórico das diversidades linguísticas no Brasil, destacando como os processos de colonização, imigração, escravidão e urbanização contribuíram para

a formação dos diferentes sotaques, dialetos e expressões regionais. A atividade conecta a diversidade linguística às desigualdades históricas entre regiões urbanas e rurais, ao impacto da industrialização e urbanização, e às migrações internas no Brasil. Ao final, os alunos devem refletir sobre como os processos históricos moldaram a maneira como as diferentes formas de falar e os costumes são percebidos e hierarquizados. Com base nisso, os alunos participarão de um **Quiz Interativo sobre Expressões Regionais**, que será uma atividade gamificada para promover o aprendizado.

Como realizar a atividade:

O professor pode criar o quiz utilizando plataformas gratuitas como [Quizizz](#), [Quizlet](#), [Canva](#) ou [Google Forms](#). Essas ferramentas permitem criar perguntas interativas com opções de múltipla escolha e elementos visuais como imagens e mapas.

Estrutura do Quiz:

Perguntas podem incluir expressões regionais, curiosidades históricas sobre os dialetos, ou características culturais das diferentes regiões do Brasil.

- Exemplo: Qual expressão é usada no Piauí para dizer que uma pessoa está exibida ou querendo aparecer? (a) Amostrado; (b) Leso; (c) Invocado.

O professor irá dividir a sala em grupos e cada um responderá às perguntas em tempo real, acumulando

pontos. Após cada resposta, o professor explicará o contexto histórico ou social das expressões e costumes abordados.

2.3.5 Proposta Metodológica de Ensino IV

Metodologia: [Sala de Aula Invertida](#);

Conteúdo: Contrastes Entre a Vida Rural e Urbana. Preconceitos e Estigmas contra Populações Rurais – 4º ano do Ensino Fundamental;

Habilidade: EF04HI09;

Cortes do Filme:

00:27:14 – 00:29:43

00:32:48 – 00:36:03

Pesquisa nas Redes:

[Aula de História: Zona Urbana e Zona Rural - YouTube](#);

[Cem anos de preconceito contra o caipira.](#)

Ponto em Prática:

A proposta pretende auxiliar na conscientização dos alunos quanto aos preconceitos enfrentados por populações rurais ao se deslocarem para áreas urbanas, relacionando essas situações à realidade brasileira e às suas próprias vivências. Com a metodologia de Sala de

Aula Invertida, os alunos deverão previamente assistir aos cortes do filme Tapete Vermelho em casa e, em seguida, pesquisar informações complementares em reportagens e artigos.

1º Momento:

Com a mediação do professor, os alunos utilizarão das informações obtidas para relacionar as situações retratadas no filme com a realidade brasileira e experiências próprias.

Depois da exposição inicial da turma, o professor a dividirá em dois eixos para a criação de uma tabela comparativa:

- **Campo:** Qualidade de vida, acesso a serviços, trabalho, cultura local;
- **Cidade:** Oportunidades, infraestrutura, preconceito contra migrantes, cultura urbana.

Questões Norteadoras para Cada Discussão:

- Como o filme retrata as dificuldades da população rural em acessar espaços culturais na cidade?
- Quais são os principais obstáculos enfrentados por personagens rurais, como Quinzinho, ao se deslocarem para áreas urbanas?
- Quais vantagens e desvantagens existem em cada contexto (campo e cidade)?

- Como os contrastes entre campo e cidade influenciam a perpetuação de estigmas e preconceitos contra populações rurais no Brasil?
- O que pode ser feito para reduzir essa desigualdade?

2º Momento:

Para valorizar experiências pessoais dos alunos e aproximar as vivências retratadas no filme da realidade local, haveria uma participação dos alunos no compartilhamento de histórias pessoais ou familiares relacionadas à vida em áreas rurais.

Questões Norteadoras para Cada Discussão:

- Algum familiar ou conhecido já enfrentou preconceito ao se mudar para uma cidade grande?
- Quais tradições ou costumes do interior são valorizados na sua família?
- Relacione as histórias compartilhadas aos temas do filme, como preservação cultural, dificuldades no acesso à educação e lazer, e preconceitos enfrentados.
- Quais semelhanças e diferenças podem ser observadas entre as experiências reais dos alunos e as vivências dos personagens de **Tapete Vermelho**?

2.4.1 Resenha do Filme

Anjos do Sol (2006), de Rudi Lagemann, é composto por renomados atores do cinema brasileiro, como Antonio Calloni, Vera Holtz, Chico Diaz e Otávio Augusto. Entretanto, é a atuação de Fernanda Carvalho que se destaca. Ela interpreta a protagonista Maria, uma menina de doze anos que, após ser vendida pelos pais, embarca em uma longa jornada pelo Brasil.

O filme é iniciado com a chegada de um homem a uma comunidade isolada. Vestindo um terno, a figura dele contrasta a paisagem ao redor, o que desperta olhares de estranheza por parte dos moradores do local. Em seguida, é acolhido em uma modesta moradia, em que conversa com outro homem. Tadeu, que traça um terno, observa as crianças se encontram sentadas do lado de fora da casa. O pai chama a primeira menina, Luzia, que, depois de um breve exame efetuado por Tadeu, é dispensada devido à sua aparência adoentada. Em seguida, Maria é chamada e, após uma rápida avaliação, é considerada adequada, satisfazendo as exigências do homem.

A mãe observa a cena à distância, sem interferir. Depois de Maria ter sido escolhida, o pai demanda reunir os pertences necessários. Mesmo com o claro desejo de Maria de permanecer em casa, a mãe tenta suavizar o medo da filha, afirmando que a partida com Tadeu poderia proporcionar uma vida melhor, com melhores condições de trabalho e moradia. Enquanto isso, o pai recebe de Tadeu o pagamento. Do lado de fora, a mãe questiona Tadeu acerca de Raquel, outra filha que tinha sido levada anteriormente. Com postura

hesitante e ansioso para partir, ele responde de forma breve, afirmando que a menina está sendo bem cuidada.

Em seguida, Tadeu e Maria partem de barco, iniciando uma longa jornada. Durante o trajeto, fazem uma parada e são transportados por caminhão até outro local. O veículo é conduzido por um segundo homem, que os leva a uma casa que parece tão simples quanto a de Maria. De dentro dela, diversas meninas saem, chorosas e amedrontadas. Demonstrando ansiedade e sem querer atrair atenção, Tadeu rapidamente as conduz para a traseira do caminhão, em que são escondidas e amontoadas entre caixas, detidas por grades. Esse momento marca mais um passo no processo de desumanização, em que as meninas são tratadas meramente como mercadorias ilegais.

Finalmente, chegam a uma casa maior, em que são novamente colocadas em fileiras e submetidas a um novo exame, agora diante do olhar crítico de uma mulher. Ela informa que irá ajudar a todas e as orienta a descansar e se limpar. A mulher acrescenta que, à noite, as meninas receberão vestidos novos para impressionar os homens que chegaram com o suposto propósito de adotá-las e oferecer uma vida melhor. Na cena posterior, as meninas descem as escadas, agora vestidas e maquiadas, mais uma vez expostas aos olhares avaliadores de diversas pessoas.

A dona do local apresenta as meninas, destacando quais são as mais valiosas, elogiando e enumerando os atributos que possuem, em um momento que funciona como um leilão. Os homens presentes, dispostos a pagar pelas que consideram as melhores, competem e oferecem lances cada vez maiores. Quando

a mulher puxa Maria para o centro, apresenta a garota como uma beleza típica do nordeste do país. Maria é escolhida por um fazendeiro, Lourenço, que deseja dá-la como um presente para o filho. Notando a oportunidade, a mulher abre margem para uma negociação e oferece mais uma garota como um bônus, por um valor inferior. A segunda garota aparenta ser mais experiente e raivosa, o que justifica o custo reduzido.

Logo depois, o fazendeiro as conduz até uma casa antiga e as acomoda em um sofá, enquanto sai para buscar o filho. Durante esse momento, Maria conversa com a outra garota, Inês, que a aconselha a simplesmente ceder aos desejos dos homens, já que, segundo ela, não há mais retorno do ponto em que se encontram. Quando o fazendeiro retorna, traz consigo o filho, Edgar, e o apresenta ao presente que adquiriu para ele. O homem empurra Maria e o filho para um quarto na casa, e a garota, até então apática durante todo o trajeto, se recusa a ceder. É indicada uma luta corporal entre ela e o garoto, que afirma que Maria agora lhe pertence. Lourenço interfere ao ouvir os gritos de Maria, encontrando os dois em meio à disputa física, e instrui o filho a bater nela, pois apenas assim ela aprenderá a obedecer.

Para o fazendeiro, isso representa uma lição fundamental na formação masculina: o filho deve assumir o controle, dominar e impor os desejos – inclusive sexuais – mesmo contra a vontade da mulher. Lourenço espera que o filho aja com brutalidade e demonstre autoridade, mas, diante da hesitação de Edgar, decide mostrar pessoalmente como se faz. O

fazendeiro faz Maria se deitar na cama e, diante o olhar do filho, a violenta. Depois da lição, ao deixarem o quarto, ele chama um funcionário para discutir o destino das meninas. Informa que, naquela noite, Inês poderia ser utilizada pelo homem, mas que, no dia seguinte, ambas deveriam ser enviadas a uma boate no Norte, onde ele mantinha negócios.

As meninas são levadas de jato e, novamente, tratadas como mercadorias. Ambas aparentam estar exaustas e apresentam marcas dos abusos brutais que sofreram na noite anterior. Ao chegarem a pequena comunidade associada ao garimpo, são encaminhadas à Casa Vermelha, que seria o novo lar delas. Logo ao entrarem, presenciam uma discussão entre um homem e uma garota sobre dinheiro, em que ele a agride. Em poucos instantes, ao notar a chegada de novas pessoas, o homem, que se apresenta como Saraiva, explica que a garota, Celeste, é a única no local que sabe ler e contar, o que, segundo ele, faz com que tente enganá-lo. O piloto do avião percebe uma margem para apresentar as novas meninas, junto com o restante da carga transportada.

Saraiva, ao admirar as recentes posses do estabelecimento, apresenta o funcionamento do local: ele fornecerá abrigo, alimentação, remédios e roupas, mas, em troca, elas deverão ceder aos clientes dele. Ele as ameaça, advertindo que qualquer tentativa de fuga seria fracassada, visto que estavam cercados por uma mata densa. Como exemplo, conta que a última garota que tentou escapar foi capturada por ele no meio da floresta e morta. Conduzidas aos seus quartos, as jovens recebem mais recomendações e regras. O quarto é

pequeno, com grades, e há apenas um banheiro para todas. Durante o dia, receberão apenas almoço e jantar, e à noite deverão servir aos homens, mesmo em meio a brigas e bebedeiras. Até mesmo os itens aparentemente oferecidos, como roupas, são registrados para serem cobrados posteriormente, com o pagamento sendo exigido através da exploração de seus corpos. O primeiro abusador de Maria naquele lugar é Saraiva.

Ao anoitecer, após Saraiva anunciar a chegada das novas meninas, uma longa fila de homens é formada na frente da boate, todos se dirigindo aos quartos das jovens após o pagamento. São inúmeros, entrando e saindo dos quartos. Na manhã seguinte, Inês acorda Maria e informa que tem intenção de fugir. Inês expressa que o destino para qual irá seguir é irrelevante, mas que não permanecerá mais naquele local. Apesar de estar ferida e exausta, Maria, apesar de consciente das dificuldades que poderiam enfrentar, decide seguir Inês e arriscar tudo para deixar o lugar. No corredor, elas se deparam com Celeste, que as alerta novamente sobre os perigos da mata. No entanto, ainda se compromete a mostrá-las pelo caminho que leva à mata.

Enquanto Saraiva dorme profundamente no bar, Celeste se aproxima discretamente e encontra a chave que está próxima à rede dele. Ela oferece às meninas sapatos e frutas para que levem e, em seguida, abre a porta. As duas partem, conscientes de que não podem parar, pois Saraiva logo irá atrás delas. As meninas atravessam os garimpos e rios, enquanto Saraiva, outros homens e cachorros farejam os rastros delas. Ao anoitecer, ainda em fuga, elas acendem uma fogueira e conversam. Ambas estão feridas pelos abusos sofridos.

Maria questiona o motivo de fazer aquilo, se o processo é tão doloroso e que Inês responde que nem sempre dói.

Inês, assim, revela como foi expulsa de casa: a mãe a flagrou sendo violentada pelo padrasto. O homem foi perdoado, mas a filha foi vendida. Dessa forma, apesar da troca fuga determinada, a garota não tem uma casa para retornar.

Na manhã seguinte, a fuga e a busca continuam. Depois de uma longa jornada, as meninas finalmente encontram uma casa. Os moradores as acolhem, oferecendo comida, abrigo e segurança por uma noite. O homem assegura que, no dia seguinte, as levará até a estrada para que possam continuar com o caminho. Todavia, após dormirem, ele trai a promessa e entrega as meninas a Saraiva, que as captura e, amarradas, as leva de volta à boate. No estabelecimento, Saraiva reúne todas as garotas e inicia uma busca para descobrir quem ajudou na fuga. Ele bate em Maria, exigindo saber quem a ajudou. Com um facão, ele ameaça Inês, mas ambas permanecem em silêncio. Como punição, estabelece que Maria terá um mês de trabalho sem remuneração. Em seguida, leva todas para fora, amarra Inês ao carro e acelera, arrastando-a pela rua. As outras meninas, impotentes, assistem enquanto Inês é brutalmente arrastada até a morte.

Na cena seguinte, Maria é mostrada acorrentada no quarto, sendo obrigada a receber vários clientes da boate. Durante o mês do castigo, ela apenas sai do quarto para ir ao banheiro, sempre sob supervisão. Quando o período de punição é findado, Maria volta a se juntar às outras meninas para as refeições. Um pequeno conflito surge entre elas, pois algumas

consideram o lugar agradável, já que recebem pagamento, entretenimento e a oportunidade de conhecer novas pessoas. No entanto, Maria, ainda afetada pela perda de uma amiga e pelos abusos constantes que sofreu durante todo o mês, não consegue enxergar nenhuma vantagem naquele ambiente.

Com o passar dos meses, o ritmo da narrativa acelera, e Maria, endurecida pela rotina e já acostumada à vida na boate, perde o medo que antes a paralisava. Quando Saraiva ameaça Celeste, Maria ergue uma garrafa de vidro em uma ameaça silenciosa, deixando clara a possibilidade de réplica se ele machucasse a amiga. Outro ato de transgressão de Maria é em relação ao seu cabelo: mesmo após Saraiva insistir que ela o deixasse crescer, pois julgava ser o mais bonito e adequado, ela continua a mantê-lo curto, como quando

saiu de casa. Apesar das adversidades, existem breves momentos de risadas e alívio entre as meninas, que juntas encontram formas de suavizar as dificuldades do cotidiano na boate, resistindo diante do constante abuso. Durante a Copa do Mundo, o fazendeiro que adquiriu Maria como um presente faz uma visita à boate. Ele questiona Saraiva sobre as meninas, e este menciona o destino de Inês, minimizando seus atos violentos. Ao se aproximar de Maria e afirmar que ela é “quase da família”, Maria reage com furor e cospe nele. Irritado, o fazendeiro impede Saraiva de aplicar um castigo, afirmando que ele cuidará do assunto. Lourenço, então, leva Maria para o quarto dela. Depois que o fazendeiro sair do quarto, Saraiva comenta sobre a teimosia da garota,

mencionando que está considerando enviá-la para o garimpo. Entretanto, Lourenço pede que, enquanto estiver na boate, que a garota permaneça. Escutando aquilo, Maria determina que deverá fugir, mesmo sabendo que fuga seria ainda mais desafiadora, dado que Saraiva passou a manter as chaves sempre no bolso e contratou um segurança para vigiar a porta da boate.

Maria afirma que tem um plano para escapar de sua situação e, para executar, pede mais uma vez o auxílio de Celeste. Em resposta, Celeste a oferece o número de telefone de uma conhecida no Rio de Janeiro, que poderá ser um apoio caso a fuga se concretize. Ambas estão cientes de que, se Saraiva encontrar Maria, a vida estará em grande risco. Dessa forma, enquanto os homens estão focados na partida da Copa do Mundo, Maria inicia o plano de fuga. Aproveitando que o momento em que segurança deixa o posto quando o jogo começa, foge rapidamente.

Com a lanterna que recebeu de Celeste, Maria corre incessantemente, sem parar nem mesmo para descansar. Sem repetir os erros passados, ignora a casa em que foi capturada por Saraiva. Na manhã seguinte, é acordada pelos latidos dos cachorros de Saraiva e, em desespero, continua a corrida pela mata. Na correria, não percebe um carro que quase a atropela. Desesperada, implora por uma carona. Ao ver Maria sendo levada pelo carro, Saraiva ordena aos seus capangas que devem dizer para todos que a menina se afogou no rio.

Depois da carona inicial, Maria continua pedindo ajuda aos caminhoneiros até conseguir entrar em contato com Vera, a mulher do Rio de Janeiro. Vera, então, vai ao seu encontro. Entretanto, apesar da necessidade de Maria em se afastar dos ambientes em que era explorada, Vera a leva para uma casa em que outras meninas, de idades semelhantes, aguardam. Ao perceber que Maria não possui documentos, Vera produz uma identidade falsa, utilizando o nome de uma garota falecida. A partir daquele momento, Maria deveria ser Isabela, uma garota com quase dezoito anos.

Na casa, Maria recebe sapatos de salto, roupas e uma peruca para parecer ser mais velha. Na mesma noite, Vera a leva para sair e afirma que, em breve, Maria ganhará muito dinheiro, pois será apresentada a estrangeiros amigos dela. Percebendo que estava novamente caindo em um ciclo de abuso, Maria aproveita o momento em que Vera faz uma pausa para buscar um amigo francês em um bar e foge do carro. Mais uma vez, ela escapa e tenta pedir carona nas avenidas. Contudo, a ajuda demorada, uma vez que diversos caminhoneiros a ignoram, tem um preço já conhecido: o próprio corpo.

Anjos do Sol encerra informando que o enredo é baseado em fatos reais, extraídos da imprensa e de organizações governamentais brasileiras. Isso revela não apenas a gravidade da exploração sexual infantil, mas também a complexidade do ciclo de violência, que se sustenta por meio de uma rede de conexões entre associações criminosas relacionadas ao tráfico sexual, pela ausência de punições severas, dado que indivíduos de grande influência e poder beneficiam-se desse

mercado exploratório, e em conjunto com a naturalização do abuso sexual dentro da sociedade brasileira.



2.4.2 Proposta Metodológica de Ensino I

Metodologia: [Mapas Mentais](#);

Conteúdo: Violência Contra as Mulheres. Exploração e Tráfico Sexual. Direitos Humanos – 3º ano do Ensino Médio;

Habilidade: EM13CHSA502;

Cortes do Filme:

00:04:32 – 00:06:30

00:31:03 – 00:34:02

Pesquise nas Redes:

[Tráfico de pessoas e exploração sexual: entenda o que é e como denunciar | CLAUDIA](#);

[ECA ilustrado - Câmara dos Deputados](#).

Pondo em Prática:

Com o objetivo de apresentar um contexto histórico e social do tráfico humano e da exploração

sexual infantil no Brasil, dando destaque para a vulnerabilidade de mulheres e meninas, será promovida uma discussão da figura de Maria tanto no filme **Anjos do Sol** quanto na música **Maria, Maria** de Milton Nascimento.

1º Momento:

Exibição de cenas selecionadas do filme **Anjos do Sol**, com foco nas representações de violência de gênero e na trajetória da protagonista Maria, com reflexão acerca das condições que a levam a ser traficada e explorada. Para, então, apresentar a música **Maria, Maria** de Milton Nascimento. Durante a exibição de ambos, o professor e a turma devem discutir as formas de representação das temáticas de violência, resistência e luta por liberdade.

2º Momento:

O professor irá dividir a turma em grupos para construção de mapas mentais que liguem as temáticas apresentadas no filme e na música. Cada grupo ficará encarregado de das seguintes temáticas:

- Causas estruturais do tráfico humano e da exploração sexual;
- Impactos sociais e emocionais da violência de gênero;
- Representações artísticas como ferramentas de resistência e conscientização;
- A figura de Maria como símbolo de luta e sobrevivência.

Após o período estipulado para a construção dos

mapas, cada grupo apresentará o seu para a turma, focando nas conexões feitas entre os pontos abordados.

Questões Norteadoras:

- De que maneira o filme **Anjos do Sol** e a música **Maria, Maria** colaboram para a reflexão sobre exploração sexual e violência de gênero?
- Qual é a importância das representações artísticas na conscientização sobre problemáticas sociais?
- Como a figura de Maria pode ser interpretada como símbolo de luta e sobrevivência em condições desafiadoras?
- Em que medida a história de Maria no filme retrata questões estruturais da sociedade brasileira, como pobreza e desigualdade?

2.4.3 Proposta Metodológica de Ensino II

Metodologia: [Aprendizagem Baseada em Problemas](#);

Conteúdo: ECA. Violação de Direitos – 3º ano do Ensino Médio;

Habilidade: EM13CHSA605;

Cortes do Filme:

00:04:32 – 00:06:30

00:31:03 – 00:34:02

Pesquisa nas Redes:

[Linha do tempo dos direitos da infância e da adolescência no Brasil;](#)

[Documentário "Desumanidades: cinco relatos sobre violência sexual".](#)

Pondo em Prática:

Levando em consideração que o filme Anjos do Sol aborda situações de extrema violência que, durante o momento final, são apresentadas como resgatadas de notícias divulgadas no período e dados governamentais, em seguida da exibição dos trechos do filme, o professor deve promover uma roda de conversa que levante as primeiras impressões dos alunos, e então passar para a atividade proposta para a aula.

1º Momento:

Cada grupo receberá um caso fictício, mas ainda inspirado em situações reais, de violação de direitos de crianças/adolescentes. Os alunos devem sugerir soluções baseadas em pesquisas e legislações, como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), e discutir ações sociais e governamentais.

Casos Fictícios:

- **Caso 1:** Uma garota de 12 anos trabalha em uma feira livre, vendendo frutas e auxiliando os pais. Durante o dia, ela enfrenta abordagens de adultos que tentam explorá-la sexualmente. O grupo precisa debater como

denunciar os atos dos adultos e proteger a criança;

- **Caso 2:** Uma adolescente de 13 anos, antes amparada por um abrigo, desaparece e é encontrada em uma situação de exploração sexual. O grupo deve desenvolver campanhas preventivas e protocolos de segurança;
- **Caso 3:** Em uma comunidade ribeirinha, meninas são aliciadas por homens que passam de barco oferecendo dinheiro e presentes. Os alunos precisam sugerir medidas de conscientização para proteger essas crianças;
- **Caso 4:** Uma operação policial desmonta uma rede de exploração sexual que age em hotéis e bares. O grupo precisa desenvolver campanhas educativas para comunidades vulneráveis;

Questões Norteadoras:

- Quais aspectos da legislação do ECA são pertinentes para o caso?
- Como a sociedade pode atuar na prevenção de violações de direitos de crianças e adolescentes?
- Quais medidas governamentais poderiam ser utilizadas para lidar com essa situação?
- De que maneira a comunidade pode auxiliar na proteção e conscientização dos direitos infantis?

- Que campanhas educativas poderiam ser produzidas para prevenir novos casos semelhantes?

3º Momento:

Cada grupo apresentará as soluções discutidas para o resto da turma e participará de um debate geral acerca das propostas construídas.

2.4.4 Proposta Metodológica de Ensino III

Metodologia: [Teatralização](#);

Conteúdo: Protocolo de Palermo – 3º ano do Ensino Médio;

Habilidade: EM13CHSA605;

Cortes do Filme:

00:02:56 – 00:06:12

00:10:58 – 00:14:54

Pesquise nas Redes:

[Tráfico de Pessoas — Ministério da Justiça e Segurança Pública](#);

[Lei 13.344/16 — Marco Legal do Tráfico de Pessoas no Brasil | Jusbrasil.](#)

Pondo em Prática:

A proposta tem como objetivo trabalhar a criticidade diante dos mecanismos de prevenção e

combate a prática do tráfico humano, evidenciando os papéis de legislações internacionais, como o Protocolo de Palermo, e a relação presente com o contexto brasileiro. No ato de conectar teoria, legislação e os cortes do filme, a atividade pretende direcionar os alunos para a problemática e incentivar reflexões acerca de soluções efetivas.

1º Momento:

Será o espaço para a exibição dos cortes do filme, com objetivo de introduzir a problemática do tráfico humano, o professor pedirá aos alunos para observar aspectos que se conectem à legislação do Protocolo de Palermo, que será repassado à turma.

2º Momento:

A turma será dividida em grupos. Cada grupo receberá um corte do filme para encenar, cabendo aos alunos escolherem a divisão dos personagens, falas e atos. Com isso, irão criar uma cena teatral que inclua os elementos de prevenção e combate descritos no Protocolo de Palermo.

Os alunos irão analisar os cortes recebidos e, a partir de sua própria criatividade e julgamento, criarão cenas que explorem reações distintas às situações apresentadas. O objetivo é que considerem como

reagiriam se estivessem na situação retratada, conectando as encenações à legislação.

Questões Norteadoras:

- O que funciona bem no Protocolo de Palermo e no Brasil?
- Quais ações ou adaptações são necessárias para torná-lo mais eficaz em cenários como os apresentados no filme?
- Como o Protocolo de Palermo pode contribuir para a prevenção de novas situações de tráfico humano?
- Quais são os impactos sociais e econômicos do tráfico de pessoas no contexto brasileiro?

2.4.5 Proposta Metodológica de Ensino IV

Metodologia: [Aprendizagem Baseada em Projetos](#);

Conteúdo: Exploração Infantil. Desigualdade Social. Vulnerabilidade no Brasil – 3º anos do Ensino Médio;

Habilidade: EM13CHSA605;

Pesquisa nas Redes:

[Cenário do trabalho infantil e da exploração de crianças e adolescentes no Brasil | CNDE;](#)

[Abuso infantil e a exploração de crianças e adolescentes | Politize!.](#)

Cortes do Filme:

00:03:12 – 00:07:36

00:23:42 – 00:27:02

Pondo em Prática:

O filme **Anjos do Sol** será utilizado como instrumento para debater questões sociais e históricas. A aula será baseada em estudos de casos, partindo de momentos de exibição do filme, até a discussão e produção em grupo..

1º Momento:

A turma será dividida em três grupos, cada um ficará responsável por um tema extraído do filme:

Grupo 1: Situação financeira e a venda de Maria;

Questões norteadoras:

- O que motiva a decisão da família de Maria de vendê-la?
- Quais as raízes históricas da pobreza no Brasil?

- Que políticas poderiam reduzir esse cenário?

Grupo 2: Organizações sistemáticas do tráfico humano;

Questões norteadoras:

- Como o tráfico humano é retratado no filme?
- Que leis existem para combater essa prática?
- Quais são as pessoas envolvidas no sistema?

3º Momento:

Cada grupo deverá elaborar um projeto que apresente possíveis soluções para as problemáticas discutidas. Os projetos podem incluir:

- Criação de uma campanha para o combate da exploração infantil e do tráfico humano, por meio de cartazes ou vídeos;
- Produção de uma proposta de políticas públicas voltadas para a diminuição da desigualdade social;

Os alunos deverão apresentar os projetos durante o final da atividade. Durante as apresentações, o professor mediará uma roda de conversa para abarcar os diferentes pontos de vista dos grupos.

2. Eixo Temático II (Violência)

O debate sobre como podemos definir ou pensar a violência torna sempre uma discussão de ordem filosófica, como e quando eu posso considerar violência? Em que ponto a abordagem do Estado ao cidadão torna-se abusiva e violenta? E nesse mesmo parâmetro o inverso? Quais palavras ou tons tornam ofensiva as ações? É possível determinar um parâmetro entre uma palmada como violência ou uma forma “educativa”? Podemos considerar o xingamento do trânsito como alguma violência? Enfim, quais os parâmetros possíveis e aceitáveis para determinar a violência?

Podemos dizer que a violência não só está diretamente atrelada ao contexto de uma sociedade como também aos seus valores culturais e históricos, dentro das construções sociais e dos seus agentes e as formas de agir. Desta forma a existência da violência está no contexto de mundo como uma ação de controle, de opressão, de vingança de atitude de uma cultura ou até mesmo o próprio enfrentamento entre as formas de ação entre duas culturas.

Ao longo da história a violência foi praticada de formas mais explícita em sua prática, não economizavam nas mais diversas formas de crueldade. A punição era de uma forma onde os criminosos eram castigados severamente, criando mecanismos que geram a dor e de forma mais prolongada possível o martírio, tendo seus corpos mutilados e torturados em praças públicas faz da punição cada vez mais complexa

no mecanismo de causar dor. Desta forma o ato de matar alguém pode parecer muito simples, mas o que importa é a dor causada e quanto mais intensa “melhor”.

A violência pode ser natural ou artificial.

No caso natural temos onde ninguém está livre da violência, ela é um ato próprio a todos os seres. No caso artificial, a violência é caracterizada pelo excesso de força entre pessoa para pessoas ou de grupo a grupo.

O termo violência (Dicio, 2024) significa; qualidade ou característica de violento; ato de crueldade; emprego de meios violentos; fúria repentina; ou ainda, coação que leva uma pessoa à sujeição de alguém. O termo indica algo fora do estado natural, algo ligado à força, ao ímpeto, ao comportamento deliberado que produz danos físicos tais como: ferimentos, tortura, morte ou danos psíquicos, atrelado a humilhações, ameaças e ofensas. A prática da violência expressa atos contrários à liberdade e à vontade de alguém e reside nisso sua dimensão moral e ética.

Com as revoluções burguesas nos possibilitará a perceber que a estrutura social que se definia precisava de novas normas para produzir o convívio pacífico, o modelo penal deixou a punição física para aderir a reeducação e reinserção dos criminosos em sociedade². Por isso, que o conceito está muito atrelado a ideia de crime hediondo, algo que se

² A mudança punitiva não tira o ato em si de uma forma violenta como o perceberemos mais a frente teremos uma outra forma de violência, uma mudança a qual o Zizeck vai descrever como uma da forma de violência possível.

apresente de forma visceral, onde o elemento do físico esteja sempre presente deve levar a vítima a mutilação, a perda ou a incapacidade física. Essas características gerais do conceito de violência ganham grandes mudanças ao longo do tempo e no espaço, onde os padrões culturais de cada grupo ou época serão ilustradas pelas dificuldades existente no conceito.

Temos ainda que considerar que o termo violência está na ordem do dia. Temos programas de televisão ou na internet em que a violência é seu carro chefe. A visão popular possui um imediatismo com relação a ela sendo assim um modo simplificado e parcial. A própria linguagem usada com relação à violência estar revestida de pressupostos ideológicos, o que nos leva a cair na armadilha das distinções criadas por esse universo levando a perda do sentido global.

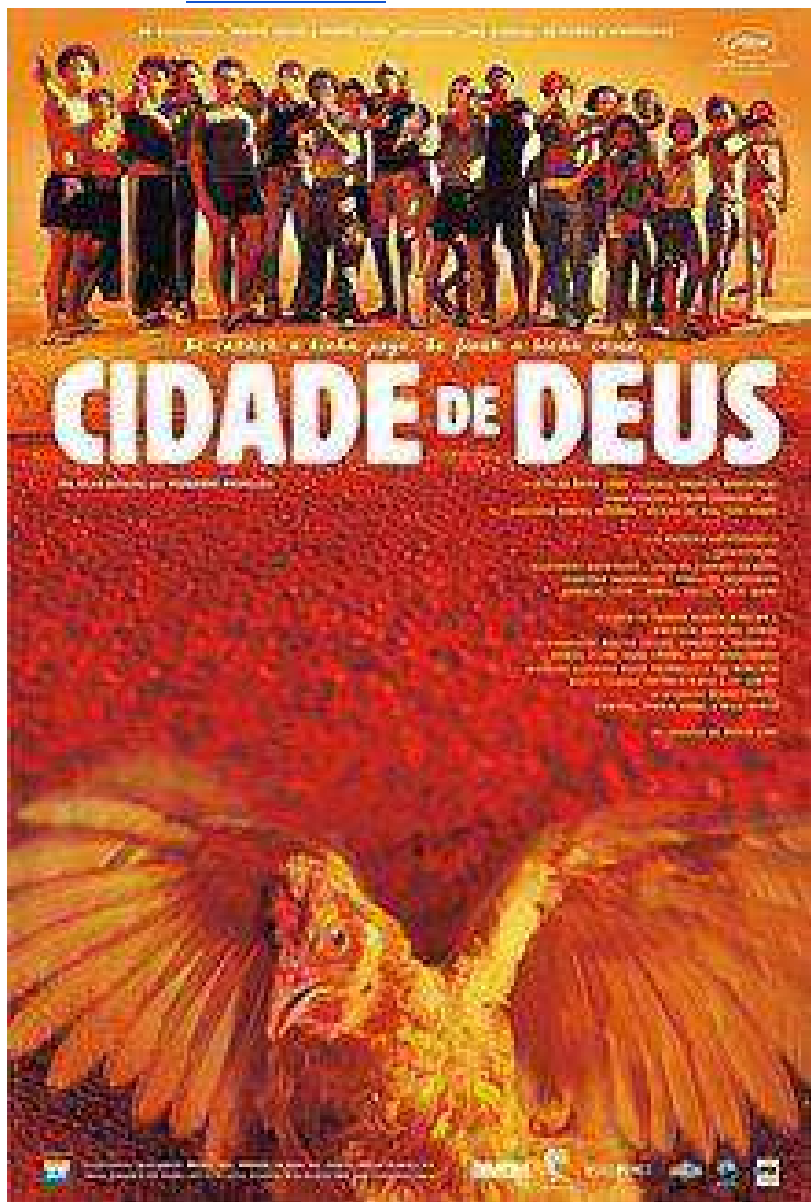
Os caminhos de debate sobre a violência ainda se fazem necessários em vista que como muitos outros pontos ele é relegado exatamente como nos colocou Žižek (2004) a uma construção efêmera ou sem um real respaldo de fato no social até porque como foi dito a violência é instrumento do mundo servido a um determinado fim, que ligado a conservação ou construção do poder será sempre plenamente justificável. Desta forma amanhã iremos acordar abrir nossas redes e teremos mais um Amarildo³ para

³ O pedreiro que desapareceu na favela da Rocinha no dia 14 de julho de 2013, após ser detido e levado por policiais militares da Unidade de Polícia Pacificadora da região. De acordo com a Justiça, ele foi torturado e morto por agentes na sede da Unidade. Seus restos mortais nunca foram encontrados. Os policiais somente alegaram que ele era um suspeito do tráfico e o levaram

justificar a violência como a necessidade de proteção da nossa “sociedade”.

Apresentamos o cinema como uma possibilidade de debate do tema neste eixo. A escolha dos filmes forma com base na percepção de um ato explícito de violar, poderíamos e conseguiríamos ver a violências em todas as obras deste catálogo? A resposta é sim, mas para permitir uma visão mais focada do tema estamos apresentando estas obras neste eixo, esperando que a análise proporcionada nos remeta a um olhar mais aguçado de outras obras cinematográficas.

3.1 Cidade de Deus



3.1.1 Resenha do Filme

Cidade de Deus (2002) dirigido por Fernando Meirelles e Kátia Lund, baseado no romance de Paulo Lins, destaca a brutalidade da criminalidade e dinâmicas de poder que acompanham o crescimento da favela Cidade de Deus, no Rio de Janeiro. O longa faz uso de uma ponte entre o realismo e a estrutura documental, enquanto segue as narrativas não-lineares de Buscapé, um aspirante a fotojornalista, que observa o crescimento rápido do tráfico de drogas e facções na comunidade em que nasceu. Indicado a prêmios internacionais e reconhecido pela revista britânica *Empire* como o sétimo entre os melhores filmes já produzidos mundialmente, projetou o cinema brasileiro a uma visibilidade proporcional à sua qualidade estética e narrativa, uma vez que as inovações que transformam a forma de contar histórias no cinema, reconfigurando a maneira como os eventos que compõem a trama são apresentados.

O filme se inicia com cenas entrecortadas. Uma galinha observa ao abatimento e preparo para o cozimento de outra. Ela parece saber que o destino dela é semelhante e, assim, foge, correndo pelos becos e vielas da favela, enquanto é perseguida por diversos homens armados. Um garoto, Buscapé, é acidentalmente colocado no meio da busca. Buscapé andava pelas ruas, mas a galinha se aproxima dele e os homens começam a gritar para que capture a galinha. Dessa maneira, é visto entre duas linhas de fogo: os homens armados que buscam a galinha e uma ronda

policial que se aproxima.

Sob a narração de Buscapé, somos transportados para a década de 1960 na Cidade de Deus, em que a sobrevivência é uma luta incessante. Em um campo de futebol, Buscapé promete contar a história dos que se aproximam dele após ele deixar a bola passar para o gol. Em seguida, o Trio Ternura, formado por Cabeleira, Alicate e Marreco, entra em cena dominando a bola dos meninos menores, fazendo manobras e finalizando com um disparo na bola, executado por Cabeleira. Por fim, o narrador apresenta Dadinho e Bené, dois garotos mais novos que frequentemente acompanhavam o Trio.

Buscapé afirma que nunca foi corajoso o suficiente para acompanhar o irmão, Marreco. Na cena seguinte, o motivo é revelado. Um caminhão carregado de botijões de gás aproxima-se pela rua, e o Trio Ternura, junto com Dadinho e Bené, corre na direção dele, os rostos escondidos com camisetas e armados. Eles detêm o caminhão de prosseguir, ordenam que o motorista saia e exigem dinheiro. Em seguida, começam a oferecer os botijões de gás aos moradores da comunidade, que rapidamente se aproximam para pegar os itens. O motorista é agredido e, nesse momento, a polícia chega, forçando o grupo a fugir e retornar ao campo de futebol. É mostrado, então, Marreco, entregando uma quantia em dinheiro a Buscapé, pedindo para levar para casa.

A Cidade de Deus surgiu como um espaço para moradores desabrigados por enchentes e incêndios em outras favelas, sendo caracterizada pela precariedade e isolamento em relação ao centro turístico e comercial do Rio de Janeiro. O local oferecia poucas

oportunidades para crescimento por caminhos lícitos. Buscapé e um amigo discutem sobre profissões que poderiam tirá-los dali, contrastando com Dadinho, que, apesar de ambicioso, desejava ascender ainda dentro da própria comunidade. Esse objetivo fica claro quando ele, frustrado, é relegado a apenas vigiar enquanto o Trio Ternura executa um assalto dentro de um motel.

Em seguida, o Trio Ternura rouba os pertences dos hóspedes. Após um disparo de Dadinho do lado de fora, como um aviso que a polícia se aproximava, eles fogem em um carro roubado, mas Dadinho desaparece. A cena seguinte revela diversas vítimas fatais no motel e o Trio retornando à Cidade de Deus. Após abandonarem carro em um bar, a polícia é acionada e um dos homens presentes informa sobre a localização dos fugitivos. Eles então se refugiam na mata, escondendo-se entre as árvores.

Aquele assalto, o mais violento da época, marca o destino de todos os envolvidos. Alicate, após horas escondido, decide abandonar o crime para evitar a própria morte. Marreco, pressionado pelo pai a buscar um trabalho honesto, confessa ao irmão Buscapé que apenas seguiu esse caminho por falta de estudo e demanda que o irmão seja diferente. Já Cabeleira, por sua vez, começa a se envolver com Berenice e se isola ao lado dela. Depois do assalto, a repressão policial na Cidade de Deus foi potencializada, com constantes detenções, espancamentos e mortes diárias, mas sem qualquer ação para mudar a situação na comunidade.

Dessa maneira, os participantes do assalto foram

forçados a buscar estratégias para permanecerem ocultos. Cabeleira, ainda escondido três meses após o acontecimento, continuava refugiado com Berenice, que o demandava a buscar um emprego ou a fugirem juntos, para que pudessem construir uma família distante da criminalidade. Ele, porém, afirmava que o trabalho honesto jamais lhe proporcionaria o dinheiro desejado. Enquanto isso, Marreco, apesar de trabalhar de acordo com as condições feitas pelo pai, continua a se envolver em problemas, iniciando um relacionamento com a esposa de Paraíba, o homem que denunciou o Trio à polícia. Quando Paraíba os descobre juntos no meio do ato, agride a esposa, forçando Marreco a fugir. Ele encontra Buscapé na rua e o convence a ceder sua bermuda para evitar ser identificado. A polícia aborda Buscapé e o leva para uma revista na casa dele. Após o incidente, Marreco nunca mais foi visto na favela.

Posteriormente, Paraíba enterra a esposa ainda viva, gerando repercussão imediata depois da denúncia de uma vizinha. Assim, com a favela ocupada por policiais em resposta ao crime, Cabeleira percebe que deverá fugir imediatamente. Ele e Berenice invadem um carro, mas, devido ao estado do veículo, o motorista diz que seria necessário que fosse empurrado para funcionar. Ao sair do carro, Cabeleira é avistado pela polícia, que inicia uma perseguição. A polícia dispara contra ele, e apenas Berenice consegue escapar. Os moradores, policiais e um fotógrafo do jornal se reúnem ao redor do corpo, registrando a cena. Buscapé, observando os acontecimentos, vê-se fascinado pela câmera fotográfica.

No corte seguinte, ocorre um salto temporal, revelando uma Cidade de Deus mais desenvolvida. Buscapé vai à praia com colegas de escola, levando uma câmera simples que conseguiu adquirir. Ele fotografa o grupo, atuando como fotógrafo oficial da turma mediante um pequeno pagamento, mas dedica especial atenção a Angélica, filha de sargento e alvo de um interesse adolescente. Em busca de agradá-la, Buscapé se aventura na favela para comprar maconha. Durante a estadia dele, ele tece uma breve introdução sobre a Boca dos Apês, destacando as mudanças nas lideranças, até que o local é assumido por Dadinho, agora conhecido como Zé Pequeno, destronando Neginho na administração do território.

Em seguida, Buscapé narra a história de Zé Pequeno. É revelado que, durante o assalto ao banco, Zé Pequeno, frustrado por ter sido excluído da ação e relegado à vigilância, tomou a iniciativa de entrar no motel e eliminar os que ainda estavam lá. Ciente de que seria punido na Cidade de Deus por essa atitude, decidiu fugir. Ao lado do companheiro Bené, encontrou meios de sobreviver. Da mesma forma, é exibido que ele foi o responsável pela morte de Marreco, irmão de Buscapé. A sua sede de violência marcou a reputação dele, tornando-o o criminoso mais temido e respeitado da Cidade de Deus.

Ao perceber que o tráfico gera mais lucro do que os assaltos, Zé Pequeno inicia uma campanha para tomar o controle de quase todos os pontos de venda de drogas da favela. Presente em um desses momentos, Buscapé presencia a tomada do ponto de Neginho e considera se vingar pela morte do irmão. No entanto,

decide não agir e tenta se retirar. Zé Pequeno, no entanto, o impede e incumbe ele de espalhar pela comunidade que agora é o novo dono daquele território. Buscapé, assim, descreve a linha de produção do tráfico de drogas e o envolvimento dos jovens que cresciam naquele ambiente, evidenciando que até mesmo os policiais integravam o sistema, recebendo uma parte grande do lucro. Enquanto Zé Pequeno lucrava com a expansão do poder na favela, Buscapé se percebia ainda mais temeroso. Ele buscava evitar esse universo, mas, ao mesmo tempo, precisava se esforçar mais para conseguir a maconha que fumava com Angélica, que havia terminado com o namorado, Tiago, e começava a dar margem para o aproximar.

Tiago frequentava a favela para comprar cocaína e, após o término do relacionamento, a presença dele se tornou ainda mais regular. Bené, agora gerente da Boca dos Apês, enxergava em Tiago não apenas um adicto, mas uma possível conexão entre a favela e o mundo de riquezas. Em uma cena, Bené entrega dinheiro a Tiago para que comprasse roupas de marca, formando uma relação de cumplicidade entre eles. Ao lado de Zé Pequeno, que era obcecado pelo objetivo de controlar a favela, Bené tinha pouca margem para lazer ou luxos, mas Tiago oferecia acesso a essas experiências. Em um momento, ambos vão à praia juntos e Bené é apresentado ao grupo de amigos de Tiago, incluindo Angélica. Ao retornar à Boca com as roupas compradas por Tiago, declara que se tornou *playboy*.

Na cena seguinte, Bené tenta convencer Zé Pequeno a não atacar Cenoura, outro concorrente no tráfico, durante uma festa. Enquanto Buscapé planeja

um momento a sós com Angélica, ela dança com Bené. O clima é interrompido quando uma comoção se espalha devido a uma briga entre Zé Pequeno e Cenoura, desencadeada pelos “meninos da caixa baixa”, um grupo de crianças que desrespeitava as regras da favela, principalmente nas áreas controladas por Cenoura. Era uma desregulação na Cidade de Deus que, sob o comando de Pequeno, era segura aos moradores. Ele afastava assaltantes, agressores e desordeiros, mantendo o crime de forma organizada.

Após mais um assalto promovido pelos meninos, Zé Pequeno decide agir. Ele reúne os jovens e atira neles, como forma de punição. Em seguida, escolhe um garoto envolvido na linha de frente do tráfico para que a lealdade dele seja provada e ordena que execute um dos meninos como demonstração de dedicação. O garoto obedeceu e, assim, entrou para a irmandade. A cena demonstra os sacrifícios exigidos para fazer parte do grupo e a implacável autoridade de Zé Pequeno. Enquanto isso, é mostrado que Bené conquistou Angélica, quem Buscapé tanto desejava. Sem namorada e sem perspectiva, Buscapé decide procurar um emprego, em busca de recursos para comprar uma boa câmera fotográfica. Entretanto, quando alguns meninos da caixa baixa entram no supermercado para trabalhar e interagem com ele, o gerente suspeita de um envolvimento criminoso e o demite, negando todos os direitos trabalhistas de Buscapé. Para ele, aquele momento era um sinal de que a honestidade não trazia recompensas.

Buscapé decide ingressar no mundo do crime. Assim, encontra o revólver do irmão, que outrora tinha

prometido nunca tocar, e entra em um ônibus com um amigo com o objetivo de realizar um assalto. No entanto, o cobrador, que também é morador da Cidade de Deus, o reconhece e aconselha os dois a estudarem para que possam sair da comunidade. Ele desiste do assalto e, junto com o amigo, decide ir até uma padaria. No local, a tentativa de assalto é falha, uma vez que a atendente flerta com Buscapé. Ao sair, eles encontram um paulista procurando informações sobre como chegar à Barra. Aproveitando a oportunidade, entram no carro sob o pretexto de levá-lo até lá. Ao perceberem a simpatia do homem, desistem novamente do roubo.

Passam de carro por uma frota policial, mobilizada pela descoberta do corpo de uma mulher assassinada. Em seguida, é mostrado que Zé Pequeno confronta Neguinho, responsável pela morte que atraiu o foco ainda maior das autoridades para a favela, e o pune. Bené, uma vez mais, assume o papel de mediador e impede que Zé Pequeno mate o homem. Em um momento posterior, Bené se encontra com Angélica, que pede que ele abandone o crime para fugir para um sítio, em que viveram pacificamente.

Na festa de despedida de Bené, o apreço que a comunidade tem por ele fica evidente pela diversidade dos presentes. Em contraste, Zé Pequeno, frustrado por ser rejeitado por uma mulher acompanhada, tenta impedir a partida de Bené. Apesar de reafirmar a amizade, Bené admite não suportar mais a convivência com Pequeno, que é instável e perigoso como uma bola relógio. Durante a festa, Pequeno cria uma confusão ao tentar humilhar publicamente Mané Galinha, o cobrador que reconheceu Buscapé e o namorado da

mulher que o rejeitou, reforçando a natureza agressiva dele.

No meio da festa, um amigo de Tiago tenta trocar uma câmera por drogas. Bené apenas concorda por conta de Angélica, que acredita que Buscapé ficaria encantado com a câmera. Assim, Buscapé recebe o equipamento. No entanto, ao ver isso, Zé Pequeno toma a câmera de Buscapé, gerando uma discussão ainda maior com Bené. Ambos se confrontam, distraídos pelo fato de que Neguinho se aproximava perigosamente deles. Em uma sequência de cortes rápidos, são mostrados relances da briga até o momento em que um disparo soa, e Bené cai ferido. Zé Pequeno afasta Angélica e a culpabiliza pelo que ocorreu, lamentando-se sob o corpo de Bené.

Depois de ter matado Bené, mesmo tentando disparar contra Pequeno, Neguinho busca abrigo e tenta convencer Cenoura a atacar Zé Pequeno, aproveitando a vulnerabilidade do momento. Cenoura, no entanto, recusa, e antes que a conversa avance, Neguinho é atacado pelas costas. Naquele momento, fica claro que a falta de proteção de Bené torna o ponto de vendas de drogas de Cenoura desamparado. A caminho do território de Cenoura, Zé Pequeno cruza novamente com a namorada de Mané Galinha. Tomado por ciúmes e pelo desejo de controle, ele ataca o casal, dispara contra Mané e leva a mulher.

Zé Pequeno e o próprio Mané Galinha se questionam acerca do porquê dele estar vivo. Decidido agora a matá-lo, Pequeno parte com o grupo rumo à casa de Mané, interrompendo novamente o caminho em direção ao território de Cenoura. Chegando ao local,

eles esperam à porta que, quando é aberta, não revela Galinha, mas sim o irmão dele, que esfaqueia Zé Pequeno quando tem uma oportunidade. Imediatamente, os companheiros de Pequeno reagem, matando o irmão de Galinha com uma série de tiros e disparando contra as pessoas dentro da casa. O ataque é interrompido, pois a fachada compromete o braço de Zé Pequeno.

Na sequência, Cenoura se junta à família de Mané Galinha, enquanto choram a morte do garoto. Cenoura entrega uma arma a Mané, demonstrando mais uma aliança sendo forjada durante momentos violentos. A cena seguinte mostra Mané Galinha aproximando-se do grupo de Zé Pequeno e disparando contra eles, fazendo Pequeno fugir. De longe, Buscapé registra os eventos com uma câmera, capturando a ação de dentro do apartamento dele. A vingança de Galinha o transforma em um herói aos olhos dos moradores da Cidade de Deus, que o celebra como um herói que enfrentou os responsáveis pelo terror na comunidade.

Zé Pequeno envia um garoto ao território de Cenoura com uma proposta de que se ele entregar Mané Galinha, poderá continuar com o controle da área. Assim que o garoto chega com a mensagem, Mané aparece, fazendo com que o mensageiro parta para avisar Zé Pequeno. Mané, então, se une a Cenoura com uma condição: não matar inocentes. Mané continua a afirmar que não é um criminoso e que o conflito é motivado puramente por razões pessoais. No entanto, as montagens dele em várias cenas seguintes demonstram outra realidade. Ele e Cenoura cometem uma série de assaltos a lojas. No primeiro assalto, Mané impede Cenoura de matar um homem; no segundo, é Cenoura

quem salva Galinha, matando outra pessoa na defesa dele; no terceiro, um ataque a um banco, Galinha acaba tirando a vida de um homem que o perseguia. Com o dinheiro acumulado, eles conseguem reunir recursos para desafiar o poder construído por Zé Pequeno, adquirindo armas para o confronto. A partir desse momento, o cenário se transforma em um verdadeiro campo de batalha, com as duas facções determinadas a eliminar a outra.

Foi assim que Buscapé, exausto daquele ambiente, decidiu deixar o local e seguir uma carreira como jornalista. Inicialmente, atuou apenas entregando jornais, mas, ao conhecer um jornalista da Cidade de Deus, acabou se aproximando do fotojornalismo. Enquanto Buscapé se esforçava para se fortalecer na profissão, a guerra dividia a Cidade de Deus de maneira brutal. Os moradores da área de Cenoura não eram permitidos a cruzar para o território controlado por Zé Pequeno. A violência entre as facções se mesclava à repressão policial, que não distinguia entre criminosos e civis. Em pouco tempo, nem mesmo os moradores faziam essa distinção: qualquer pretexto era motivo para se unir a um lado ou de outro. Após um ano, o motivo inicial do conflito parecia ter sido substituído por uma disputa por território e dinheiro. A guerra tornou-se tão intensa que chamou a atenção da imprensa, levando a polícia a intervir.

Depois de ser baleado por um integrante do grupo de Zé Pequeno, Galinha foi capturado pela polícia. Apesar da ausência dele, a guerra entre as facções deveria continuar. Revoltado ao perceber que os atos de Galinha receberam destaque na imprensa,

Pequeno ordena que os companheiros busquem por seu próprio nome nos jornais, mas nada é encontrado. Agora, sentindo que estava sendo desvalorizado e sem poderio algum, recupera a câmera que inicialmente deveria ter sido entregue a Buscapé e exige que tirem uma foto sua. No entanto, ninguém no grupo sabe como usar a câmera. Assim, chamam Buscapé – que tanto evitava Zé Pequeno.

Quando Buscapé chega para fazer as fotografias, os membros do grupo posam, erguendo armas. Ele faz diversos registros. Em seguida, Pequeno fornece o dinheiro para revelar as fotos e, também, a câmera. Buscapé leva o filme para ser revelado no jornal, mas as imagens acabam misturadas a outras e, pelo ineditismo, acabam na capa do jornal do dia. Revoltado ao ver as fotos publicadas sem o consentimento dele e sabendo que isso o coloca em perigo, Buscapé vai ao jornal para tirar satisfação. No entanto, ao chegar, ele é surpreendido ao receber um pagamento pelas fotos. É bem recebido porque nenhum outro fotógrafo tinha conseguido registrar imagens de dentro da Cidade de Deus. Assim, o jornal pede por mais fotos.

Contrariando as expectativas, Zé Pequeno aprecia ver fotos dele expostas na capa do Jornal do Brasil. O mesmo reconhecimento ocorre por parte do jornal, que oferece novas câmeras para Buscapé que, com receio, custa a retornar para a comunidade. Nesse meio tempo, Zé Pequeno intensifica o investimento em armamento pesado contra Cenoura, enquanto o rival foca em resgatar Galinha do hospital. Pequeno, cada vez mais obcecado por armas mais potentes, entra em conflito com o intermediário, que até mesmo negocia

com a polícia. Determinado a fortalecer o poderio dele, Zé Pequeno distribui armas para as crianças, prometendo uma refeição farta, desde que se comprometessem a lutar contra Cenoura.

Retornamos ao início: à comemoração, preparação e fuga de galinha. Buscapé teme o encontro próximo com Zé Pequeno. Ele se vê entre os policiais, a galinha e Zé Pequeno. Os policiais recuaram, e Zé Pequeno pediu para que Buscapé tirasse mais uma foto.

Nesse momento, Mané Galinha surge e começa a atirar, reiniciando o conflito direto. Buscapé, então, foge enquanto o confronto se intensifica novamente. Pequeno tenta escapar em um caminhão de gás, diante da lente da câmera de Buscapé, mas acaba batendo o veículo poucos metros depois. Cenoura percebe ali uma chance de encerrar o conflito, mas esse momento marca também o fim de Galinha. Um garoto que havia entrado na guerra ao lado de Galinha para vingar o pai aproveita a oportunidade – mas, surpreendentemente, a vingança dele não é contra Zé Pequeno, e sim contra Galinha, que havia matado o pai durante o terceiro assalto. Ele atira em Galinha, que morre ali mesmo.

A polícia começa a prender os envolvidos, incluindo Cenoura e o próprio Zé Pequeno, enquanto Buscapé registra tudo com sua câmera. Ele segue a viatura dos detidos até que os policiais param e retiram Pequeno. Buscapé registra os policiais corruptos, que antes negociavam armas e outros favores com ele. Sem o conflito com Galinha e sem dinheiro, Pequeno perde o prestígio e é atacado pelos meninos de rua, que tomam seu ponto. Buscapé documenta toda a cena.

Buscapé escolhe quais fotos entregará ao jornal, moldando assim a versão dos acontecimentos. Na oficial, nada foi revelado acerca da corrupção da Polícia Militar. Como reconhecimento pelos registros, ele recebe um estágio no jornal.

O filme encerra com uma turma emergindo, agora liderada pelos meninos de rua. Dessa maneira, *Cidade De Deus* fornece uma perspectiva diante da desigualdade social e violência que permeiam as zonas marginalizadas do Rio de Janeiro. O filme aborda como o contexto violento molda de maneira significativa as ações e reações daqueles que nele estão inseridos, constantemente reproduzindo a violência que vivenciam. Convida, assim, o espectador a refletir acerca da relação entre contexto social, desigualdade e as complexas trajetórias de vida dos que habitam essas realidades.



3.1.2 Proposta Metodológica de Ensino I

Metodologia: [Grupo de Verbalização e Grupo de Observação;](#)

Conteúdo: Formação das Áreas Periféricas de Teresina – 8º ano do Ensino Fundamental;

Habilidade: EF08GE10;

Cortes do Filme:

00:08:30 – 00:09:10

Pesquisa nas Redes:

[Sustentabilidade como uma realidade na periferia de Teresina - Impacta Nordeste;](#)

[Movimento Pela Paz Periferia \(@familiamp3\) • Fotos e vídeos do Instagram.](#)

Ponto em Prática:

Visando cumprir os objetivos acima propostos, dividiremos o tema a ser trabalhado intitulado **Formação das áreas periféricas de Teresina** em uma aula, que irá ocorrer da seguinte forma:

1º Momento (Sala):

- **Exposição:** Exibição de cenas do filme **Cidade de Deus** (08:30 - 09:10);
 - **Contextualização Histórica:** Discussão sobre as cenas do filme, relacionando com a história real de formação da Cidade de Deus e traçando paralelos com a formação das áreas periféricas de Teresina;
 - **Encaminhamento:** Explicação sobre a próxima aula e a atividade prática que será realizada.

Avaliação:

A fim de situar os alunos no conteúdo ministrado em sala de aula, a atividade seria voltada para sua vivência, seus problemas, necessidades e com a problematização dos deveres do Estado para com eles.

2º Momento:

Auxiliados pelo professor e com o uso de aparelhos tecnológicos, celulares, tablet e notebook. Os alunos primeiramente precisariam pesquisar a localização de pontos de saúde (postinhos, clínicas de exame, hospitais), órgãos de segurança (delegacias,

delegacias específicas, bombeiros) e educação (escolas básicas e superiores, instituto de profissionalização e oficinas de arte). Em seguida, seriam divididos em:

- **Grupo de Verbalização (GV):** Responsável pela discussão inicial sobre os critérios para escolher os pontos de saúde, segurança e educação na comunidade;
- **Grupo de Observação (GO):** Observará a discussão, anotando pontos relevantes.

O GV expõe as informações relevantes e inicia um debate sobre a melhoria das localizações atuais.

Questões Norteadoras:

- Os pontos atendem às necessidades da população?
- Quais áreas estão desamparadas?
- Quais fatores são importantes para definir novas localizações?

Enquanto o GV discute, o GO observa e registra:

- Quais argumentos foram bem fundamentados?
- Quais lacunas ficaram evidentes?
- Como foi a participação e interação no grupo?
- As soluções propostas são viáveis?

Troca de Papéis:

Os grupos invertem as funções e o novo GV leva em consideração as observações feitas pelo GO para melhorar a discussão.

3º Momento:

Como desafio de imersão na vida cotidiana eles terão que confeccionar a partir de desenhos ou imprimir imagens ou banner, um mapa da zona em que moram. Nele deverão discutir e apresentar, com base nas informações pesquisadas, o porquê e qual seria a mais adequada localização dos pontos de serviço da forma que melhor atendesse os anseios da população, é claro sem exagerar nas idealizações a respeito da quantidade.

Por fim, será feita a apresentação dos mapas e discussão sobre as áreas marginalizadas, como ocorreu esse processo e como essa desordem impacta negativamente a vida dos seus residentes quanto a questões de acesso à saúde, segurança e educação de qualidade.

3.1.3 Proposta Metodológica de Ensino II

Metodologia: [Aprendizagem entre Pares ou Times;](#)

Conteúdo: Violência Social nas Décadas de 1960 e 1970 – 3º ano do Ensino Médio;

Habilidade: EM13CHSA503;

Cortes do Filme:

00:58:12 – 01:02:45

01:34:00 – 01:35:35

Pesquisa nas Redes:

[Violência nas favelas do Rio | Acervo.](#)

[Os efeitos da ditadura nas Favelas do Rio.](#)

Pondo em Prática:

Abordaremos o contexto da violência social nas décadas de 1960 e 1970 a partir do estudo de caso feito de recortes do filme “Cidade de Deus”, a partir dos arcos de dois personagens principais: Dadinho/Zé Pequeno e Buscapé.

1º Momento (Sala)

A sala será dividida em dois times e cada um ficará com um personagem para analisar como estes se inserem no contexto violento da favela Cidade de Deus.

- **Time 1:** Análise do personagem Dadinho/Zé Pequeno;
- **Time 2:** Análise do personagem Buscapé.

Cada grupo deve investigar:

- Como o personagem é inserido no

contexto violento da favela Cidade de Deus;

- As principais escolhas e eventos que definem seu papel na narrativa.

2º Momento (Sala):

Será passado recortes do contexto geral da violência na favela Cidade de Deus e recortes específicos dos personagens Dadinho/Zé Pequeno e Buscapé.

Cenas para Análise:

Zé Pequeno (Dadinho):

- 00:58:12 – 01:02:45: Assalto na padaria e Zé Pequeno mata um para servir de exemplo;

Buscapé:

- 01:34:00 – 01:35:35: Buscapé começa a trabalhar em um jornal fora da favela para fugir da guerra.

3º Momento (Sala):

Estimular um debate crítico e reflexivo sobre os personagens, a violência e o contexto apresentado no filme.

- **Debate:**

A partir das cenas analisadas, os alunos responderão perguntas norteadoras:

Perguntas sobre Zé Pequeno:

- Como Zé Pequeno é inserido no mundo do crime?
- Qual cena de Zé Pequeno mais chamou sua atenção no filme?
- Como se dá a ascensão dele no mundo do crime e do tráfico de drogas?

Perguntas sobre Buscapé:

- Como a relação familiar ao mesmo tempo se aproximou e afastou Buscapé do mundo do crime?
- Em que contexto Buscapé conheceu e passou a se interessar por fotografia? O que isso revela sobre sua realidade?
- A partir da história de Buscapé, como a arte e pessoas podem influenciar o afastamento de jovens (em especial de periferias) da criminalidade?

3.1.4 Proposta Metodológica de Ensino III

Metodologia: [Fórum e Debate](#);

Conteúdo: Realidade Social das Favelas e

Criminalidade Juvenil no Brasil – 3º ano do Ensino Médio;

Habilidade: EM13CHSA503;

Cortes do Filme:

00:40:20 – 00:43:00

01:03:23 – 01:07:25

Pesquisa nas Redes:

[Pesquisa revela desigualdades dentro de favelas brasileiras – Sociedade – CartaCapital;](#)

[Histórico de adolescentes infratores no Brasil inclui violência da família, escola, polícia e facções - BBC News Brasil.](#)

Pondo em Prática:

Aplicando a metodologia de Fórum e Debate, daremos continuidade à aula partindo do pressuposto de que os integrantes dos dois grupos (separados na aula anterior) assistiram em casa os recortes do filme **Cidade de Deus** (sorteado na aula anterior), enviado no grupo do WhatsApp da sala. Os recortes consistem nos arcos de dois personagens do filme que serão analisados e debatidos entre os grupos em sala, Buscapé e Zé Pequeno, uma vez que ambos compartilham uma realidade hostil, mas trilham caminhos distintos.

1º Momento (Casa):

Os alunos iriam assistir os recortes do filme enviado no grupo da sala, com base no roteiro de

análise encaminhado pelo professor.

Cenas para Análise:

Zé Pequeno

- 00:40:20 – 00:43:00 Assalto ao motel, Zé Pequeno mata as pessoas com crueldade e se torna um traficante procurado.

Buscapé

- 01:03:23– 01:07:25: Buscapé e a tentativa de assalto.

2º Momento (Sala):

Inicialmente, a sala será dividida em dois grupos, os integrantes irão debater entre si e selecionar as principais informações para serem adicionadas no cartaz, conforme as questões encaminhadas no roteiro de análise do filme. Logo depois, os alunos irão produzir os cartazes e a discussão será realizada.

- **Grupo 1:** Análise de Zé Pequeno;
- **Grupo 2:** Análise de Buscapé.

3º Momento (Sala)

O professor iniciará com uma retomada do conteúdo ministrado na aula anterior sobre a formação das favelas no período desenvolvimentista, e a partir disso, fará uma análise minuciosa sobre a realidade dos

indivíduos nas favelas do Rio de Janeiro na década de 1960, em consonância ao filme “Cidade de Deus”. O professor assumirá o papel de mediador para orientar a troca de ideias. De acordo com os cortes, cada grupo apresenta suas análises sobre os personagens. Após as apresentações, o debate será aberto, permitindo que os grupos analisem e acrescentem as ideias uns dos outros.

Questões Norteadoras:

- Quais as diferenças mais significativas entre os personagens?
- Como a sociedade contribui para as escolhas dos personagens?
- Quais políticas públicas poderiam impactar positivamente essas trajetórias?
- Existem paralelos entre o contexto do filme e a realidade atual?

Depois do debate, os grupos farão cartazes que sistematizam as discussões, evidenciando propostas para enfrentar a criminalidade juvenil no Brasil. O professor mediará essa discussão com base nos pontos levantados pelos grupos e tirará as dúvidas existentes. Por fim, os cartazes ficarão expostos no pátio da instituição.

4º Momento (Casa)

O professor explicará para os alunos a atividade extraclasse, que consiste na elaboração de uma redação

com o tema: **A criminalidade entre os jovens no Brasil: como resolver esse problema?**

3.1.5 Proposta Metodológica de Ensino IV

Metodologia: [Estudo de Caso](#);

Conteúdo: Violência Urbana. Mídia.

Representações da Favela – 3º ano do Ensino Médio;

Habilidade: EM13CHSA403;

Cortes do Filme:

00:33:55 – 00:34:17

01:41:30 – 01:42:35

Pesquise nas Redes:

[G1 Monitor da Violência - Análise dos números da violência no Brasil](#);

[“Fala Roça” e a representação da favela na mídia | by Jornalismo Comunitário e Cidadão | Medium](#).

Pondo em Prática:

A proposta busca discutir as conexões entre mídia, fotografia e a construção das narrativas sobre as favelas, com enfoque no filme **Cidade de Deus** e matérias publicadas na época. A metodologia possibilitará que os alunos indaguem sobre como os jornais comunicavam o conflito, relacionando, assim, as cenas do filme ao cotidiano.

1º Momento:

Os alunos assistirão aos cortes do filme Cidade de Deus que envolvem Buscapé com a câmera, fotografando o conflito e membros das facções.

Os alunos deverão analisar:

- Como Buscapé retrata a violência e os personagens do filme;
- Como a fotografia se torna um instrumento de denúncia;
- A relação entre as imagens e a maneira como a mídia representa as favelas.

2º Momento:

Durante a aula, o professor irá contextualizar sobre o crescimento das favelas e os picos de violência nos anos 1970. Para então, explicar acerca da importância da mídia na cobertura desse e de outros conflitos brasileiros, conectando com a produção dos jornais e os relatos que podem fomentar estereótipos e a criminalização da pobreza.

3º Momento:

Divididos entre grupos, os alunos terão como atividade uma análise sobre a maneira que a mídia retratava a violência no final dos anos 1970. Eles devem ler uma a matéria, comparar com os trechos do filme e refletir sobre como as reportagens reforçam ou provocam os estereótipos.

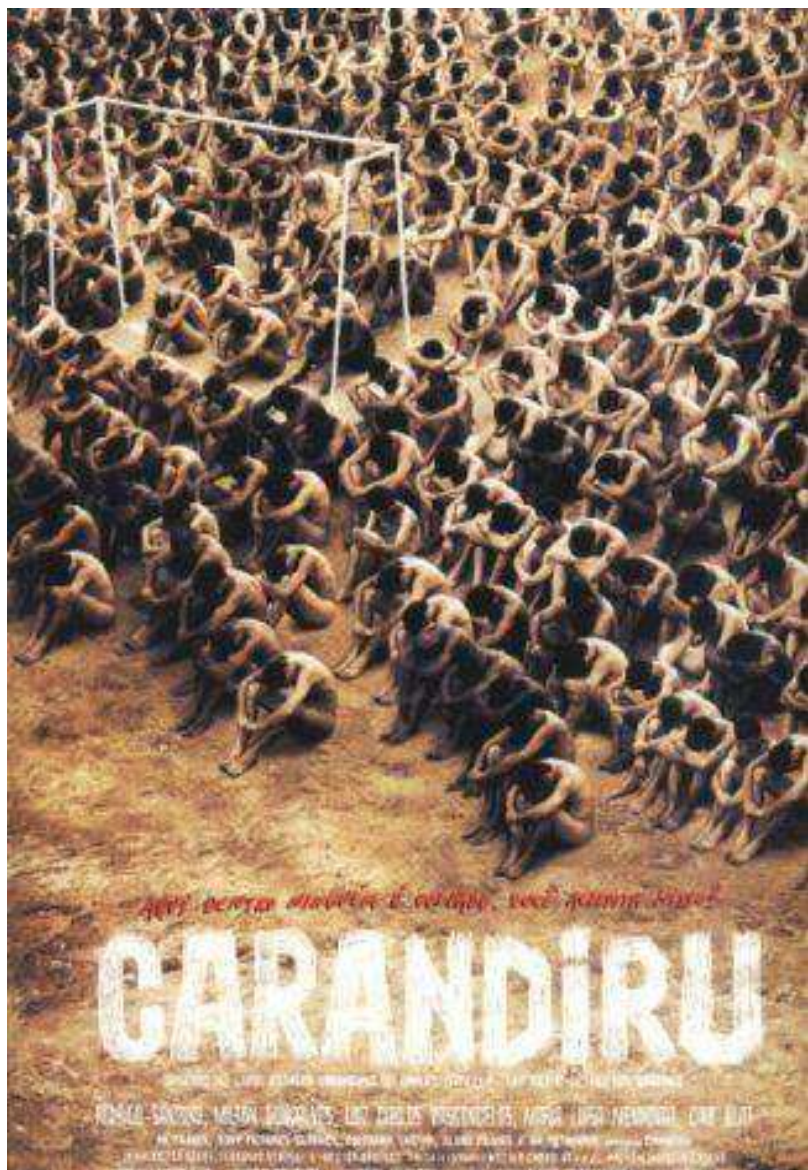
O professor entregará cópias de matérias publicadas no Jornal Brasil, encontradas digitalizadas na [Biblioteca Nacional](#):

- **25/05/79** – Ladrão que usava farda é preso;
- **23/09/79** – Violência atinge 56 mil casos em apenas oito meses;
- **30/09/79** – Cidade de Deus é comunidade onde apenas o crime se organizou;
- **25/11/79** – A violência da verdade.

Questões Norteadoras:

- Quais palavras são utilizadas para descrever a favela e seus moradores?
- Como a infância e as escolas na Cidade de Deus são retratadas?
- A violência é tratada como um problema social ou apenas criminal?
- Há alguma menção a ações sociais ou apenas repressivas?

3.2 [Carandiru](#)



3.2.1 Resenha do Filme

Carandiru (2003) é um drama brasileiro dirigido por Hector Babenco e baseado na obra *Estação Carandiru* (1999), de Dráuzio Varella, que relata o atendimento voluntário na Casa de Detenção de São Paulo, conhecida como Carandiru, uma das maiores e mais superlotadas prisões da América Latina até o momento que foi desativada. Acompanha as diversas histórias de prisioneiros, dando destaque aos motivos das prisões, as relações dentro e fora do local, vulnerabilidades e companheirismos, e culmina durante o Massacre do Carandiru, em que cento e onze presos foram mortos depois de uma operação policial violenta.

O filme se inicia com uma briga em uma cela superlotada, em que os detentos trocam ameaças aos berros. Preto, um detento mais velho e com postura de mediador, interfere e leva um dos envolvidos, Peixeira, para uma cela para que a desordem fosse explicada.

Peixeira relata que Lula, o outro envolvido, tentou atacá-lo com uma faca. Quando os guardas, o diretor da prisão e um outro convidado chegam, Lula acusa Peixeira de ter matado o pai dele. Peixeira admite, argumentando que a mãe de Lula o contratou para isso, pois era constantemente agredida. Lula, choramingando, finalmente se acalma.

O filme prossegue com a ordem do diretor para que ambos os detentos saiam da cela apenas de cuecas. Peixeira afirma que, para ele, o conflito poderia encerrar ali. Em seguida, o diretor apresenta um médico ao detento Moacir, o Preto. Moacir relembra o desaparecimento avisa de uma faca da cozinha dele e

avisa que irá executar um prisioneiro por dia se ela não for devolvida. Depois de pedir que os convidados virem de costas, ele inicia uma contagem regressiva, e a faca finalmente aparece. O diretor apresenta a prisão ao doutor, iniciando pela ala amarela, em que os presos com dívidas são mantidos isolados para que o pagamento não seja cobrado. Ao perguntar se eles não tomam sol, o doutor observa o diretor abrir uma janela pequena e oferecer um banho de sol a eles, que recusam silenciosamente. O diretor menciona que o pátio que passam em seguida abriga mil e oitocentos dos sete mil presos, todos grandes desocupados, como afirma.

O doutor comenta sobre a AIDS, que ali se dissemina rapidamente. Em outro pavilhão, ele encontra um preso oferecendo produtos variados e um homem, com tuberculose, sendo retirado do banheiro. Ele recomenda isolamento, mas é informado que não existe nenhum espaço para aquilo. Na ala destinada a ele, o doutor realiza atendimentos aos detentos, questionando acerca das relações sexuais dentro da prisão, o uso de proteção e o consumo de substâncias ilícitas. Durante as entrevistas, os detentos passam por testes. O doutor ouve atentamente os relatos de cada um, demonstrando interesse e disposição aparente se em oferecer amparo efetivo aos que se encontram necessitando de cuidados. Depois do expediente, o doutor caminha pela prisão, observando as paredes decoradas por altares religiosos, pinturas, frases e até mesmo vasos com plantas. Em uma das celas, nota que cada detento possui uma televisão, em outra, observa um homem

cozinhando e comendo sozinho em um fogão improvisado. Era uma cidade inteira funcionando ali dentro daquele presídio. Ao chegar à portaria, ele se identifica como médico, mas o porteiro impede a saída dele, afirmando que ligará para o plantão e, caso não seja reconhecido, ele permanecerá lá. Depois que o homem é libertado para sair, Preto se aproxima das grades, e questiona se ele retornará. A caminho de casa, o Doutor narra que enfrenta duas alternativas: esquecer ou voltar.

Na cena seguinte, o Doutor retorna e examina Preto, que, seguindo os questionamentos, conta como chegou em Carandiru. Ele discorre acerca de um assalto a uma joalheria, em que, na hora da divisão dos lucros, atirou em um parceiro, suspeitando de traição. Gordo, o outro cúmplice, admite que planejavam matá-lo para ficar com sua parte, mas se recusa a atirar em Preto. Juntos, jogam o corpo do cúmplice morto no rio. Preto é preso após ser denunciado por Gordo, que o traiu para que conseguisse se livrar da ira dos irmãos do morto. Ainda assim, Preto não o denuncia como comparsa do homicídio, apenas do assalto, criando uma dívida nunca paga, uma vez que Gordo morre ao falhar em uma fuga por túnel na prisão anos depois.

O Doutor prescreve apenas medicamentos para o estresse de Preto, que, ao cuidar de tantos problemas ao mesmo tempo dentro do cárcere, tem pouca margem para descanso. Pela janela, os detentos e Doutor observam Chico, um idoso, soltando um balão que logo queima. É o mesmo homem que, no primeiro dia que

Doutor chegou, pediu ao diretor por uma visita especial com a filha, fora do dia usual da visita. Depois da queima do balão, a enfermaria recebe Lady Di, que deseja ser testada. O doutor faz os questionamentos usuais sobre consumo de drogas e quantidade de parceiros e, em seguida, faz os exames.

Em uma cena seguinte, um novo preso, ao chegar, busca um lugar para dormir, mas acaba sendo expulso de diversas celas. Ele pergunta a Peixeira sobre vaga, que afirma que existe, mas demanda um pagamento. Outro detento chega, revelando que Deusdete tem ali um lar, pois são irmãos. Em outra cena, é exposto o sistema de venda de drogas na prisão. Um preso, Majestade, prepara pacotes com substâncias e os esconde na privada, mas é mordido por uma ratazana e obrigado a ir até a enfermaria para fechar o ferimento. Lula se droga enquanto costura, justificando para o Doutor que aquilo fazia com que os pontos ficassem ainda mais precisos. Questionado pelo Doutor, Majestade relata o porquê de estar ali: tem duas esposas, a primeira, com quem teve dois filhos, e outra, uma prostituta com quem passava os fins de semana. Ao ser descoberto com a segunda esposa pela primeira na casa que pagava para passar os fins de semana, ela incendeia a cama. Majestade assumiu a culpa, sendo condenado a dezesseis anos.

A trama retorna a Deusdete e Zico, os irmãos. Deusdete recebeu uma carta da irmã, Franci, e Zico perguntou se foi mencionado alguma vez. Deusdete confirma, mas que foi apenas uma vez, o que deixa o outro chateado. Em seguida, um detento entra oferecendo uma prancha em troca de drogas e Zico o

expulsa da cela imediatamente por conta de uma dívida. É mostrado que Doutor visita a ala dos acamados. Um detento gravemente ferido implora para ser transferido à ala amarela, temendo a morte. Os assistentes, no entanto, negam piedade, afirmando que ele era estuprador.

Retornam ao Chico, que aguarda ansiosamente pela chegada da filha. Apesar de ter preparado uma tenda no pátio com bancos, frutas e refrescos, contrastando com o clima geral de Carandiru, permanece sozinho, pois a filha não comparece. Chico deve retornar para a cela, mas, antes, admira o céu. Quando um guarda, ironizando, pergunta o motivo dele olhar para cima, questionando se ele espera que os filhos cheguem pela muralha, Chico reage chuta o guarda, sendo levado para a solitária.

Sem Chance, um dos ajudantes na enfermaria, procura o doutor para assumir o relacionamento com Lady Di e realizar os testes, ainda que estivesse temeroso. No entanto, antes do teste, o Doutor é chamado urgentemente, pois Zico desmaiou. Ao chegar, o doutor encontra já Zico recuperado. Deusdete pede que Doutor repreenda Zico pelo uso de drogas. Zico então compartilha: após a mãe não voltar para casa, foi acolhido por Deusdete e a irmã, Francis. Segundo ele, não existia crime algum em vender drogas a quem quer comprar e afirma que nunca matou ninguém, diferentemente de Deusdete. Deusdete recorda que Francis, um dia, voltou para casa assustado e aos prantos, relatando ter sido assediada e agredida na rua. Deusdete, indignado, procurou a delegacia, mas a denúncia não surtiu o efeito desejado; uma vez que os

agressores descobriram e começaram a persegui-lo. Deusdete conseguiu uma arma com Zico para se defender. Algum tempo depois, ao ser abordado pelos agressores na rua, Deusdete os matou.

Na cozinha, vemos que Preto escuta os problemas de todos. Chega primeiro Peixeira, comentando sobre efetuar um plano no dia das visitas. Em seguida, Zico, falando sobre Ezequiel, quem o deve e ainda pede drogas em troca de objetos irrisórios. Zico pede permissão a Preto para matá-lo. Como mediador, tenta contornar a situação: diz que falará com Ezequiel para que peça dinheiro à família e, então, se ele não pagar, Zico pode prosseguir.

A próxima história que o Doutor escuta é a de Miro, o prisioneiro com tuberculose. Carlos, o homem que o ajudava a sair de um banheiro cenas antes, era um antigo associado dele e colaborava em assaltos a carros blindados. Um dia, Carlos conta ter visto a esposa de Miro com outro homem, um policial. Miro, no entanto, acredita apenas na versão da esposa, e, por insistência dela, abandona a parceria. Ambos planejam uma mudança de vida e, assim, Miro busca uma grande quantia de dinheiro no banco. No entanto, no banco, dois homens armados o abordaram e zombam, dizendo que ele, como malandro, era obrigado a saber que nem a esposa poderia confiar. Aproveitando o momento, Miro saca uma arma e dispara contra os homens. Ao sair, Miro mata a esposa, que o aguardava no carro, na presença do filho pequeno. Em Carandiru, Carlos ainda cuida de Miro, que, fragilizado, pergunta ao Doutor se os bebês se recordam do que testemunham, e, ao ouvir a resposta, parece aliviado. Carlos então pede

que Doutor deixe Miro partir.

Durante a cena seguinte, os detentos recebem alegres a madrinha do centro de detenção, a cantora e dançarina Rita Cadillac. Os prisioneiros se amontoam no pátio, em frente ao palco, ansiosos para assistir. Rita participa de uma campanha de conscientização promovida pelo centro, abordando temas de saúde e prevenção de uma maneira que os detentos se interessem. Na apresentação, ela diz que foi ensinada pelo Doutor e que agora é a vez deles aprenderem. Com uma garrafa e um preservativo, realiza uma performance, enquanto Lula distribui preservativos para os detentos na plateia.

O dia das visitas finalmente chega. As famílias se espalham pelo pátio e pelas celas. Deusdete recebe a mãe, a irmã Franci, e Catarina, amiga de Franci que demonstra interesse em conhecê-lo. A mãe comenta que a presença de alguém aguardando por ele facilitaria a

permanência dura ali. Em seguida, Zico se aproxima de Franci, que comenta sobre a aparência fragilizada dele. Durante o dia de visitas, Majestade lida com as duas esposas, que exigem uma que ele escolha apenas uma delas para permanecer. Franci comenta com Zico que ele não é mais o mesmo, enquanto Peixeira busca alguém na ala dos amarelos e Ezequiel oferece a Preto o corpo da irmã como pagamento pela dívida. Em uma cela, João e a esposa celebram o aniversário do filho de Miro, que agora consideram como um membro da família. É mostrado, também, que Lady Di e Sem Chance conversam com os pais dela sobre o relacionamento; o pai, no entanto,

rejeita a identidade dela e se retira, apesar das tentativas da mãe. Assim, o dia termina com as famílias se despedindo dos detentos. Na ala dos amarelos, descobrem o resultado da procura de Peixeira: um corpo está pendurado em uma das celas. Quando questionados, os detentos afirmam que nada viram, mas é dito que ao menos o homem morto não estuprou mais ninguém. Na cela de Lady Di, ela e Matias recebem os resultados dos testes. Lady Di abre o dela primeiro e comemora ao ver que o resultado é negativo. O de Sem Chance, também, mas não comemora: ele será liberado em breve e a ideia de deixá-la sozinha ali o desespera.

Ainda sobre o pagamento pendente de Ezequiel, Zico afirma que irá perdoar, mesmo sendo condenado por Majestade, que considera uma decisão ruim para o tráfico. Preto então declara a dívida quitada, mas informa a Ezequiel que ele deverá se mudar para a ala amarela. Na cela de Zico, ele sofre um ataque de paranoia e começa a desferir golpes contra o ar. Deusdete intervém, retirando a faca dele e o demandando para parar de fumar.

Após ser liberado da solitária, Chico reencontra a família no pátio. Pires, assistindo da janela, diz que não é necessário levá-lo de volta ainda. A visita tinha sido esperada e, quando finalmente ali, deveria ser aproveitada. Na cela, Zico aquece água e a joga no corpo de Deusdete, matando-o, sem a permissão dos outros. Na cozinha, Preto e os homens discutem sobre os atos de Zico. Uns dizem que ele estava certo em matar, outros dizem que foi traição. Em contraste, o doutor leva Lady Di para o casamento dela com Sem

Chance. A cerimônia ocorre em um corredor decorado, em que eles brindam em homenagem ao doutor.

Zico vai à cela de Majestade e pede drogas sem pagamento antecipado. Majestade, irritado, empurra-o para uma emboscada em vários detentos o atacam com facas; Peixeira hesita, mas logo Zico está morto. Depois, Majestade visita Ezequiel e o tenta convencer que foi Zico o causador de todos os infortúnios dele, enquanto Ezequiel parece apenas conformado com os fatos. Majestade afirma que Ezequiel esqueceu, mas que desferiu mais de trinta facadas em Zico. Ezequiel, ansioso para ser liberado, implora para não ser culpabilizado. Majestade sugere que a vida na prisão poderia ser melhor, com uma nova sentença, cela individual, roupas lavadas e drogas garantidas. Majestade então entrega uma faca. Mais tarde, o Doutor presencia a cena do crime e Ezequiel se aproxima com a arma usada, afirmando que agora não devia nada a ninguém.

Enquanto Chico finalmente se despede do cárcere, Peixeira continua atormentado por visões fantasmagóricas de Zico e Deusdete. Em desespero, ele procura o Doutor e questiona a própria sanidade, confessando que não entende o motivo de ter hesitado em matar Zico, uma vez que matar era o único ofício que sabia fazer. Peixeira pergunta ao Doutor se existe cura para a culpa que sente. Em busca de alívio, ele se une a uma congregação e, emocionado, chora diante do pastor.

Em um jogo entre times de detentos, o Doutor dá o primeiro chute, depois que cantam o hino. Ele se despede e, narrando, revela que quando retornou ao

Carandiru, quinze dias depois, encontrou apenas buracos de bala nas paredes. Durante o jogo de futebol, uma série de conflitos escalou em uma tomada da prisão. A disputa começou com uma briga entre detentos por causa do uso do varal, rapidamente impulsionada quando um guarda ameaçava intervir e um desentendimento que surge durante a partida. A comemoração da vitória de um dos times se mescla ao tumulto, transformando o ambiente em caos, com confrontos caóticos, tentativas de fuga, gritos de guerra e incêndios nas celas.

Alguns detentos assistem escondidos à transmissão da rebelião pela televisão, enquanto um helicóptero sobrevoa o presídio. A tropa de choque é acionada e invade o local, em meio ao caos. O diretor, usando um alto-falante, pede que os presos retornem às celas, sob ameaça de uma intervenção policial nas áreas tomadas. Contudo, os detentos responderam que, quem entrar morrerá. Eles gritam por melhorias, direito a visitas e justiça para aqueles que deveriam estar livres. Pires sugere que entreguem as armas, e os presos obedecem, jogando facas pelas janelas e erguendo bandeiras em apelo por intervenção e direitos humanos. Pires ordena que os detentos retornem às celas, e há um momento de aparente calma. No entanto, dada a proximidade do dia das eleições, era notório que o governador não permitiria que a rebelião saísse impune. A polícia invade armada, disposta a conter bruscamente o levante, disparando mesmo após os detentos avisarem que possuem AIDS, acreditando que aquilo ia afastá-los.

Mesmo com os presos correndo de volta às

celas, muitos são atingidos, dentro e fora das grades. O chão se enche de sangue e corpos. Os sobreviventes foram forçados a sair nus e levados ao pátio, para permanecerem sentados e expostos por horas, após serem agredidos e obrigados a saudar aos gritos a Tropa de Choque. Alguns, ainda escondidos entre os corpos, tentavam escapar dos ataques. Na cena final, a cadeia é lavada, com o sangue sendo apagado e esquecido. O filme encerra com a volta do Doutor ao Carandiru, que, anos depois, seria implodido.

O massacre de Carandiru condenou 111 detentos a uma morte dupla: a crueldade da punição e o esquecimento posterior. Durante o governo de Jair Bolsonaro, o Supremo Tribunal Federal decretou a extinção da pena dos 74 policiais condenados pelo massacre. No ano seguinte, 2023, o museu Espaço Memória Carandiru, localizado no Parque da Juventude, antigo local da penitenciária, foi descontinuado. Assim, Carandiru age como um monumento não apenas ao massacre, mas à vida daqueles que se amontoavam nas celas superlotadas, transformando em lares improvisados, decorando paredes e suavizando a aspereza do cárcere. A narrativa de Hector Babenco, fornecida pela obra de Drauzio Varella, apresenta a perspectiva dolorosa do sistema prisional, ressaltando também os pequenos momentos de companheirismo, reencontro e proteção que surgem nos momentos mais adversos.



3.2.2 Proposta Metodológica de Ensino I

Metodologia: [Gamificação](#);

Conteúdo: Verdade vs. Ficção: O Excesso de Poder Policial – 3º ano do Ensino Médio;

Habilidade: EM13CHSA403;

Cortes do Filme:

01:59:00 – 02:04:09

02:12:33 – 02:17:57

Pesquisa nas Redes:

[Assédio moral e abuso de poder na polícia;](#)

[Desenhamos fatos sobre violência policial no Brasil | Aos Fatos.](#)

Pondo em Prática:

A aula será iniciada com a retomada do assunto anterior sobre **A relação a Verdade vs. Ficção** a partir do filme **Carandiru**. Em seguida, será abordado o aspecto do excesso de poderio policial retratado no filme no trecho do filme, o qual irá ser apresentado aos alunos para que haja uma dinâmica metodológica de Gamificação. Portanto, antes de iniciar a dinâmica haverá a explicação do processo para seu bom sucesso.

Explicação da Dinâmica:

A turma será dividida em grupo e cada um irá pesquisar, utilizando celulares, tablets ou computadores, sobre notícias relacionadas ao tema do excesso de poder policial no Brasil. Após a pesquisa, cada grupo terá um espaço reservado para responder às seguintes perguntas:

- Onde o caso ocorreu?
- Qual foi o grupo social envolvido? (negros, brancos, LGBTQIA+, mulheres, homens, deficientes, etc.)
- Como o caso ocorreu?
- Qual a visão da população sobre a violência ocorrida?
- Qual a visão da polícia sobre a violência ocorrida?
- Qual a sua percepção sobre a violência ocorrida?

Apresentação dos Grupos:

Com o questionário pronto, os alunos apresentaram sua pesquisa à classe em alguns minutos mostrando os resultados do questionário, bem como demais apontamentos que queiram expressar.

Atividade:

A turma será dividida em **trios**, que trabalharão na criação de memes com o acompanhamento e orientação do professor. Para tal, aos alunos será indispensável o uso do arcabouço teórico visto nas aulas, bem como os conhecimentos que os mesmos já possuem, eles nortearam a produção da atividade.

Temas para os Memes:

- Superlotação das prisões;
- Violência policial;
- Funções de um presídio.

Para a construção, aos alunos será indispensável:

- Os alunos deverão utilizar o conteúdo aprendido em aula, além de seus conhecimentos prévios, para criar memes informativos e reflexivos;
- O professor incentivará a criatividade, mas também destacará a importância de manter um tom respeitoso e informativo sobre os temas.

Concurso de memes:

- Após a criação dos memes, será realizado

um concurso para eleger os melhores trabalhos;

- O concurso poderá ser realizado de diferentes maneiras: votação em sala de aula ou votação por meio de mídias sociais ou um formulário do Google Forms, desta forma abrangendo maior número de participantes do corpo escolar.

3.2.3 Proposta Metodológica de Ensino II

Metodologia: [Sala de Aula Invertida](#);

Conteúdo: Situação dos Presídios Brasileiros e Piauienses – 3º ano do Ensino Médio;

Habilidade: EM13CHSA606;

Cortes do filme:

00:01:40 – 00:02:30

01:55:00 – 02:20:00

Pesquisa nas Redes:

[Sistema carcerário brasileiro: entend... | Guia do Estudante](#);

[Déficit de vagas nas prisões do Piauí aumentou 30% em um ano, aponta relatório do Ministério da Justiça | Piauí | G1.](#)

Pondo em Prática:

A proposta visa analisar a situação carcerária no Brasil, com enfoque nos presídios do Piauí, e assim relacionando com a realidade prisional retratada no filme **Carandiru**, por meio de atividades de pesquisa, discussão e apresentação de trabalhos em grupo.

1ª Momento (Casa):

Previamente, a turma será dividida em quatro grupos, cada um responsável por investigar um presídio específico do Piauí. A pesquisa será guiada por um roteiro que aborda a história, situação atual e projetos de reinserção social dessas instituições.

Divisão de Grupos e Presídios:

- **Grupo 1:** Penitenciária Irmão Guido;
- **Grupo 2:** Penitenciária Feminina Adalberto de Moura Santos;
- **Grupo 3:** Colônia Agrícola Penal Major César Oliveira;
- **Grupo 4:** Penitenciária Feminina de Teresina.

Atividade de Pesquisa:

Os grupos devem sistematizar informações sobre o presídio sorteado, seguindo um roteiro de elaboração que inclui:

- **História do presídio:** Data de criação, nome, localização e outros dados relevantes;
- **Situação atual:** Superlotação e capacidade do presídio. Perfil dos encarcerados (gênero, idade e cor). Condições de tratamento e violações de direitos;

- **Projetos de reinserção social:** Identificar e descrever programas existentes, se houver, e seus resultados;
- **Recursos visuais:** Fotos, vídeos, manchetes e notícias relacionadas ao presídio pesquisado devem ser utilizados na apresentação;
- **Relatório de Participação:** Cada grupo elaborará um relatório sobre a contribuição de seus membros durante o processo de pesquisa.

2ª Momento (Sala):

O professor iniciará a com a retomada sobre a situação dos presídios do Brasil, como também, apresentará aspectos da situação dos presídios do Piauí. Dessa forma, a aula prosseguirá com a apresentação dos quatros grupos, divididos e com o presídio sorteado na aula anterior.

Apresentações:

- Cada grupo terá **10 minutos** para apresentar sua pesquisa;
- A apresentação pode ser feita com o auxílio de slides ou cartazes;
- Todos os critérios de elaboração devem estar presentes na apresentação

Avaliação:

- Clareza e coerência na apresentação do conteúdo;
- Domínio do tema e aprofundamento

da pesquisa;

- Participação ativa de todos os membros do grupo;
- Presença de recursos visuais na apre
- Qualidade e organização do relatório de participação.

3.2.4 Proposta Metodológica de Ensino III

Metodologia [Mapas Mentais](#);

Conteúdo: Violência Policial nas Periferias – 3º ano do Ensino Médio;

Habilidade: EM13CHSA606;

Cortes do Filme:

00:01:40 – 00:02:30

01:55:00 – 02:20:00

Pesquisa nas Redes:

[Comandante da Rota admite que tratamento é diferente nas periferias - YouTube](#);

[A violência de Estado nas periferias: genocídio físico, material e cultural](#).

Pondo em Prática:

O filme **Carandiru** será abordado partindo do viés

da violência policial nas periferias e em paralelo serão utilizadas as músicas: **O Cara de Óculos**, **Hoje Não e Não Sei Rezar** do cantor Djonga, para retratar esse contexto. Partindo disso, será feita uma roda de conversa em que os alunos apresentarão o que compreenderam das músicas, dialogando com o filme. Em seguida, serão feitos questionamentos a respeito da violência policial na realidade que esses alunos estão inseridos.

1º Momento:

Os alunos deverão assistir os cortes exibidos na aula passada, focando nas cenas do massacre policial.

2º Momento:

Introdução ao cantor Djonga e ao álbum **Histórias da Minha Área**; e apresentação das músicas selecionadas: **O Cara de Óculos**, **Hoje Não e Não Sei Rezar**.

3º Momento:

A sala será dividida em três grupos, e cada grupo será responsável pela análise de uma das músicas citadas acima, além da capa e do nome do álbum, e pela construção de um mapa mental que conecte a música ao corte apresentado.

4º Momento:

Com essas análises prontas, os grupos devem apresentar seus apontamentos e relacioná-los com o

filme **Carandiru**. Os alunos contarão com a mediação do professor para aprofundar os pontos levantados.

Questões Norteadoras:

- Como vocês observam a violência policial na sua realidade?
- Como a violência policial influencia a vida nas periferias?
- De que maneiras podemos combater essa violência para que casos como o massacre do **Carandiru** e os relatos mostrados nas músicas do Djonga não se repitam?

Atividade Avaliativa:

A partir do debate, os alunos usarão o espaço da sala de aula para apresentar os mapas mentais, que representarão conexões da violência policial no cotidiano com as expressões artísticas abordadas durante a aula.

3.2.5 Proposta Metodológica de Ensino IV

Metodologia: [Aprendizagem Baseada em Problemas](#);

Conteúdo: Contexto Histórico e Social do Carandiru – 3º ano do Ensino Médio;

Habilidade: EM13CHSA606;

Cortes do Filme:

00:16:09 – 00:18:25

00: 29:22 – 00:32:23

Pesquisa nas Redes:

[Massacre do Carandiru: o que aconteceu horas antes da rebelião - YouTube;](#)

[A casa de detenção de São Paulo – A História do Carandiru.](#)

Pondo em Prática:

A atividade será efetuada em quatro momentos, partindo da pesquisa até as apresentações dos alunos, em função de promover criticidade e trabalho em equipe. Tem como objetivo materializar a memória da Casa de Detenção de São Paulo, o Carandiru, que foi demolida em 2002 e deu lugar ao Parque da Juventude. A matéria [O Carandiru ficava aqui: grupo realiza roteiro de memória pelo antigo presídio](#), do Brasil de Direitos, aponta que grande parte dos visitantes do parque desconhecem a existência do antigo presídio e do massacre ali ocorrido.

1º Momento:

O professor abre apresentando o contexto histórico do Carandiru, evidenciando pontos como o da superlotação, condições insalubres, e o sistema prisional brasileiro, por meio dos cortes do filme e das [fotografias de João Wainer](#) para o livro **Aqui Dentro: Páginas de uma Memória**, com organização de Maureen Bisilliat.

2º Momento:

A turma, separada em grupos pequenos, receberá a tarefa de representar áreas específica da Casa de Detenção de São Paulo, como:

- Pavilhões;
- Celas;
- Áreas externas.
- Enfermaria.

Os grupos construirão maquetes utilizando materiais como papelão, tinta, isopor, entre outros, tomando como base pesquisas realizadas e anotações feitas durante a exibição dos trechos do filme. Durante a construção, eles serão estimulados a debater as condições de vida retratadas no filme **Carandiru**.

3º Momento:

Cada grupo elaborará uma apresentação para explicar a área retratada na maquete, incluindo:

- Contexto social e histórico, conectando as cenas e as pesquisas;
- Condições de vida e desafios enfrentados pelos detentos;
- Reflexões acerca do sistema prisional e os direitos humanos.

4º Momento:

A maquete será exibida em sala ou no pátio da escola, criando uma representação visual do Carandiru. Cada grupo apresentará sua parte da maquete para os colegas, explicando o contexto e motivando debates.

Questões Norteadoras:

- Quais eram os principais problemas enfrentados no Carandiru?
- Como esses problemas se conectam com as desigualdades históricas no Brasil?
- Que mudanças seriam necessárias no sistema prisional?

3.3.1 Resenha do Filme

Última Parada 174 (2008), dirigido por Bruno Barreto e roteirizado por Bráulio Mantovani, é um drama franco-brasileiro que retrata a história real de Sandro do Nascimento, sobrevivente da Chacina da Candelária e autor do sequestro de um ônibus no Rio de Janeiro em 2000. Conta com Michel Gomes e Marcello Melo Jr. no elenco principal,

A narrativa apresenta inicialmente um garoto chamado Alessandro. A primeira cena acompanha uma mãe, Marisa, que alimenta um bebê depois de um breve foco em um aparelho de televisão. Durante a amamentação, ela consome álcool e drogas, mesmo assim, ainda olha para o filho com carinho. O momento, que já era marcado por uma tensão, piora com a entrada abrupta de um homem na casa, exigindo o pagamento de uma dívida de Marisa. Ele dispara contra a televisão e, em seguida, toma o filho dela em meio a ameaças com uma arma. Por fim, a obriga a deixar a comunidade. Depois de um corte temporal de dez anos, vemos o homem que anteriormente tomou o bebê agora atuando como uma figura paterna, ensinando o garoto a atirar. Quando Sandro dispara contra uma lata, o homem comemora o ato com grande orgulho.

Em seguida, somos apresentados a outro garoto chamado Alessandro. Em casa, ele assiste à televisão quando é avisado por outro garoto de que o bar da mãe dele está sendo assaltado. Alessandro corre imediatamente até o local, mas ao chegar, encontra a mãe já morta. Uma multidão rapidamente se forma em

frente ao local, e pouco depois a tia dele aparece. Ela o afasta do corpo da mãe e o leva para longe.

Em outra cena, o destino de Marisa, mãe do primeiro menino, é exposto: agora trabalhando como empregada doméstica, ela se dedica à religiosidade e tenta se afastar dos motivos que a levaram a perder o filho. Paralelamente, Sandro, o garoto que perdeu a mãe assassinada, passa a ser cuidado pela tia, que se dedica a fazer com que ele se adapte à nova rotina, enquanto o ensina a ler e a respeitar as regras do lar. No entanto, Sandro demonstra resistência ao processo e se recusa a aprender a ler. Em certa noite, ele acorda a tia, confessando ter medo. Pouco é ouvido. Sandro frequentemente relembra os dias de trabalho ao lado da mãe, os planos e os desejos de um futuro melhor, em um lugar melhor, como em Copacabana.

Em outro momento, Sandro utiliza o dinheiro dado pela tia para comprar uma passagem de balsa. Depois de um longo trajeto, ele embarca em um ônibus, mas, ao tentar pagar pela passagem, é informado pelo cobrador de que o valor entregue é insuficiente. Depois de descer, um segundo menino entra no ônibus, dessa vez com a intenção de realizar um assalto. Marisa, que também estava no ônibus, começa a orar por segurança. Ela retorna à favela após ler no jornal sobre a morte de Meleca, o líder da facção e o homem que tinha tomado o filho dela anos antes. Marisa questiona o paradeiro do menino, mas a nova facção que tinha assumido sequer sabia quem era. Antes de partir, no entanto, uma moradora a informa que o garoto tinha fugido para viver nas ruas.

Após fugir da casa da tia, Sandro passa a noite

nas ruas, vagando até se separar com um grupo de outros meninos de rua. Ele observa um deles consumindo drogas, o que desperta o interesse dele. O menino oferece a substância, mas exige pagamento. Ao receber o dinheiro, ele comenta que Sandro o lembra de Alex. Na cena seguinte, Marisa continua na busca pelo filho desaparecido. Depois de perder o ônibus, ela avista um grupo de meninos de rua e decide seguir com eles, tentando conseguir informações. No entanto, as tentativas foram frustradas, uma vez que não conseguiu nenhuma mísera pista.

Sandro chega a Copacabana, agora com o grupo de meninos de rua com quem realiza pequenos assaltos. Na noite de Natal, o grupo se reúne para celebrar. Enquanto isso, Marisa é visitada pelo pastor da congregação que frequenta, que oferece companhia para a ocasião natalina. Juntos, eles participam do culto da igreja. Em contraste, Sandro passa a noite de Natal com os outros meninos e uma menina, em um contexto em que a sexualidade se manifesta de forma precoce e sem limites.

Mais uma vez, um salto temporal. Sete anos depois, Sandro ainda vive nas ruas. Em meio a uma briga com outras pessoas em situação de rua, ele busca adquirir drogas. O intermediário se recusa a fornecer qualquer substância devido a uma dívida. Em seguida, o fornecedor das drogas chega e ameaça ambos. No mesmo período temporal, Marisa agora inicia um

relacionamento com o pastor da congregação dela. Durante um jantar, ele tenta convencer a mulher a abandonar o trabalho, argumentando que a prosperidade

financeira da igreja poderá sustentar ambos. Ao tocarem no tema de terem um filho, Marisa demonstra claro desconforto e afirma que não pode ter outro filho enquanto não encontrar aquele que perdeu.

A narrativa retorna a Sandro, que permanece sem possibilidade alguma de quitar a dívida com Patola, que, por sua vez, não tem recursos para pagar o fornecedor das drogas. Patola expressa o temor de que o traficante possa matar ambos, enquanto Sandro sugere que simplesmente fujam. Logo em seguida, Walquíria chega, trazendo em dois carros o jantar. Durante esse momento, uma equipe de televisão francesa está presente para filmar um documentário sobre a vida nas ruas. Walquíria incentiva Sandro a se aproximar da câmera e compartilhar a história dele.

Durante a noite, um homem se aproxima de carro e se aproxima ao grupo que dorme na calçada. Patola acorda e questiona a presença do homem, mas imediatamente é atingido por um tiro. Em seguida, uma série de disparos é efetuada contra o grupo. Sandro finge que morreu no chão enquanto os tiros continuam. Ao final do ataque, ele é um poucos sobreviventes entre os que estavam no local. Sandro liga para Walquíria, que prontamente vai ao encontro dos sobreviventes. Ela e um assistente ajudam diversas crianças e adolescentes, guiando todos para os carros. O homem diz que poderia ceder uma casa em uma comunidade, mas avisa que seria necessário obter a permissão do líder do território. Na cena seguinte, o traficante que estava cobrando Sandro e Patola chega ao local do ataque. A polícia também chega e, ao encontrá-lo na cena do crime, o detém como autor do crime.

Os sobreviventes são mostrados em uma casa na comunidade. Sandro é registrado pelas câmeras da equipe de filmagem francesa, aparecendo até na televisão em uma campanha de arrecadação de fundos para a organização. Ao assistir ao programa, Marisa acredita reconhecer o filho perdido e anota o número de contato da ONG. Na casa, Walquíria pede aos garotos que escrevam em uma faixa uma frase contra violência. Sandro, no entanto, permanece afastado, e revela que não sabe escrever. Walquíria se aproxima e o instiga, dizendo que, para compor os *raps* dele, ele precisará aprender a escrever.

Mais tarde, Sandro aproveita um momento de distração para retirar dinheiro da bolsa de Walquíria e sair para comprar drogas. Embora enfrente dificuldades, ele consegue efetuar a compra em uns traficantes e deixa o local. Na descida da comunidade, Sandro é abordado por policiais, que o revistam, encontram as drogas em sua posse e o levam. No Instituto Padre Severino, um reformatório público, ele encontra Alê, o vendedor de drogas, que o reconhece e o confronta sobre a dívida. Alê, armado com uma arma improvisada, demanda novamente o pagamento.

Na cena seguinte, depois que são interrompidos pela chegada dos funcionários do reformatório, um pacote de drogas cai no chão. Sandro rapidamente esconde o pacote debaixo do pé, mas o agente percebe e interroga sobre a origem dele. Embora o agente suspeite de Alê, Sandro nega ter recebido dele. Após uma revista, é Sandro quem acaba sendo arrastado para uma sala com os agentes. Momentos depois, Sandro é liberado e deixado caído no chão. Alê se aproxima e

relembra os tempos que ambos se encontraram na

Candelária. Incapaz de se erguer, Sandro recebe a ajuda de Alê, como um reconhecimento por ele não tê-lo denunciado.

Marisa vai até a sede da ONG de Walquíria, afirmando que Sandro é o filho dela. No entanto, é informada de que ele fugiu e pode estar nas ruas ou detido. Mesmo assim, ela continua com a busca. Chega ao Instituto e descobre que existem dois detidos conhecidos como Alê. Ela solicita ver aquele que tinha sobrevivido do massacre na Candelária. Na cena seguinte, Sandro e Marisa se encontram em uma sala. Ela o questiona sobre Meleca, o homem que levou o filho dela, mas Sandro afirma que nunca conheceu nenhum homem com aquele nome. Marisa insiste, e Sandro, assim, declara que, se ela o tirar dali, ele será o filho dela.

Marisa é mostrada escrevendo uma carta, que é entregue ao Instituto. Sandro pede que Alê que leia a carta para ele. Ao ouvir que Marisa não é a mãe dele, Alê compartilha a própria história: criado com desleixo por uma mulher branca, ele sempre ouvia que a mãe, uma dependente química, tinha sido assassinada pelo pai, Meleca. No mesmo momento, Sandro percebe a conexão entre a narrativa de Marisa e de Alê. No entanto, permanece em silêncio, consciente de que poderia guiar o reencontro de Alê com a mãe que ele ainda acreditava estar viva. Entretanto, fazer aquilo significaria perder a oportunidade de deixar o Instituto.

Em outra cena, Sandro, trêmulo e caído no chão, chama a atenção do guarda enquanto outros detentos

gritam, ajudando a criar uma distração. Quando o guarda entra na cela, Sandro o segura e Alê o atinge por trás, fazendo com que tomem a chave e escapem. Eles correm pelo Instituto e conseguem pular o muro, fugindo rapidamente pelas ruas. Na cena seguinte, ambos aparecem em uma comunidade e facilmente uma irmandade cresce. Depois de um breve momento de descanso, vão à praia de moto. Lá, Sandro reencontra Soninha, com quem passou um Natal quando criança.

Sandro e Alê saem novamente de moto, agora para cometer assaltos no trânsito. Enquanto Alê conduz a moto, Sandro aborda os motoristas. Em um dos roubos, Sandro encontra um anel e o oferece a Soninha. Por meio de um rap, ele a pede em casamento. Soninha, no entanto, aceita apenas o anel e elogia a composição de Sandro. Bem como Walquíria, ela o incentiva a escrever as letras para que fossem mostradas a outras pessoas, mas Sandro insiste que não consegue escrever. Ela se oferece como uma ajuda, mas ele se esquiva. Em resposta, Soninha também se esquiva do casamento.

Na moto novamente, Sandro se irrita ao perceber que Alê está olhando para Soninha. Quando repreendido, Alê responde que, como irmãos, ao compartilharem o mesmo nome, poderiam também compartilhar a mesma mulher. Na cena seguinte, os dois abordam uma mulher em um carro e conseguem pegar o celular dela, mas, durante o assalto, a bolsa dela cai. Eles exigem que ela entregue a bolsa também. Alê demanda que Sandro atirar nela, mas ele hesita. Irritado, Alê toma a arma de Sandro e dispara. Em casa, os dois discutem. Alê afirma que Sandro deveria ter atirado de imediato e, em meio ao calor do momento, expulsa

Sandro.

Sandro busca abrigo na casa de Soninha, que se nega. Assim, ele retorna a Walquíria, carregando a carta enviada por Marisa. Sandro decide procurar Marisa, não por realmente ser o filho dela, mas por querer fingir ser. Ao chegar na casa dela, vendo o endereço na carta, é recebido com afeto. Marisa acredita finalmente ter encontrado o filho perdido. Sandro continua a farsa, usando informações recebidas de Alê.

Pastor Jeziel, marido de Marisa, chega em casa e é apresentado a Sandro. Ao entrar, demonstra hesitação e desconfiança, segurando contra o corpo a mala que guarda o dinheiro arrecadado na igreja. Ele pede privacidade para conversar com Marisa e, quando ela se recusa, exige que ela obedeça. Sandro a defende, empurrando e chutando Jeziel, que, incapaz de lutar contra o garoto, decide ir embora. Em seguida, Sandro recebe Soninha para jantar na casa de Marisa. Durante o jantar, Marisa observa Soninha criticamente, julgando como inadequada para Sandro, uma vez que acredita que as jovens da igreja seriam muito mais apropriadas e bonitas. No entanto, é apenas ela que Sandro deseja.

Sandro comenta com Soninha que irá procurar Walquíria para divulgar os raps que faz e, assim, ser famoso por eles. Entretanto, na conversa com a administradora da ONG, é alertado que o dinheiro e o sucesso não eram imediatos como ele pensava e que era urgente que, primeiro, aprendesse a ler e escrever. Zangado com aquilo, depois de dizer mais uma vez que é incapaz de aprender, pede dinheiro a ela. Walquíria se recusa, afirmando que ele tem que começar a trabalhar pelo que ganha. Sandro sai do local

irritado, aos berros.

Depois da recusa, Sandro retorna à casa de Soninha. No entanto, ao chegar, ele a encontra acompanhada de um cliente, que logo descobre ser Alê. Em um impulso, Sandro invade a casa e ataca Alê, iniciando rapidamente uma briga entre eles. A agressão de Sandro contra Alê, é interrompida por Soninha, que, depois de Sandro fugir, expulsa Alê aos socos. Na rua, Sandro agride uma criança e rouba a droga que carregava. Em seguida, ele ataca uma prostituta e exige que ela entregue o dinheiro dela. Assustadas, as outras mulheres chamam pela polícia, que persegue Sandro. Ele é detido, espancado e abandonado no local pelos policiais. No dia seguinte, ele retorna para casa, encontrando Marisa saindo para o trabalho. Sandro a abraça, mas ela apenas friamente o repreende.

Em seguida, Sandro invade a casa do pastor, parceiro de Marisa. Jeziel o espera segurando uma arma, mas Sandro parece pouco abalado, demandando pelo dinheiro que sabe estar guardado na maleta. Depois de receber, ele usa o dinheiro para comprar cocaína na favela. Sandro consome a cocaína e vaga pelas ruas. Em determinado momento, entra em um banheiro de um bar e vomita, mostrando sinais de exaustão e adoecimento. Ao sair, bate em uma mesa, fazendo com que um copo de vidro se quebre ao impacto. Sandro parece completamente desconectado dos eventos que se rolam diante dos olhos dele.

Ele vai ao local em que ocorreu o massacre e se assusta ao perceber uma viatura policial. Para fugir, entra em um ônibus. Enquanto Sandro tenta se esconder quieto, de cabeça baixa, um passageiro nota que ele

porta uma arma. Assustado, o homem desce na parada seguinte e alerta os policiais que passavam. Quando a viatura para o ônibus, Sandro se assusta e rapidamente corre para fechar as portas assim que o motorista desce para conversar com os policiais. Ele ameaça os passageiros e toma como refém uma mulher que estava usando o celular naquele momento. Sandro libera dois dos passageiros após questionar se eles sabem dirigir ônibus: um estudante atrasado para a universidade e um pedreiro, que fala sobre a família que precisa sustentar.

O ônibus permanece parado por horas, enquanto equipes de filmagem chegam ao local para noticiar o acontecimento. Reforços policiais cercam o ônibus, e Sandro intensifica as ameaças contra os passageiros e até mesmo dispara contra o veículo. O capitão da polícia tenta dialogar com Sandro, mas ele, inquieto, recusa todas as alternativas. Sandro exige dinheiro e um motorista, sugerindo uma troca. Ele ordena que a passageira escreva com batom no vidro do ônibus que ele matará todos às dezenove horas.

Dentro do ônibus, Sandro apenas se descontrola ainda mais, falando frases desconexas. Ele responsabiliza os policiais pela morte dos jovens no massacre da Candelária, critica a violência e o preconceito enfrentados por pessoas em situações semelhantes às dele e, por fim, culpabiliza o copo que quebrou no bar por todo aquele caos. Uma das passageiras tenta fazer com que ele aceite se render, afirmando que ele é a grande vítima naquela situação. Em resposta, Sandro pede que chamem Walquíria. Na sede da ONG, em que os moradores assistem tudo pela televisão, começam a chamar Walquíria para que veja

aquilo.

Enquanto isso, outras pessoas ligadas ao Sandro, incluindo o pastor, assistem pela televisão. Marisa descobre o ocorrido apenas quando a patroa liga a televisão no local de trabalho. Sandro dispara mais uma vez dentro do ônibus. Uma idosa começa a passar mal, e ele permite que ela desça, mas impede que a filha a acompanhe, alegando que ela mente e insistindo que só sairá com ele. Marisa e Walquíria chegam ao local ao mesmo tempo. Nesse momento, Sandro desce do ônibus, com uma arma contra a cabeça da refém. Um policial dispara duas vezes. A multidão ao redor corre na direção de Sandro, causando um alvoroço imenso. Os tiros que deveriam atingir Sandro acertam a refém. Sandro parece confuso, olhando ao redor, com o peso da garota em cima dele. Marisa e Walquíria tentam se aproximar, mas o tumulto as impede.

Algumas vozes no aglomerado clamam pela morte de Sandro. A jovem baleada é levada por uma ambulância. Sandro resiste, luta e cospe contra os policiais. Mesmo assim, é arrastado para dentro de uma viatura, em que diversos policiais pairam diante dele, com um o sufocando a ponto de asfixia. Durante a cena final, Marisa e Alê estão diante de uma cova simples e rasa. Alê revela que o nome dele é, também, Alessandro. Marisa o observa fixamente, em um silêncio pesado.

A Última Parada 174 demonstra as falhas estruturais dos órgãos de proteção, que frequentemente respondem com violência em vez de auxílio. Em momentos cruciais da vida de Sandro, marcados pela

necessidade de apoio e pelas consequências do uso prolongado de substâncias ilícitas, que o tornaram ansioso, obsessivo, paranoico e inquieto, a resposta foi brutal e acabou por intensificar uma reação violenta dele. Longe de receber o amparo do Estado, Sandro recebeu suporte apenas por meio de organizações não governamentais mas, tanto após o massacre da Candelária quanto depois do assalto ao ônibus, permaneceu sozinho. Assim, o filme demonstra a violenta negligência que impulsiona a marginalização no Brasil.



3.3.2 Proposta Metodológica de Ensino I

Metodologia: [Teatralização](#);

Conteúdo: Violência. Presença de Crianças e Adolescentes no Crime – 3º ano do Ensino Médio;

Habilidade: EM13CHSA602.

Cortes do Filme:

00:22:23 – 00:23:14

00:34:26 – 00:35:52

Pesquise nas Redes:

[Adolescentes no Brasil são vítimas de trabalho infantil em esquemas de narcotráfico - SIC Notícias;](#)

[Fatores que contribuem para o aumento da criminalidade praticada por crianças e adolescentes. | Jusbrasil.](#)

Pondo em Prática:

Os problemas centrais expostos no filme de Bruno Barreto denunciam uma dura realidade nacional: A deficiência do Estado em amparar os direitos das crianças e adolescentes marginalizadas, as crianças enquanto minorias são expostas a inúmeras situações às quais ninguém deveria enfrentar e vemos na obra o triste fim que a criminalidade e violência pode causar em suas vidas e como isso impacta a sociedade em torno dela.

Por ser um assunto complexo e produto de inúmeras reflexões e propostas de resoluções cabíveis, a temática da presença da criança e do adolescente no crime pede uma metodologia que a corresponda. O método de ensino-aprendizagem: **Teatralização**, visa uma experiência em que os vivenciam situações, fatos históricos ou problemas sociais por meio de dramatizações, assim facilitando o entendimento de conceitos mais complexos. Por meio da temática apresentada em sala, partiremos então para construção da aula usando recortes do filme para tornar o aprendizado mais interativo. O professor os guiará apresentando os problemas; análises dos dados que os

causam e levantando hipóteses executáveis incentivando os discentes a buscar soluções legais para tal problemática.

1º Momento:

A aula inicia com a exibição de cortes do filme **Última Parada 174**. As cenas selecionadas ilustram a presença de crianças e adolescentes no crime, evidenciando como a marginalização social e a violência impactam suas vidas. Após a exibição, o professor contextualizará a temática, destacando a violação dos direitos garantidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

2º Momento:

Divididos em grupos, os alunos criarão teatralizações curtas baseadas nos cortes do filme, com enfoque em propostas de solução amparadas pelo ECA. As teatralizações devem apresentar dois momentos, um com o problema, e um outro, com a hipótese de solução.

- Corte 00:22:23 – 00:23:14:

Base no filme: Sandro e os colegas de rua fazem pequenos assaltos em Copacabana, com Sandro cantando para distrair as vítimas.

Reflexão: Como a falta de acesso à educação, moradia e oportunidades de trabalho colabora para a entrada de crianças e adolescentes na criminalidade?

- Corte 00:34:26 – 00:35:52:

Base no filme: O massacre da Candelária e a resposta do Estado.

Reflexão: Quais ações efetivas poderiam ser tomadas para proteger jovens em situação de risco?

3º Momento:

Cada grupo realiza a teatralização para o restante da turma. Depois de cada exposição, os outros grupos terão espaço para questionar ou acrescentar sobre as propostas.

Questões Norteadoras:

- Quais direitos das crianças e adolescentes foram violados nos exibidos?
- De que maneira o ECA pode ser usado para combater essas questões?
- Qual o impacto da criminalidade infantil na sociedade?
- Como o Estado e a comunidade podem trabalhar para evitar essa realidade?

3.3.3 Proposta Metodológica de Ensino II

Metodologia: [Aprendizado Baseado em Projetos](#);

Conteúdo: Violência Urbana. Criminalidade – 3º ano do Ensino Médio;

Habilidade: EM13CHSA602;

Cortes do Filme:

01:37:22 – 01:38:08

01:39:43 – 01:42:25

Pesquise nas Redes:

[Chacina da Candelária, 30 anos: Menores ainda estão vulneráveis no Brasil, segundo pessoas próximas das vítimas | Rio de Janeiro | G1;](#)

[Sequestro do ônibus 174 | Sequestro do ônibus 174 | memoriaglobo.](#)

Pondo em Prática:

O filme **Última Parada 174** será abordado a partir dos atos violentos retratados no Massacre da Candelária e do assalto e sequestro do ônibus 174. Para isso, a metodologia será baseada na aprendizagem baseada em projetos. De que forma os fatos e ficção foram retratados no filme, quais os contextos são verídicos e quais são parte da trama cinematográfica. Para tal, a aula se divide em:

1º Momento:

A aula inicia com a exibição de cortes do filme **Última Parada 174**, complementados por trechos de documentários relacionados ao Massacre da Candelária e ao sequestro do ônibus 174.

- 01:37:22 – 01:38:08 (Reportagem sobre os

reféns no ônibus 174);

- 01:39:43 – 01:42:25 (Morte da jovem e a mistura de imagens reais com cenas do filme);

Após a exibição, o professor fará uma introdução sobre o contexto histórico e social dos eventos, destacando a violência estrutural contra populações vulneráveis.

2º Momento:

A turma será dividida em dois grupos:

- Grupo 1: Analisará o Massacre da Candelária, investigando o contexto, motivações, ação policial, e impactos sociais do evento;
- Grupo 2: Fará o mesmo para o sequestro do ônibus 174.

3º Momento:

Cada grupo será responsável por criar espécie de folheto em formato de painel, contendo:

- Contexto dos dois atos;
- Motivações dos crimes;
- Ação policial;
- Os envolvidos e número de vítimas.

4º Momento:

Depois dos painéis feitos, eles serão expostos e apresentados no pátio do colégio para demonstrar a violência predominante no contexto social brasileiro. A participação da comunidade interna do colégio é importante para trazer informações sobre os casos retratados no filme e suas vivências em relação à violência.

3.3.4 Proposta Metodológica de Ensino III

Metodologia: [Metodologia: Grupo de Verbalização \(GV\) e Grupo de Observação](#)

Conteúdo: Violência Urbana, Desigualdade Social – 9º ano do Ensino Fundamental;

Habilidade: EF09HI26;

Corte do Filme:

01:19:03 – 01:20:19

01:30:16 – 01:35:10

Pesquisa nas Redes:

[Ônibus 174: Relembre sequestro que teve desfecho trágico no RJ há 24 anos - YouTube;](#)

[Ônibus 174, por trás das câmeras - Documentário](#)

[| WEB TV FACHA - YouTube.](#)

Pondo em Prática:

A proposta tem como objetivo examinar o filme **Última Parada 174** diante do retrato das desigualdades sociais e ausência de amparo do Estado. Será levado em consideração a crítica de Luciano Trigo, intitulada de [Última parada 174 transforma criminoso em vítima](#), para abertura da discussão sobre a construção do personagem e o contexto histórico e social que o cerca.

1º Momento:

Para iniciar, será necessária uma apresentação do contexto histórico do filme, que destaque os acontecimentos bases retratados, como a chacina da Candelária e o sequestro do ônibus 174 no Rio de Janeiro, em 2000. Durante a exibição dos cortes do filme, o professor pode pausar para questionar os alunos sobre a história de Sandro Nascimento, as condições de vida nas periferias brasileiras, a violência policial nesses espaços.

2º Momento:

Para promover uma análise sobre as cenas apresentadas, os alunos receberão cópias da crítica de Trigo. O exercício de leitura ajudará a delimitar as responsabilidades e escolhas individuais de Sandro e as responsabilidades coletivas.

Divisão da Turma:

- **Grupo de Verbalização (GV):** Discute as ações de Sandro Nascimento, os impactos da desigualdade social e a violência urbana nas escolhas dele durante a trama. Devem apresentar argumentos e tentar chegar a uma conclusão sobre a responsabilidade individual em contraste com o contexto social;
- **Grupo de Observação (GO):** Analisa o desenvolvimento do GV, observando como os alunos interagem e como os argumentos são construídos. Fazem anotações durante o processo.

Troca de Papéis:

Os grupos trocam de função. O Grupo de Verbalização passa a observar, enquanto o Grupo de Observação se encarrega da verbalização.

Questões Norteadoras:

- Sandro é vítima das desigualdades sociais ou responsável por todas as escolhas que tomou?
- A ausência do Estado é um fator decisivo nos atos de Sandro?
- A violência urbana retratada no filme demonstra uma realidade maior da sociedade brasileira?
- Como o filme elabora a narrativa de Sandro e o que essa construção revela sobre as noções de criminalidade e exclusão social?

3.3.5 Proposta Metodológica de Ensino IV

Metodologia: [Aprendizado entre Pares ou Times;](#)

Conteúdo: Problemas Sociais e Ineficiência do Estado – 3º ano do Ensino Médio;

Habilidade: EM13CHSA606;

Cortes do Filme:

00:19:18 – 00: 22:15

01:39:43 – 01:43:25

Pesquisa nas Redes:

[Crianças em situação de rua: Última pesquisa mostrava 70 mil no Brasil - Sociedade Civil Pela Educação;](#)

[Um terço dos presos relata violência na hora da prisão, diz Defensoria | Brasil: Diário de Pernambuco.](#)

Pondo em Prática:

A aula iniciará com a projeção de cortes do filme, abordando problemáticas sociais que revelam a ineficiência estatal. Desse modo, em seguida será realizado um fórum em grupo sobre os principais aspectos apresentados anteriormente.

1º Momento:

Explicação dos objetivos da aula e exposição

dos recortes do filme **Última Parada 174**. Esses recortes abordam questões como crianças em situação de rua, tráfico de drogas, prostituição e violência policial. Por fim, será disponibilizado textos para a construção do conhecimento dos alunos sobre as problemáticas.

2º Momento:

Os alunos serão divididos em dois times, e cada time será responsável por um tema extraído das cenas do filme:

- **Time 1:** Crianças em situação de rua;
- **Time 2:** Violência policial e prisão;

Dentro dos grupos, os alunos definirão papéis específicos:

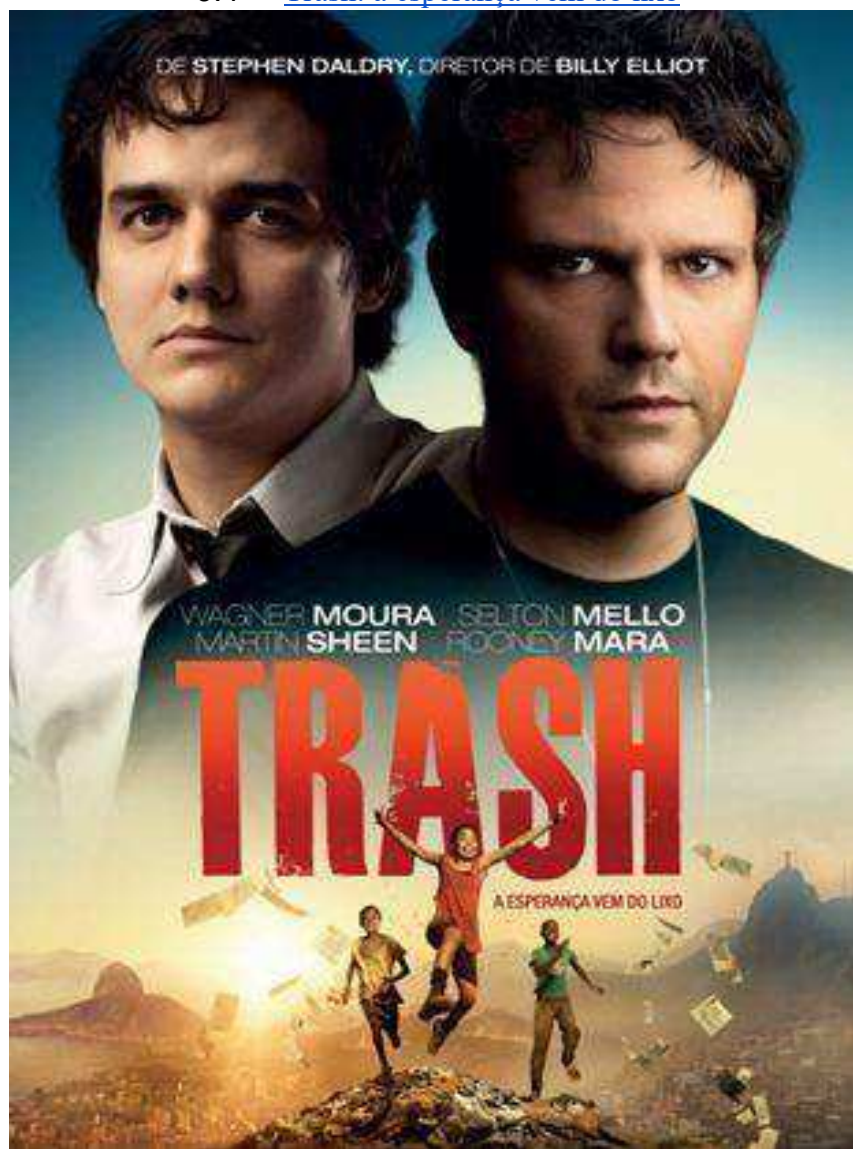
- **Coordenador:** Organiza a discussão;
- **Expositor:** Apresenta os pontos do grupo no fórum;
- **Sintetizador:** Registra os principais pontos da discussão do grupo em um resumo escrito.

O professor explicará o formato do fórum (temas, objetivos, tempo de debate) e mediará o debate sobre as problemáticas através de um roteiro para não enfraquecer a dinâmica.

3º Momento:

Ao final do fórum, o professor, junto com os sintetizadores de cada grupo, encerrará o fórum destacando os pontos mais relevantes apresentados.

3.4 [Trash: a esperança vem do lixo](#)



3.4.1 Resenha do Filme

Trash: A Esperança Vem do Lixo (2014) é um filme de suspense britano-brasileiro, dirigido por Stephen Daldry e roteirizado por Richard Curtis, com base na obra de Andy Mulligan. Tem como destaque atores consagrados no campo nacional e internacional, como Selton Mello, Wagner Moura, Martin Sheen e Rooney Mara. O filme apresenta Raphael, um garoto catador de lixo que, ao encontrar uma carteira no aterro sanitário, acaba sendo alvo, junto com os amigos Gardo e Rato, do policial Frederico e do deputado corrupto Santos. O longa examina temas como desigualdade social, corrupção e resistência, abordando também o impacto do poder excessivo na vida dos marginalizados.

O filme inicia com um garoto, claramente nervoso, segurando uma arma apontada para alguém, enquanto uma voz demanda que dispare logo. Em seguida, a narrativa corta para um vídeo gravado pelo mesmo menino, que informa que, se aquela gravação for divulgada, talvez ele já esteja morto. Ele descreve sobre estar sendo perseguido pela polícia por possuir algo valioso, que pertence a um poderoso político. Ele afirma que levará adiante o que José Ângelo tinha começado.

A cena se desloca José Ângelo, que assiste o caixão da filha, Pia, sendo colocado em um nicho no cemitério. De volta ao apartamento, ele segura as fotos com a menina. Nesse momento, uma viatura policial se aproxima na rua do prédio dele. Armados, os policiais invadem o local, enquanto José foge pela janela e desce

pela lateral do prédio. Antes de ser detido, ele consegue arremessar uma carteira em um caminhão de lixo que passa na rua. No corredor, ele é violentamente agredido pelos policiais.

Assim, a narrativa passa para o lixão, em que o caminhão despeja os resíduos. Entre as pessoas que recolhem o lixo, um menino, Raphael, encontra a carteira. Ao encontrar uma quantia de dinheiro dentro dela, guarda e, depois, compartilha com um amigo, Gardo. Ele tenta descartar a carteira, mas Raphael o impede para que possa conferir o conteúdo dela, encontrando a carteira de identidade de José Ângelo, fotos de uma menina, uma chave, uma tabela de jogo do bicho e um calendário com datas marcadas. Em um corte rápido, é exibido que José é torturado, enquanto o interrogam sobre o conteúdo da carteira. Logo após, o corpo dele sem vida aparece sendo colocado em um saco.

Na cena seguinte, Raphael está em uma casa junto com Olivia, uma estrangeira, que ensina inglês para algumas crianças. Gardo chega e mostra a comida comprada com o dinheiro encontrado. Um padre, também estrangeiro, conversa com os membros da comunidade, numa pequena e simples igreja adjacente. Depois, os garotos correm alegres pela comunidade e nadam em um rio poluído por lixo descartado. No entanto, a calma é interrompida pela abrupta chegada de diversas viaturas. Diversos policiais observam o local e um deles oferece uma recompensa a quem encontrar a carteira. Em seguida, o homem responsável pela tortura de José conversa com os meninos, Frederico, faz fotografias do local e dos meninos,

depois de questionar sobre os nomes dele e se eles sabem algo sobre o paradeiro da carteira. Gardo pergunta se existe alguma recompensa pela carteira e o policial confirma, reiterando antes de menosprezar a importância do item perdido.

Em uma nova sequência do vídeo, Raphael alerta sobre o ato de confiar facilmente em policiais, uma vez que eles tratam a população pobre como descartável e destaca que Gardo cometeu um erro ao acreditar que aquele policial fosse confiável. A cena seguinte retorna ao plano dos garotos, e que Gardo sugere que, no dia seguinte, entreguem a carteira para receber a recompensa. Raphael recusa, pois desconfia das motivações de Frederico. Assim, decidem esconder a carteira em um local seguro, que nenhum policial iria adentrar. Atravessando o rio poluído, chegam ao esconderijo de Rato, outro garoto. Rato nega, questionando acerca do pagamento que receberá em troca. Raphael oferece uma parte da recompensa, mas Rato insiste que as partes sejam iguais. No momento em que Raphael e Gardo tentam sair, Rato declara saber o que a polícia está procurando: uma chave escondida na carteira, e que conhece o que ela abre.

A cena seguinte exhibe os garotos saindo de um trem e indo para a parte subterrânea da estação. Ao tentar avançar, encontram um homem que barra a passagem, demandando um pagamento. Apenas depois do pagamento de Rato conseguem passar. Chegam até a área dos armários da estação e Rato pede a chave. Com policiais patrulhando as proximidades, Gardo age como uma distração, simulando um assalto a uma mulher, o que faz os policiais irem atrás dele,

proferindo insultos racistas. Usando a oportunidade, Rato e Raphael abrem o armário e encontram apenas um envelope, deixado antes por José Ângelo. Eles escapam rapidamente. Gardo se junta a eles, atrasado, mas seguro no trem. Enquanto lê o conteúdo do envelope, Gardo descobre que estavam escritas instruções direcionadas a quem o encontrasse: que entregassem a João Clemente, um prisioneiro da penitenciária Colva. Também encontram dentro fotografias de João com a filha e, no verso, números escritos.

Raphael deseja entender mais sobre o homem mencionado, considerando que, apesar de ser um envelope comum, poderia revelar algo mais. Retornam à igreja e vasculham as gavetas do escritório do padre para encontrar um computador. No navegador, pesquisam sobre João Clemente e descobrem que ele foi um advogado e ativista, preso como forma de silenciamento. Ao ouvirem os estrangeiros retornando, rapidamente se escondem. Do lado de fora, o padre conversa com outro membro da igreja e recebe o financiamento do voluntariado. Enquanto Rato distrai os estrangeiros na cozinha, Raphael e Gardo pesquisam mais sobre João Clemente, descobrindo que ele liderava projetos sociais e protestos, mas foi investigado a ponto das iniciativas serem encerradas. Na cozinha, o padre revela a Olivia que foi ameaçado de transferência devido às denúncias feitas contra a brutalidade policial e a corrupção local. Quando ele retorna ao escritório, os meninos se escondem, mas antes de fugir conseguem imprimir algumas matérias acerca de João Clemente.

No lixão, Frederico observa a área com

binóculos. Um menino se aproxima, gritando que encontrou a carteira, mas ao mostrar, dizem que não era a correta. O policial questiona sobre Gardo e Raphael, e é informado de que ambos não apareceram mais para trabalhar. Os dois estão na casa de Rato jogando videogame. Rato comenta que eles podem comprar o jogo, e Gardo sugere que eles entreguem a carteira para conseguir o dinheiro da recompensa. Raphael, no entanto, insiste que é melhor conversar com o homem na penitenciária primeiro. Durante a discussão no lado de fora, Raphael é capturado por um policial e arrastado até uma viatura, enquanto Gardo estava distraído e apenas percebe tarde demais.

Gardo e Rato correm à igreja e acordam o padre, implorando pela ajuda dele. Enquanto isso, Raphael é levado em uma viatura que faz manobras bruscas, fazendo com que se choque contra as paredes do carro. Frederico, acompanhando em outro carro, observa friamente. Raphael é levado ao encontro dele, mas pouco fala, e logo é devolvido à viatura, que continua sendo dirigida de maneira que ele se machuque dentro dela. O padre Julliard, ao chegar na delegacia, exige respostas sobre Raphael, mas é expulso e retorna, dizendo a Olivia que acredita que Raphael já está morto, e acende uma vela para ele.

Depois, Raphael é retirado da viatura e obrigado a ajoelhar-se diante de Frederico. Começa a rezar, enquanto Frederico diz que é para ele ser finalizado. O policial hesita e dispara no chão, incapaz de matar o garoto, abandona-o, ferido e ensanguentado. No lixão, uma comoção se forma ao redor de Raphael, encontrado caído. Gardo e Rato correm até ele e o levam ao padre,

que pede que desistam daquilo e entreguem a carteira em troca da recompensa, para que todos tenham uma vida melhor. Exaustos, Gardo e Raphael concordam que continuar pode talvez não valer a pena. Entretanto, Rato se oferece para ajudar Raphael a encontrar Clemente.

Os meninos procuram Olivia, pedindo por ajuda, pois Raphael corre perigo e precisa de um advogado. Eles dizem que o avô de Gardo era advogado, mas está preso. Quando Olivia questiona o porquê de precisarem especialmente dela, explicam que, por ser norte-americana e branca, ao contrário deles, terá credibilidade. Curiosa sobre a motivação dos meninos, ela questiona o porquê de se arriscarem tanto. Eles respondem que estão fazendo porque é o certo.

Sozinhos, Raphael então relembra que, enquanto estava detido, tinha ouvido os policiais falando sobre alguém chamado Santos, que Rato reconhece como um candidato corrupto. Com isso, eles decidem ir à Barra, onde Santos vive. Durante o caminho, Raphael observa a praia pela primeira vez, e Rato diz que morou na praia de águas cristalinas, e convida Raphael a retornar com ele para lá. Enquanto isso, Olivia e Gardo saem para comprar roupas novas para ele antes de irem encontrar Clemente. Dentro, Olivia é informada de que as visitas a ele estão proibidas, mas o agente sugere que a entrada pode ser comprada.

Quando Raphael e Rato invadem a casa de Santos pulando um muro, são imediatamente vistos por um funcionário. Enquanto isso, na sala de visitas, depois do pagamento, Olivia conversa em inglês com Clemente, que revela que não é parente de Gardo.

Clemente, desconfiado, questiona o real motivo da visita. Gardo entrega um recado de José ao dizer para Clemente não temer mais, pois tudo está concluído. Assim, ele recita a carta encontrada, que descreve que tudo será exposto e que, se Clemente recebeu aquela carta, já se foi.

Na casa de Santos, o funcionário comenta que foi um péssimo dia para os garotos estarem ali, já que o patrão teve um prejuízo recente de dez mil reais, relacionado a José Ângelo, um outro funcionário próximo ao deputado. Ângelo, enquanto era responsável por coletar o dinheiro da corrupção destinado à campanha de Santos e guardar o livro de anotações, sabotou uma das geladeiras da casa, durante uma viagem do deputado. Entrou no cofre e colocou todo o dinheiro e o livro dentro de sacos de lixo que, em seguida, foram escondidos dentro da geladeira, que estava no jardim, esperando para ser levada. No dia seguinte, pagou para que a geladeira fosse recolhida e levada até o apartamento dele.

Clemente menciona que havia algo mais. Quando Gardo fala sobre a foto com números escritos que estava na carteira, Clemente chama um guarda, Marco, e pede a Bíblia que guardava na cela. No entanto, o guarda diz que a visita estava encerrada. Assim, Clemente explica que a Bíblia continha um código, e revela que José e ele possuíam Bíblias idênticas, e que José usou a dele para deixar uma mensagem codificada, em que a página, capítulo e versículo formariam um código. Por fim, Clemente avisa que provavelmente não o verão novamente. Na saída, Marco, o guarda, concorda em entregar a Bíblia,

mas exige mil reais em troca.

Na casa de Olivia, os meninos explicam que precisam de dinheiro para conseguir a Bíblia. Olivia sugere que façam um vídeo para registrar toda a história. Sendo filmado, Raphael começa a narrativa em inglês, e se apresenta, fala sobre o trabalho no lixão, também sobre a agressão que sofreu da polícia e o fato de desgostar de policiais. Enquanto isso, o governador liga para Frederico e revela que soube da visita de Olivia e um dos meninos a Clemente. Ele exige a recuperação do dinheiro e do livro. Assim, enquanto filmam, diversas viaturas chegam à casa de Olivia. Os policiais invadem a casa e a câmera continua registrando toda a cena, caída no chão. Frederico revira a bolsa de Olivia, buscando o passaporte dela e a acusa de suborno, ameaçando o visto. Ele diz que ela precisa o acompanhar, enquanto os meninos, escondidos, observam e fogem.

Do lado de fora, encontram a favela tomada pelo caos. A casa de Raphael e o lixão estão em chamas. Gardo, devorado pela culpa, reza pelas famílias, mas ainda afirma que ainda precisam recuperar a Bíblia para acabar com aquilo. Rato, dispersa e pede que os garotos o esperem na estação. Ele retorna à igreja e rouba uma grande quantia em dinheiro, deixando um desenho dele tristonho no lugar. Com aquele dinheiro, poderiam encontrar Marco para recuperar a Bíblia e, assim, Raphael traça um plano. Gardo encontra Marco em um ponto para entregar o pagamento, mas percebe que é uma emboscada. Ele se defende, machucando Marco, e tenta escapar pelo restaurante. O plano fracassa. Gardo deveria passar discretamente a Bíblia para Rato, uma

vez que a polícia não o conhecia. No entanto, como a área estava cercada, diversos policiais viram o garoto. Mesmo assim, Rato consegue passar para Raphael, que escapa de bicicleta enquanto os policiais atiram, mas os meninos conseguem fugir.

Eles se refugiam numa casa vazia na favela. Raphael se zanga ao perceber que a Bíblia está escrita em inglês e a joga no chão. Gardo, exausto e desanimado, sai para buscar alguma comida. Depois de uns momentos, Rato pede que Raphael o ajude a decifrar os números anotados por José. Eles passam pelas páginas, tentando seguir a ordem dita por Clemente. Todas as palavras que surgem são de animais: vaca, leão, cabelo e urso. Rato brinca que parece uma tabela do jogo do bicho e Raphael imediatamente relembra da tabela encontrada na carteira de José Ângelo. Na favela, enquanto Gardo tenta conseguir comida revirando o lixo, um baile acontece. Com a chegada das viaturas da polícia, Gardo recebe ajuda de um menino para se esconder. Enquanto isso, Raphael começa a relacionar os nomes dos animais aos números na cartela do jogo do bicho, com ajuda de Rato, e escreve cada um deles na parede, tentando decifrar o que aquilo significava.

Os policiais agem violentamente contra os moradores da favela ao entrarem em busca dos garotos. Gardo consegue retornar ao esconderijo dos garotos e avisa que devem fugir. Em um breve momento, nota o número escrito na parede e questiona de quem é o telefone, o que faz Raphael perceber o significado do código. Logo depois, eles correm pelos telhados das casas, enquanto a polícia os persegue e atira.

Durante a fuga, Raphael grita que precisam de um telefone. Gardo pede ajuda a uma menina que conheceu na festa, pedindo por abrigo e o telefone dela. Ela concorda em auxiliar na saída deles dali e os leva até um grupo de motociclistas. Eles descem pela favela em motocicletas. Frederico, ao chegar no esconderijo, percebe os números escritos na parede. Raphael para no meio do caminho e usa um telefone público. Ele e Frederico ligam quase ao mesmo tempo e descobrem que o número é do cemitério São Francisco. O grupo decide ir imediatamente para lá e, ao chegarem, procuram pelo túmulo de José Ângelo.

Enquanto os amigos procuram, Raphael relembra do calendário, e o utiliza para encontrar o túmulo. Ele encontra não apenas o nicho que leva a foto e o nome de Pia, filha de José, mas a própria garota. Eles conversam aos sussurros e ela revela que espera pelo pai. Quando Raphael tenta chamar pelos amigos, Pia desaparece. Frederico chega armado ao cemitério e arrasta Gardo e Rato. Demanda que Raphael revele o que encontrou. Ele mostra e, juntos, os garotos quebram o nicho de Pia e descobrem que o caixão está cheio de sacos de dinheiro. O policial pergunta acerca do livro e faz com que Raphael o encontre.

Enquanto isso Frederico com Santos pelo telefone informa que encontrou o livro, mas não o dinheiro, Pia reaparece por trás, e joga um pedaço de concreto nele. Aproveitando que o homem cai, Gardo e Rato atacam. Raphael consegue pegar a arma dele, mas hesita em puxar o gatilho, mesmo diante das insistências de Gardo. Assim, a narrativa retorna ao

início do filme. Raphael apenas desfere um golpe contra o homem e foge com os sacos de dinheiro. Eles encontram um caminhão coletor de lixo e entram nele, escondidos, para retornarem para casa. Em casa, eles se dividem. Rato e Pia se deslocam até a casa do padre para ele deixar uma grande quantia de dinheiro, o livro de Santos e refazer o desenho, agora com uma figura de si mesmo feliz. Quando Julliard encontra o dinheiro, fica perplexo. Enquanto isso, Olivia é liberada para retornar para a casa. Lá, reencontra a câmara que gravou os violentos momentos anteriores.

Felizes com a vitória, Raphael e Fardo jogam da parte alta dos montes de lixo notas de cem reais para as pessoas, que correm para pegar o dinheiro. Olivia vai ao encontro do padre, que revela que os meninos deixaram um presente. Ela diz que, também, tem um presente: a filmagem que registra toda a história dos meninos. Olivia e o Padre Julliard assistem aos vídeos gravados. O padre se preocupa com os riscos da divulgação e questiona, como Olivia também fez, o motivo dos meninos terem continuado com aquela jornada. Ela responde que era o certo a se fazer.

Enquanto isso, os meninos e Pia, que aproveitam as ondas de comemoração no lixão para escapar, continuam viajando para um local distante. Julliard e Olivia continuam o trabalho, agora utilizando o caderno deixado pelos garotos, que apresenta todas as quantias exorbitantes recebidas pelo candidato Santos. As quantias tinham diferentes fontes, incluindo igrejas, grandes empresas nacionais e internacionais, envolvendo diversos setores.

No vídeo, os meninos expressam o desejo por

justiça e igualdade, discorrendo sobre a importância de lutar por um país mais justo. A repercussão é vista: a imprensa nacional e internacional cobrem o escândalo, e o vídeo acaba provocando a prisão de Santos. O caso comoveu protestos nas ruas, com manifestantes exigindo justiça e questionando sobre o paradeiro dos meninos. Por fim, Pia, junto com os meninos, está em uma praia de águas cristalinas e limpas. Eles pescam e comemoram juntos os peixes que conseguem, brincando na água e desfrutando de uma tranquilidade que parecia antes impossível.

O desfecho do longa demonstra o peso da coletividade durante a busca por justiça, evidenciando que nem Ângelo nem Rafael alcançariam os objetivos deles sozinhos. A conquista descrita pelos garotos nos vídeos é uma ação coletiva capaz de enfrentar as estruturas de um sistema desigual. Ao concluir com uma imagem de felicidade e realização dos garotos e de Pia, o filme sugere a possibilidade de transformação social alcançada pela persistência e cooperação.



3.4.2 Proposta Metodológica de Ensino I

Metodologia: [Aprendizagem entre Pares e Times](#);

Conteúdo: Corrupção na História do Brasil e Luta por Justiça – 9º ano do Ensino Fundamental;

Habilidade: EF09HI24;

Cortes do Filme:

00:54:00 – 00:57:20

01:43:25 – 01:47:54

Pesquise nas Redes:

[A Corrupção no Brasil: breve análise, desde o Império ao Governo Bolsonaro | Jusbrasil.](#)

[17 escândalos de corrupção do governo Bolsonaro - MST.](#)

Pondo em Prática:

O filme **Trash: A Esperança Vem do Lixo** será aplicado na discussão de momentos históricos de

denúncia de corrupção e maneiras de ação popular na história do Brasil.

1º Momento:

Será iniciado com a exibição dos cortes do filme que demonstram a corrupção e luta dos personagens. Em paralelo, os alunos receberão cópias de reportagens sobre casos de corrupção no Brasil.

Sugestões:

- Mensalão (2005);
- Operação Lava Jato (2014);
- CPI da Covid.

2º Momento:

A turma será dividida em times e cada um escolherá um caso de corrupção na história do Brasil para examinar. Deverão analisar:

- Contexto histórico do caso;
- Envolvidos, impactos e consequências;
- Reação popular e movimentos sociais;
- Paralelos com o filme Trash.

3º Momento:

Cada time será responsável por estruturar uma seção para um jornal da turma, contendo:

- Título: Nome do caso investigado;

- Artigo Principal: Contexto, descrição e impactos;
- Linha do Tempo: Principais eventos;
- Fotografias, ilustrações e caricaturas;
- Opinião do grupo sobre o impacto do caso e relações com o filme.

4º Momento:

O jornal mural poderá ser exibido em um espaço compartilhado da escola. Nas apresentações, cada time explicará a seção que ficou responsável para o resto da turma e outros estudantes.

Questões Norteadoras:

- Quais foram as principais causas e consequências do caso investigado?
- Como a sociedade reagiu ao caso de corrupção?
- Quais são os paralelos entre o caso e o filme

Trash?

- De que maneira o filme representa a luta por justiça e a resistência da sociedade?

3.4.3 Proposta Metodológica de Ensino II

Metodologia: [Fórum e Debate](#);

Conteúdo: Desigualdade e Exclusão Social –

9º ano do Ensino Fundamental;

Habilidade: EF09HI16;

Cortes do Filme:

00:11:59 – 00:13:29

00:49:43 – 00:50:13

Pesquise nas Redes:

[A desigualdade vista do alto em imagens impressionantes - YouTube;](#)

[Brasil tem 2ª maior concentração de renda do mundo, diz relatório da ONU | Mundo | G1.](#)

Pondo em Prática:

Para um debate guiado em sala de aula, foram selecionadas cenas que demonstram grandes disparidades sociais e econômicas presentes em **Trash: A Esperança Vem do Lixo**. O contraste visual será tratado em quatro momentos:

1º Momento:

Durante a exibição dos cortes, o professor poderá contextualizar a desigualdade social no Brasil, com foco na urbanização e os contrastes de moradia, bem como conceito de direitos humanos, especialmente o direito à moradia e à dignidade, e como é demonstrado por meio das experiências de personagens como Raphael, Gardo e Rato no filme. Em um

aprofundamento crítico, os efeitos dos programas habitacionais podem, também, integrar o debate.

2º Momento:

A turma será dividida em grupos para atividades.

Devem analisar:

- O contraste entre o lixão e a residência do deputado;
- A vida de Rato e dos outros meninos no lixão;
- Como a exclusão social colabora para a manutenção da pobreza e marginalização urbana.

Questões Norteadoras:

- Quais são os contrastes mais evidentes mostrados no filme?
- Como a vida de crianças e adolescentes como Raphael, Gardo e Rato representa a desigualdade social no Brasil?
- Que políticas públicas poderiam alterar a realidade apresentada no filme?

3º Momento:

O professor coordena o debate com a questão da ausência de políticas públicas coerentes em relação à moradia no Brasil. O momento deve motivar os alunos a discutir os distintos aspectos da exclusão e os impactos sofridos pelas pessoas em situação de

vulnerabilidade.

3.4.4 Proposta Metodológica de Ensino III

Metodologia: [Estudo de Caso](#);

Conteúdo: Desigualdades Sociais no Brasil;

Habilidade:

Trechos do Filme:

00:28:17 – 00:37:40

00:54:00 – 00:57:20

Pesquise nas Redes:

[4 dados que mostram por que Brasil é um dos países mais desiguais do mundo, segundo relatório | Economia | G1.](#)

[Vulnerabilidade social dos jovens e a relação com a criminalidade.](#)

Pondo em Prática:

A proposta leva como base a letra da música [O Berço](#), da banda 3030, que aparece no durante o filme **Trash: A Esperança Vem do Lixo**. O professor deverá contextualizar e solicitar que os alunos pesquisem sobre desigualdade social, violência urbana e a importância da música como expressão política.

1º Momento:

Durante a aula, o professor irá questionar os alunos acerca dos trechos e as conexões com a música. Em seguida, a turma será dividida em dois grupos, que terão como tarefa conduzir seminários com as temáticas abaixo.

2º Momento:

Seminário 1 – Violência Urbana e Desigualdade Social:

Trechos da música:

- "Balas perdidas não me achem no bairro que ando";
- "Cidade sem lei melhor ter munição";
- "Terra da grana da rua e da fama / Do topo e vitrine do poço e da lama";

Seminário 2 – Juventude e os Caminhos Ambíguos;

Trechos da música:

- "Vários maluco novo ai carregam em si o bem e o mal".
- "Ou tu ganha esse jogo no grito ou vai morrer calado".

3º Momento:

Por fim, cada grupo apresentará as conclusões tomadas nos seminários diante das mediações do professor.

3.4.5 Proposta Metodológica de Ensino IV

Metodologia: [Gamificação](#);

Conteúdo: Meio Ambiente – 3º ano do Ensino Médio;

Habilidade: EM13CHSA301;

Trechos do Filme:

00:11:59 – 00:13:29

00:16:00 – 00:17:52

Pesquisa nas Redes:

[Moradores denunciam irregularidades no 'Lixão de Teresina'; conheça o local](#);

[Quatro prefeitos do Piauí são denunciados pelo Ministério Público por manter lixão a céu aberto.](#)

Pondo em Prática:

A proposta é um esforço coletivo, dividido em etapas realizadas ao longo das aulas de História e Geografia, promovendo uma integração interdisciplinar. Cada disciplina colabora com aspectos referentes ao

currículo, mas de maneira complementar, para gerar em ações que conectam o aprendizado à realidade dos alunos tendo como base o filme **Trash: A Esperança Vem do Lixo** e a realidade do estado do Piauí.

1º Momento:

Acompanhado dos cortes do filme, o professor irá introduzir os temas centrais do projeto, como a desigualdade social, corrupção e omissão de direitos humanos. A realidade social dos garotos do filme Trash deve ser debatida com comparações com a história da urbanização brasileira, exclusão das populações periféricas e, também, com relações mais próximas. As cenas do convívio próximo com a poluição podem ser relacionadas com as condições do bairro Santo Antônio em Teresina.

2º Momento:

Em seguida, os alunos irão partir para uma investigação local sobre os impactos do lixo, com o objetivo de conectar o conteúdo do filme à realidade próxima.

- Dentro da matéria de História: Investigar como a urbanização no Brasil gerou desigualdades e excluiu populações do acesso a direitos básicos;
- Dentro da matéria de Geografia: Estudar os impactos ambientais da gestão incorreta de resíduos.

Os alunos podem entrevistar moradores, registrar experiências pessoais e pesquisar dentro das

próximas escolas a gestão dos resíduos. Visita ao local ou entrevista com algum trabalhador do aterro poderia ser enriquecedora, mas, se não for possível, o uso de fotografias e localizações em mapas agiria com impacto semelhante.

3º Momento:

As turmas serão divididas em 4 equipes. As equipes realizarão diferentes missões, acumulando pontos em cada uma:

- **Missão 1** (10 pontos):

Pesquisar sobre a gestão de resíduos no bairro Santo Antônio em Teresina. Poderão ou realizar entrevistas, coletar dados, tirar fotos ou pesquisar na Internet e compor uma apresentação.

- **Missão 2** (10 pontos):

Propor soluções para os problemas identificados, conectadas com conceitos abordados em Geografia, como oficinas de reciclagem e compostagem.

- **Missão 3** (10 pontos):

Produzir materiais informativos para a comunidade por meio de campanhas, cartazes e vídeos.

A equipe com maior pontuação será reconhecida como **Defensores do Meio Ambiente**. Dependendo da instituição, certificados ou um destaque no mural da escola poderão ser entregues aos participantes.

4º Momento:

Para uma síntese do aprendizado, um debate seria promovido em sala de aula acerca da importância histórica das ações coletivas para a transformação social, conexões com o consumismo exacerbado e os impactos com o meio ambiente e, com base nas pesquisas dos alunos, possíveis soluções para o bairro Santo Antônio e outras áreas do Piauí.

4. Eixo Temático III (Diversidade Cultural)

No contexto da sociedade humana o termo diversidade deveria ser considerado como redundante uma vez que a concepção de mundo que possuímos existente nos leva a percepção da diversidade em todos os sentidos, ou seja, imaginar o mundo composto de uma forma unificada é exatamente o desconsiderar como humanidade é impor a ele uma percepção no mínimo brevíssimo, uma vez que a sua forma de sustentabilidade se dá nessa ordem diversa de existência.

No dicionário a descrição para diversidade nos diz que “Característica ou estado do que é diverso, diferente, diversificado; não semelhante, diverso, diferente, variado; variedade, conjunto diverso, múltiplo, composto por variadas coisas ou pessoas; multiplicidade” (Dicio, 2025,), desta forma pensar diversidade no contexto social nos remete a perceber as relações de convívio entre os diferentes seres sociais em suas etnias, orientações sexuais, gênero, cultura e religião.

Na construção dos controles sociais teremos a imposições de padrões e ordens sociais formas de comportamento que são cobrados pelos grupos e imposto a sociedade, esta relação de imposição gera uma composição de conceito contraditório em vista de quem nem sempre a forma determinada por elas vai realmente se basear na ordem numérica, ou seja, a relação de maiorias x minorias.

No entanto, o conceito de minorias não se refere a grupos de quantidade numérica menor ou maior

dentro da sociedade, ou seja, o termo tem mais relação com o papel de dominação de um grupo em relação ao outro.

Desta forma o grupo majoritário não está no contexto quantitativo mais sim daquele capazes de controlar o poder ou demandar o seu discurso a sociedade; podemos ter como exemplo a formação do congresso brasileiro no ano de 2025 temos os seguintes grupos representativos entre brancos e negros temos 75% de brancos e 24,3 % de negros; com relação ao gênero essa diferença aumenta para 85% de homens e 15% de mulheres temos ainda 2 representantes trans nestes 15%.

Poderíamos simplesmente dizer que isso é um reflexo das relações de sociedade, mas o ponto principal seria esse uma vez que conforme o IBGE(2025) 51,5% da população no Brasil é de mulheres e temos ainda 55,5% da população se declara preta ou parda.

Estes dados só confirmam que a ideia de minoria está pautada na questão social que a estrutura de preconceito e ódio a alguns grupos vai se dar pela narrativa do grupo dominante, ou seja, homem branco que mantém seu poder através da opressão e do discurso moldado em elementos de ordem cultural, social e religiosa. Por isso pensar a diversidade se faz como necessidade e entendimento destes conceitos.

Outro ponto importante para nós será entender que o conceito de diversidade ele em si gera uma amplitude e infinitude de possibilidade para um melhor controle e debate passamos a considerar o conceito de Diversidade Cultural, iremos adotar tal

ponto por entendermos que esse conceito será abrangente o suficiente para determinar o nosso debate e permitir a nossa reflexão sobre o tema.

Quando falamos de diversidade cultural, nossa intenção é nos referir diretamente ao conceito e dentre eles os diferentes contextos sociais e culturais existentes na sociedade brasileira, uma vez que comungamos das ideias que este fenômeno sempre compôs a humanidade. Como parâmetro, a Declaração Universal sobre Diversidade Cultural (Unesco, 2001), determina a relevância do debate colocando-a no mesmo nível dos direitos econômicos e sociais. Por isso em seu artigo 1º ele define que:

A cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é, para o gênero humano, tão necessária como a diversidade biológica para a natureza. Nesse sentido, constitui o patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras. (UNESCO, 2002, pág 03)

Com este determinante passamos a buscar formas de que esta diversidade cultural seja não só expressa mais garantida em sala de aula os mecanismos necessários devem ser construídos através das práticas de sala de aula, a repetição da máxima da

educação bancária onde só é possível a inserção de uma forma de pensamento, e no caso a dominante branca heteronormativa, se faz necessário a inclusão não só dos agentes mais das representações deste através do discurso da diversidade cultural.

Em nossas sociedades cada vez mais diversificadas, torna-se indispensável garantir uma interação harmoniosa entre pessoas e grupos com identidades culturais a um só tempo plurais, variadas e dinâmicas, assim como sua vontade de conviver. **As políticas que favoreçam a inclusão e a participação de todos os cidadãos garantem a coesão social, a vitalidade da sociedade civil e a paz.** Definido desta maneira, o pluralismo cultural constitui a resposta política à realidade da diversidade cultural. Inseparável de um contexto democrático, o pluralismo cultural é propício aos intercâmbios culturais e ao desenvolvimento das capacidades criadoras que alimentam a vida pública. (UNESCO, 2002, pág 03) (grifo nosso)

Como descrito no artigo 2º somente com políticas de inclusão e principalmente com o reconhecimento da diversidade é que podemos alcançar uma relação harmônica e social de qualidade, não é tentando fazer de todo mundo igual que isso nos torna igual, a nossa igualdade se calca no reconhecimento plural não desejamos sermos “igual” mais sim que sejamos reconhecidos em nossa diversidade cultural; não desejamos ter uma religião, e sim poder ter

a religião que acalma minha alma; não desejamos ter sua ou a minha etnia apenas que a etnia que temos seja respeitada; não desejamos ou invejamos a sua base sexual, somente desejamos que possamos na diversidade viver os nosso desejos.

Entender o quanto a diversidade está presente em nosso cotidiano é de suma importância para que possamos entender o papel de cada um de nós na sociedade. Viver em harmonia, compreendendo as diferenças e as várias formas de agir e pensar se faz necessário na sociedade atual.

Permitir e reconhecer a existência do outro é garantia a harmonia de uma sociedade lembrando sempre que esse mecanismos de Diversidade Cultural não é uma base folclórica ou pitoresca, não estamos discutindo danças, artes, brincadeira, comidas de um grupo para nós a o debate sobre diversidade ve ocorrer na forma crítica assim como nos diz Silva e Brandim;

a bandeira da pluralidade de identidades culturais, a heterogeneidade como marca de cada grupo e opõe-se à padronização e uniformização definidas e impostas pelos grupos dominantes. Celebrar o direito à diferença nas relações sociais como forma de assegurar a convivência pacífica e tolerante entre os indivíduos caracteriza o compromisso com a democracia e a justiça

social, em meio às relações de poder em que tais diferenças são construídas.[...] o multiculturalismo numa perspectiva crítica e de resistência pode contribuir para desencadear e fortalecer ações articuladas a uma prática social cotidiana em defesa da diversidade cultural, da vida humana, acima de qualquer forma discriminatória, preconceituosa ou excludente. (2008, pág. 64)

Na busca por essa perspectiva crítica é que elaboramos esse eixo temático apresentando filmes onde o debate se estenda além da sala de aula, permita com que os alunos se encontrem nesta proposta onde o diverso não se esconde através do discurso mais sim explode na tela se apresentando como uma grande interrogação a sociedade, enfim gritando não somos iguais e principalmente não desejamos esta igualdade.

4.1.1 Resenha do Filme

Uma História de Amor e Fúria (2013), de Luiz Bolognesi, é uma animação brasileira que desbrava a história do Brasil fazendo uso de narrativa épica que acompanha um protagonista imortal atravessando diferentes períodos históricos, desde a colonização, passando pela escravidão, a ditadura militar e chegando em um futuro distópico. A produção é assinada por Buriti Filmes e Gullane, com a direção de arte de Anna Caiado, que auxiliou na ambientação e criação dos personagens, com destaque aos dublados por Selton Mello, Camila Pitanga e Rodrigo Santoro. O filme recebeu reconhecimento em diversos festivais nacionais e internacionais, com destaque na categoria de Melhor Longa-Metragem no Festival de Annecy, o mais respeitado festival de animação do mundo.

O longa inicia com um ritmo frenético e enigmático, revelando, no entanto, dois elementos cruciais para a narrativa: ao longo dos seiscentos anos vividos pelo protagonista, há apenas um ponto de convergência constante, representado por Janaína, a mulher com quem ele foge durante a perseguição caótica que marca os primeiros momentos da trama.

Em um corte abrupto, o protagonista narra os eventos que o conduziram até aquele momento. Retorna ao ano de 1566, quando o Brasil ainda recebia o nome de uma árvore, e o protagonista era conhecido como Abeguar. Membro da aldeia Tupinambá, ele busca ser reconhecido como um guerreiro forte ao realizar o ritual de passagem que envolve matar uma onça. Concentrado, Abeguar caminha sorrateiramente pela

mata, mas a onça que ele persegue revela-se, na verdade, Janaína, que, ao se mostrar e assustar Abeguar, é rendida aos risos. No entanto, o momento é interrompido quando o disfarce de Janaína, feito de couro de onça, atrai uma verdadeira pantera. Abeguar atira uma flecha no animal, mas o efeito contra ele é pouco. Eles então fogem, e, sem outras alternativas, param à beira de um precipício. Pulam, com Janaína agarrada às costas de Abeguar, que, magicamente, consegue voar para longe. Em seguida, ambos celebram a escapada brincando em um rio.

Na cena seguinte, Abeguar se vê cercado por outros membros da aldeia, enquanto o pajé revela que ele foi escolhido pelo Grande Deus e por isso foi capaz de voar. Contudo, o poder não tinha sido concedido sem razão, pois estava relacionado a uma missão: liderar seu povo em direção à Terra Sem Mal. O pajé explica que, quando suas terras forem dominadas, as florestas desaparecerem, as águas se tornarem contaminadas e os animais morrerem de sede, Abeguar deverá continuar a lutar. Ele não poderá desistir nem morrer, devendo lutar até que o mal seja derrotado. Apenas então, será permitido que ele voe novamente em sua forma humana. Nesse momento, Abeguar é envolvido por visões intensas, causadas pela bebida oferecida pelo pajé. Janaína está presente, ferida.

Posteriormente, durante uma reunião entre os membros da aldeia, ocorre um conflito de interesses. O Grande Cacique expressa o desejo de atacar os portugueses, em concordância com as vontades e estratégias sugeridas pelo visitante francês. No entanto, Abeguar desconfia que o estrangeiro possa estar aliado

a forças malignas e prefere que a aldeia se mantenha pacífica. O Grande Cacique declara que, se Abeguar desejar desafiar suas ordens, deverá se retirar, enfatizando que os Tupinambás devem lutar juntos. Dessa maneira, avançam em direção ao confronto, navegando pelo rio, enquanto Abeguar, que os segue pela mata, corta um tronco para bloqueá-los. Ele relata que, em um sonho, foi revelado que o ataque não deve ocorrer, porque provocaria a ira dos portugueses, que se uniriam a outra aldeia indígena para uma vingança. O cacique, no entanto, acusa Abeguar de ser um covarde. Abeguar é atacado e insultado, sendo mandado para longe. O confronto entre as aldeias se revela brutal, com Tupinambás consumindo os corpos dos inimigos Tupiniquins e portugueses, assim como prometido pelo Grande Cacique.

Depois do desentendimento com o cacique, Abeguar permaneceu isolado na mata, afastado da aldeia. No entanto, o pajé urge que retorne. Durante esse isolamento, Abeguar contou apenas com a presença de Janaína, que permaneceu ao lado dele o tempo todo. Ela declara que, onde quer que ele esteja, ela estará presente. Apesar da calma, o momento é abruptamente interrompido pelo som alto da esquadra portuguesa chegando pelo mar e atacando os navios franceses, como o pajé temia. Com o avançar dos portugueses e Tupiniquins, os Tupinambás são brutalmente atacados. Incapaz de chegar a tempo, Abeguar, impedido de voar, é forçado a assistir à devastação de grande parte da aldeia dele. As armas dos indígenas, ineficazes diante da superioridade das armas portuguesas, tornam-se inúteis. Em poucos

instantes, até o Grande Cacique é neutralizado.

Abeguar, em seguida do massacre, reuniu os sobreviventes e os levou para o alto da serra. No local onde antes se localizava a aldeia Tupinambá, uma vila foi erguida pelos portugueses, acompanhada de um crucifixo, simbolizando a tomada de posse do território, batizado como São Sebastião do Rio de Janeiro. Exaustos, Abeguar e os sobreviventes, incluindo crianças debilitadas e Janaína, caminharam sem parar. No entanto, os portugueses logo os encontraram e o ataque foi imediato. As crianças foram capturadas e levadas como escravas para trabalhar nas fazendas, enquanto Janaína e o pajé foram mortos. Abeguar, por sua vez, foi atacado.

A nação Tupinambá foi quase completamente extinta. Sem nenhuma motivação para lutar, Abeguar, engolido pela melancolia e solidão após a partida de Janaína, decide se jogar de um precipício. No entanto, pelo dom que lhe foi concedido, ele se transforma em um pássaro e alça voo. Na tentativa de escapar do destino, Abeguar voou por quase duzentos anos, sem jamais parar. Finalmente ele reencontra Janaína, agora no corpo de outra mulher. O reencontro faz com que o encantamento se quebre imediatamente, permitindo que Abeguar retorne à forma humana, assumindo a identidade de Manuel, um vendedor de balaios. Juntos, ele e Janaína, vivem no Maranhão, em um período marcado por intensas revoluções, criando suas duas filhas.

O passado de Manuel é rememorado marcando, marcando sua trajetória como o guerreiro imortal escolhido. O protagonista, ao longo da vida, manteve-se

ao lado das causas fragilizadas, sentindo profundamente a dor do povo oprimido. Quando um homem se aproxima de sua casa pedindo sacas de feijão, Manuel as oferece, mesmo sabendo que isso significaria a falta de alimento em seu próprio lar. Esses grãos seriam destinados a um quilombo que se formava nas proximidades. Manuel compreende profundamente o sofrimento daqueles homens e se compadece com a luta, lembrando-se de quando presenciou as crianças da própria aldeia serem escravizadas.

Em uma cena posterior, Manuel e a filha, quando saem para vender balaios, passam por campos de algodão em que escravizados trabalham acorrentados. A luta contida de Manuel se torna evidente nesse momento: Negro Cosme, o líder do quilombo, e outros homens, que estavam escondidos dentro da carroça e entre os balaios, surgem. Manuel, demonstrando a cumplicidade com a causa quilombola, informa aos homens sobre a quantidade de capatazes que monitoram os escravizados, revelando um papel potente na luta contra o sistema escravista. No meio do caminho, Manuel é interrompido pelo Capitão do Governo, que realiza uma revista na carroça dele. O atraso de Manuel para chegar até a Feira de Caixas é percebido, gerando um clima de tensão, já que o Capitão aguarda por um deslize do protagonista para que exista motivos claros para uma punição. Em um gesto de provocação e abuso de poder, o Capitão seleciona alguns balaios e afirma que não irá pagar, justificando que é está na conta do governo. A cena evidencia o uso indevido de autoridade, destacando a afronta e a opressão incessante.

Em um momento posterior, os mesmos homens que tinham interrompido o caminho de Manuel vão até a casa dele. O Capitão afirma ter ouvido rumores de que os moradores da Vila da Manga estariam auxiliando nas fugas de pessoas escravizadas. Manuel nega imediatamente, afirmando que nenhum dos moradores possui envolvimento com os quilombos. O Capitão, no entanto, revela ter capturado um homem portando uma saca de feijão e, após uma tortura, teria conseguido a informação sobre o fornecedor. Em seguida, ele arrasta uma das filhas de Manuel para dentro da casa e a abusa sexualmente. Manuel tenta intervir, mas é contido pelos guardas presentes.

Em seguida, Manuel incendiou a casa e parte com sua família. Em Caixas, ele se reúne com outros homens e manifesta um discurso condenando os atos violentos da polícia. Ele questiona quantos ali também tiveram suas casas invadidas pelos soldados. Depois de ouvir as respostas, Manuel convoca todos que reajam, afirmando que aquela é a hora de pôr fim àquela situação. Pede que se unam a ele na Pedra Grande, e declara que, mesmo se ninguém mais comparecer, ele lutará sozinho. Diversos homens se juntam a ele, armados com o que conseguiram — foices, enxadas e facões. Até mesmo Janaína faz parte do grupo. Assim, a revolta começa.

Atacam pela mata, em grande número, apesar de portarem armas menos potentes. Eles investem contra os guardas, eliminando cada um. Manuel, em um combate corpo a corpo com o Capitão, o mata. Findada aquela pequena disputa, os Balaios estabelecem um acampamento potente, que abriga pessoas de diferentes

partes da província. Uniram suas forças, animais e armamentos. Cosme e os cinco mil negros dispersos pelas matas se unem à causa. O objetivo é tomar a cidade de Caxias. No local, o combate entre a polícia e os Balaios é feroz. Depois de três meses de combates diários, os Balaios finalmente conseguem tomar Caxias. A vitória é celebrada nas ruas, com músicas e danças, simbolizando a conquista.

Com a conquista dos Balaios, foi notado que o controle da província estava sendo ameaçado. Como reação, o coronel Luís Alves foi convocado a liderar o combate e assegurar a pacificação dos revoltosos. Um exército organizado marchou em direção a Caxias, atacando os Balaios sem piedade. Fragmentados em pequenos grupos, os insurgentes fugiram, mas foram perseguidos por diversas frentes, sob as ordens do coronel. Pela supressão da revolta, Luís Alves recebeu o título de Duque de Caxias, honrarias, medalhas e estátuas, fixando a imagem dele na memória histórica. No entanto, a luta dos Balaios permanece pouco reconhecida e quase nunca lembrada, em grande parte devido à participação popular. Enquanto aqueles que se levantaram contra a ordem opressiva foram severamente punidos, como Negro Cosme, que foi enforcado, ou como Janaína e filhas, que foram perseguidas e escravizadas, os que estiveram do lado da repressão foram agraciados com glória.

Depois de Manuel ser localizado e atacado, o pássaro toma a forma novamente. Ele continua seu voo até encontrar Janaína, agora na Ditadura Militar. Ela está envolvida no movimento estudantil, atuando na linha de frente contra a repressão, às torturas e os

desaparecimentos promovidos pelo regime. O guerreiro imortal, agora no corpo de Carlos, entra no movimento como uma forma de se aproximar de Janaína. Apesar do vínculo que ainda existe entre eles, Janaína está comprometida com outro homem. No entanto, o movimento estudantil é descoberto pelos militares, forçando os membros a se esconderem e se tornarem guerrilheiros. Em um dos momentos, realizam uma invasão de um banco, com o objetivo de retomar o dinheiro que tinha sido tirado do povo. Janaína emerge como o coração do movimento, sendo a motorista durante a fuga e protegendo os companheiros.

Nesse contexto, os momentos entre os dois são escassos. Durante a comemoração pela retomada, apesar dos receios que Carlos nutre em relação ao perigo que a presença dele pode significar para a Janaína, ambos conversam brevemente sobre o afeto mútuo. Ambos saem para entregar o dinheiro recuperado ao comando. Disfarçados, ele entra em uma farmácia, em que Carlos faz a entrega. Aproveitando, decidem ir a um parque de diversões. No entanto, antes que possam desfrutar de um raro momento juntos, policiais entram no parque à procura deles, portando retratos falados. São rapidamente reconhecidos e, em seguida, levados pelas autoridades.

Carlos é torturado e coagido a revelar informações acerca do restante do grupo de guerrilheiros. Mantendo o silêncio, é levado para uma sala em que Janaína será torturada, forçado a testemunhar o sofrimento dela. Os torturadores o ameaçam: se ele não falar, a sessão de tortura dela começará. Diante da pressão, ele cede e delata o grupo.

A casa onde estavam escondidos é invadida, e os guerrilheiros são capturados e presos. Janaína é libertada, mas Carlos permanece encarcerado. Na prisão, Carlos desiste e se recusa a prosseguir, parando até mesmo de comer. No entanto, lembra das palavras o pajé, que sempre o advertia contra a vontade de desistir. Carlos volta a se alimentar, a estudar e a ler. Até a soltura com a anistia, ele passou sete anos preso.

Depois, ele acompanha Feijão até o Rio de Janeiro, instigado pelo amigo a ministrar aulas nas favelas. Anos depois, Carlos tem um breve reencontro com Janaína em um parque de diversões. Ela, agora mãe, permanece com o mesmo companheiro da época da guerrilha. Ele, ainda o mesmo, continua a valorizar os pequenos momentos que compartilha com ela. Em seguida, ocorre a invasão da favela e Feijão e Carlos são atacados. O momento marca, mais uma vez, a separação forçada entre Janaína e Carlos.

O pássaro encaminha o filme novamente ao cenário futurista. Agora, como João Cândido, no Rio de Janeiro tecnologicamente avançado, mas que carece de água. Movido pelo controle violento das milícias, o país se sustenta por cotas mensais que limitam o consumo de água, fornecida agora por uma empresa multimilionária. Cândido, antes, denunciava o custo e a violência do país, mas ao notar que o barulho que fazia era insignificante perto do poderio financeiro que rodeava o país, desistiu. O foco dele era em Janaína, não na água infectada, não nas crianças atacadas, mas nas noites que pagava caro para passar com ela.

Em uma das noites, Janaína deixa João para se encontrar com o presidente da empresa fornecedora de

água e prepara uma emboscada. Ela faz parte do grupo guerrilheiro Água para Todos. Ao ver a situação nos holofotes, João dirige-se à sede da empresa. Apesar dele ter desistido da luta, percebe naquele momento que Janaína nunca abandonou a resistência. O prédio é atacado e João, sem alternativas, segue a força tática das milícias. A sala atacada, no entanto, revela-se uma emboscada e apenas o presidente acaba atingido. O incidente, transmitido globalmente, expõe a violência das milícias que, agora contra uma figura poderosa, começa a ser repudiada. Durante a fuga, um guerrilheiro é atingido e Janaína quase é capturada, mas João intervém, atacando o miliciano e a salvando.

Durante a fuga, João é baleado no ombro, complicando ainda mais enquanto helicópteros planam acima deles. Sem saída, eles alcançam o topo do prédio, enquanto as autoridades exigem que se rendam ou se preparem para serem abatidos. João então pede para que Janaína suba nas costas dele. Sem nenhuma outra alternativa, ele voa entre os prédios para escapar.

O guerreiro imortal encerra a trama ressaltando que viver sem passado é viver no escuro. A causa indígena, os Balaios e vaqueiros, os guerrilheiros, todos foram enterrados num passado pouco acessado pelo presente. Ao acompanhar séculos de lutas da perspectiva dos elos mais frágeis, dos oprimidos, a trama ilumina passados que ficaram por muito na escuridão, mas que, com levantes constantes, atravessaram séculos.

4.1.2 Proposta Metodológica de Ensino I

Metodologia: [Sala de Aula Invertida](#);

Conteúdo: Resgate Histórico de Personagens Brasileiros Pouco Conhecidos
– 8º ano do Ensino Fundamental;

Habilidade: EF08HI27;

Cortes do Filme:

00:26:22 – 00:33:24

00:34:46 – 00:36:22

Pesquise nas Redes:

[Dicionário apresenta personagens esquecidos da história do Brasil - Planeta](#);

Pondo em Prática:

A proposta se baseia na metodologia de sala de aula invertida para promover o resgate de personagens históricos brasileiros que não são amplamente estudados, utilizando o filme **Uma História de Amor e Fúria** como ferramenta de incentivo ao pensamento crítico.

1º Momento:

Será enviado para os alunos, com antecedência, o link do filme [Uma História de Amor e Fúria](#)

juntamente com a minutagem dos cortes a serem estudados e com uma lista de figuras históricas brasileiras que não são muito estudadas, para que os alunos pesquisem o máximo possível sobre esses personagens e suas histórias. Na sala de aula será exibida novamente a cena; em seguida os alunos comentarão as informações que descobriram sobre os personagens históricos pesquisados, bem como as razões por trás desse alagamento histórico.

2º Momento:

Os alunos deverão apresentar os resultados das suas pesquisas em público. Como uma forma de promover esse resgate historiográfico na prática os alunos serão instigados a formarem grupos e pesquisarem sobre algum personagem pouco conhecido, seja no contexto do bairro, da cidade, do estado ou até mesmo no contexto nacional. A partir dessa pesquisa os alunos deverão escrever um resumo da história desses personagens, se possível trazer fotografias para que as pessoas que não tenham conhecimento acerca deste personagem possam se familiarizar. Isso seria apresentado em um mural e ficaria em exposição ao longo de alguns dias ou semanas, sendo que no dia inicial dessa exposição os alunos deveriam falar acerca desse personagem e das lutas que o mesmo enfrentou, fosse de forma individual ou coletivamente.

4.1.3 Proposta Metodológica de Ensino II

Metodologia: [Mapas Mentais](#);

Habilidade: EF08HI16;

Conteúdo: Revolta da Balaiada e a Construção de Heróis Nacionais; 8º ano do Ensino Fundamental;

Cortes do Filme:

00:26:22 – 00:33:24

00:34:46 – 00:36:22

Pesquise nas Redes:

[A Balaiada: luta por cidadania](#);

[Duas faces de Duque de Caxias, o pacificador e o genocida.](#)

Pondo em Prática:

A proposta metodológica visa abordar a Revolta da Balaiada e promover uma reflexão crítica sobre a construção de heróis nacionais, com destaque para a figura de Duque de Caxias. A aula será dividida em dois momentos, utilizando filmes e debates para estimular a participação ativa dos alunos.

Primeira Aula: Exposição de Conteúdo e Análise de Cenas

Trabalhar os antecedentes da Revolta, de que forma os revoltosos conseguiram alcançar seus objetivos primordiais e como a Revolta chegou ao fim. Após a exibição das cenas, serão reservados alguns minutos para que os alunos possam fazer comentários e levantar questões sobre o que foi assistido.

Segunda Aula: Duque de Caxias: Herói ou Não?

A turma será dividida em dois grupos. Cada um analisará as temáticas e produzirão mapas conceituais para auxílio da exposição de suas perspectivas:

- **Grupo 1:** Defenderá a imagem de Duque de Caxias como herói nacional, destacando as contribuições militares e políticas;
- **Grupo 2:** Criticará a construção dessa imagem, questionando o apagamento de figuras históricas como Frei Caneca e Luis Gama, que também desempenharam papéis importantes na história do Brasil.

Os alunos serão instruídos a estudar previamente sobre Duque de Caxias, Frei Caneca e Luís Gama, desenvolvendo argumentos para embasar suas posições.

4.1.4 Proposta Metodológica de Ensino III

Metodologia: [Aprendizado por Problemas](#);

Conteúdo: A Questão Indígena no Piauí – 9º ano do Ensino Fundamental.

Habilidade: EF09HI36; **Cortes do Filme:**

00:08:45 – 00:09:41

00:13:39 – 00:15:54

Pesquisa nas Redes:

[Indígenas do Piauí lutam por suas terras e direitos de cidadania - Lunário Político.](#)

[O dia do Indígena: os Indígenas do Piauí. - YouTube.](#)

Pondo em Prática:

O estudo trabalhará a diversidade de povos indígenas no Brasil e a partir dessa dimensão trazer o cenário piauiense para se compreender em que momento os povos indígenas “sumiram” da História piauiense.

1º Momento:

Apresentar o trecho do filme **Uma História de Amor e Fúria** no trecho que compreende os minutos 00:08:45 a 00:15:54; em seguida realizar a exposição do conteúdo e trazer para o ambiente de sala de aula uma pesquisa prévia, bem como fontes necessárias que permitam aos alunos mapear a vivência dos povos indígenas no território piauiense.

Questões Norteadoras:

- Por que os povos indígenas do Piauí parecem ausentes na narrativa histórica?
- Que fatores podem ter contribuído para esse

apagamento?

- Que formas de resistência indígena atual vocês podem elencar?

Os alunos respondem e estabelecem hipóteses para guiar a pesquisa.

2º Momento:

Os alunos serão divididos em grupos e realizarão uma pesquisa prévia sobre povos indígenas que resistem no Piauí atualmente. A pesquisa será orientada pelas seguintes questões:

- Como vivem os povos indígenas no Piauí atualmente?
- Quantos povos indígenas ainda resistem no cenário atual?
- Quais são seus costumes e tradições?
- Quais línguas são cultivadas?
- Em que consiste sua alimentação tradicional?

Cada grupo será responsável por produzir um mapa interativo ou um painel que demonstre as áreas de

ocupação indígena no Piauí. O painel deve conter informações sobre a história, cultura e a resistência dos povos mapeados.

4.1.5 Proposta Metodológica de Ensino IV

Metodologia: [Teatralização](#);

Conteúdo: Ditadura Militar no Brasil – 9º ano do Ensino Fundamental.

Habilidade: EF09HI19;

Cortes do Filme:

00:41:40 – 00:42:25

00:47:26 – 00:48:21

Pesquisa nas Redes:

[Tortura: violação de direitos humanos – Memórias da Ditadura](#);

[Luta armada e clandestinidade – Memórias da Ditadura](#).

Ponto em Prática:

Para abordar a Ditadura Militar no Brasil será exibido o filme **Uma História de Amor e Fúria**. Como atividade, a proposta visa motivar os alunos a criarem conexões entre as representações históricas e ficcionais, por meio de anotações sobre o filme e produção conjunta de mapas conceituais, assim desenvolvendo a compreensão histórica e criatividade..

1º Momento:

A aula será iniciada com os cortes do filme **Uma História de Amor e Fúria**, que retratam o período da Ditadura Militar. Durante o momento, o professor fará pequenas pausas para contextualizar os eventos mostrados e para relacionar a fatos.

2º Momento:

Cada grupo receberá uma tarefa específica com base em eventos ou temas da Ditadura, como:

- **Grupo 1:** Uma reunião clandestina de ativistas ameaçada de invasão;
- **Grupo 2:** Um ato de protesto reprimido por forças militares.

Cada grupo deve:

Definir papéis e, por meio deles, demonstrar o impacto social e emocional da repressão.

3º Momento:

Visando um debate coletivo sobre as conclusões tomadas, as teatralizações serão compartilhadas em sala de aula e os alunos serão encorajados a fornecer diferentes perspectivas e a analisar como o filme colabora para um maior entendimento do período histórico.

Questões Norteadoras:

- Quais são as principais similaridades entre o filme e o período?
- De que maneira a obra usa elementos simbólicos para retratar a repressão?

- Como o filme representa as lutas populares durante a Ditadura?
- De que maneira a Teatralização os ajudou a entender as experiências vividas durante a Ditadura?

4.2 [Hoje Eu Quero Voltar Sozinho](#)

4.2.1 Resenha do Filme.

Hoje Eu Quero Voltar Sozinho (2014), dirigido por Daniel Ribeiro, acompanha Leonardo, um jovem cego que luta por autonomia enquanto lida com os desafios típicos da idade. Quando Gabriel, um novo colega de classe, chega à escola, a amizade entre eles evolui e faz Leonardo questionar sexualidade e os limites da própria independência. O filme é baseado na curta-metragem *Eu Não Quero Voltar Sozinho*, estrelado pelos mesmos atores principais, Guilherme Lobo e Fábio Audi.

Leo e Giovana, amigos próximos, conversam sobre os planos para as férias. Giovana expressa um desejo por aventuras dramáticas e romance, enquanto Leo prefere um descanso. Ela questiona os desejos do amigo, que opta por passar a adolescência sem experienciar um relacionamento romântico, apenas se escondendo no quarto ouvindo música clássica e dormindo. Giovana sugere que ele beije qualquer pessoa, apenas para testar e, assim, mas Leo demonstra que prefere que aquela experiência não seja meramente casual.

Depois da tarde na beira da piscina, Giovana o acompanha, abrindo a porta para ele. Dentro de casa, Leo tateia paredes e móveis, familiarizado com o espaço. Ele se une aos pais em um lanche da tarde e a mãe menciona que a avó não estará disponível para ele no dia seguinte. Leo imediatamente afirma que pode ficar sozinho por uma tarde, almoçando na cantina da escola ou cozinhando algo para si mesmo, mas a mãe

demonstra preocupação. Com a insistência de Leo, ela cede, mas dá instruções: ele deve manter o celular próximo, carregado, e ligar para ela assim que chegar em casa.

Na escola, Leo utiliza durante a aula uma máquina de escrever em braille e o som chama a atenção de alguns estudantes, que zombam dele, resultando em uma discussão. Tentando separar aqueles que comentavam, ela pede para um deles, Fábio, sente atrás de Leo, mas ele se recusa, argumentando que acabaria tendo que ajudar Leo em diversos momentos, uma vez que considerava que o colega era incapaz de ser independente. Em resposta, a professora expulsa Fábio da sala. Em contrapartida, Gabriel, o novo aluno, pede permissão para entrar na sala e ocupa a mesa atrás de Leo, ocasionando uma onda de risadas e zombarias entre alguns estudantes.

Giovana deixa Leo em casa novamente. Dessa vez, quando ela pede a chave para abrir a porta, ele recusa, abre e entra sozinho. No dia seguinte, enquanto conversa com Leo, Giovana elogia o garoto recém chegado. Leo, um pouco enciumado, ressalta que ele mal chegou e ainda parece cedo para gostar dele como afirma. Na sala de aula, Gabriel se aproxima e pede uma borracha a Leo que, por não utilizar, pega uma da carteira da amiga e entrega a ele. É o início da amizade entre os três.

Já na cena seguinte, retornam para casa juntos. Depois que Giovana abre a porta para Leo e se despedem, ela revela a Gabriel que mora duas ruas antes da casa dele, mas que o acompanha todos os dias. Sozinho em casa, Leo demonstra que, apesar de

demonstrar pouco interesse em romances e primeiros beijos, possui curiosidade e tenta se preparar para o momento. As tentativas de liberdade e conhecimento são evidenciadas em seguida, quando Leo questiona se Giovana deseja, algum dia, fazer um intercâmbio. Enquanto ela nega, ele diz que tem vontade de ir para os Estados Unidos, para se integrar em novos lugares, com novas pessoas, longe das que já conhece.

Em seguida, Gabriel se aproxima e chama para irem para casa juntos. No entanto, Leo recusa, dizendo que irá para a casa da avó. Recusa até mesmo a companhia de Giovana, afirmando que consegue fazer o caminho sozinho. Quando os amigos partem, ele usa a bengala e anda pela saída da escola, mas é acompanhado pelos outros colegas de turma, que fazem gestos próximos e, assim, atrapalham Leo, que acaba caindo. Leo recusa a ajuda para se levantar e, determinado, afasta-se da escola. Mais tarde, os pais de Leo demonstraram preocupação durante um telefonema: Leo não retornou para casa no horário combinado. Ao finalmente chegar, a mãe o questiona, mas ele responde vagamente e defende que a preocupação é infundada. Argumenta que todos os passos que dá vigiados e que já tem idade para não precisar mais dar satisfações. No entanto, ela insiste que ele esteve ausente por uma hora, e Leo, zangado, rebate que o atraso era pequeno.

Em outro momento, Leo e Giovana visitam uma agência de intercâmbio para colher informações. Giovana fala, mas é informada pela atendente que é necessária a presença dos pais durante o procedimento. Entretanto, atendendo a um pedido de

Leo, a atendente oferece alguns folhetos informativos. Leo aproveita para perguntar se, por ser cego, o processo seria impedido. A atendente admite que não conhecia nenhum caso semelhante, mas que dependia unicamente do encontro de uma família preparada para acolhê-lo. Ela pede o telefone de Leo, disposta a fazer uma pesquisa mais detalhada sobre. Giovana, ao contrário do amigo, demonstra desconforto e ansiedade para o fim da visita. Mais tarde, em uma conversa com a avó, Leo continua a transparecer vontade de se afastar do controle materno ao confessar querer sair de casa para trabalhar e se sustentar sozinho.

Leo e Gabriel se aproximam ainda mais nos momentos seguintes na narrativa. Depois de uma tarde na piscina na casa de Giovana, Gabriel se oferece para deixar Leo sozinho em casa, para que ela seja poupada de fazer o trajeto duas vezes. Em seguida, na escola, a professora solicita um trabalho em duplas, mas que sejam formadas obrigatoriamente por duas meninas ou dois meninos. Enquanto Giovana faz dupla com outra colega, Leo e Gabriel fazem juntos. Ao se encontrarem em um restaurante para realizar o trabalho, Gabriel, por vezes, parece esquecer que Leo porta uma deficiência visual. Pergunta se ele assistiu a um vídeo divertido de um gato, mas logo se lembra da situação e se arrepende. Leo demonstra que pouco se importa, uma vez que é um respiro depois de tantas pessoas sempre o relembrando das aparentes limitações que possui. Ambos desistem de completar o trabalho naquela tarde e Gabriel o convida para ir ao cinema. Lá, Leo escuta as descrições de Gabriel, aproveitando o filme com risadas.

Durante o jantar, Leo permanece em silêncio com os pais, irritado pelo controle constante deles. Ele menciona o acampamento promovido pela escola no qual deseja participar, mas que sequer tem vontade de perguntar por saber que não seria permitido ir. A mãe, tentando compreender, diz que ligará para a escola para conseguir mais informações, o que ofende Leo. Ele diz que tudo na casa se transforma em um grande drama; não apenas aquilo, mas tudo que deseja fazer, mas não pode. Leo confessa sentir vergonha por ser tratado daquela maneira.

Em uma conversa com Giovana, ela pergunta sobre o trabalho em dupla e se Gabriel havia mencionado algo sobre ela. Leo responde que foram ao cinema ao invés de discutirem sobre o trabalho, o que irrita Giovana, por não ter sido chamada. Leo explica que eles dois nunca foram ao cinema juntos. Enquanto estudam na casa de Leo, Gabriel coloca uma música diferente das que Leo ouve e apresenta algumas das preferidas dele. Leo diz que são boas, apesar de não tanto quanto as clássicas, que tanto aprecia. Gabriel dança e convida Leo para se juntar a ele. Mesmo com as recusas de Leo, Gabriel o ajuda com os passos inseguros do amigo.

Ambos aprendem um pouco da vida um do outro. Leo demonstra a Gabriel como ler em braille, segurando a mão dele e ensinando o alfabeto, apesar da relutância inicial de Gabriel, que considerava aquilo impossível. Gabriel então convida Leo para assistir com ele o eclipse que aconteceria em breve, esquecendo novamente que Leo não poderia ver. Mesmo assim, Leo parece entusiasmado, apesar de saber que nunca poderia

ir, uma vez que o fenômeno aconteceria de madrugada e a mãe nunca permitiria que fosse. Como solução, Gabriel sugere que saiam escondidos. Durante a noite, os dois saem juntos. Leo espera na porta de casa e Gabriel o leva até a praça de bicicleta. Lá, Gabriel descreve o eclipse para Leo. Eles retornam para casa de bicicleta. Leo encontra o moletom que Gabriel deixou no quarto dele, cheira e adormece vestido nele.

Em outra cena, enquanto conversa com Giovana, Leo recebe uma ligação da agência de intercâmbio. A atendente informa ter encontrado uma instituição especializada em intercâmbio para pessoas com deficiência visual. Giovana, entretanto, comenta que a mãe de Leo nunca o deixaria ir. Leo, claramente enciumado, ouve Giovana descrever como Karina e Gabriel conversam, afastados. Na volta para casa, Leo e Gabriel conversam, e Gabriel fala que Karina o convidou para uma festa na casa dela. Leo pergunta o porquê de Gabriel aceitar o convite.

Leo recebe um telefonema de Giovana, que se mostra zangada porque ele e Leo não a esperaram na escola. Em uma cena seguinte, na escola, os dois aguardam por Giovana, mas ela passa por eles silenciosamente e vai embora. Enquanto os dois saem, alguns colegas zombam de Leo, insinuando que ele e Gabriel namoram. Em casa, Leo revela aos pais que sente vontade de fazer intercâmbio. A mãe, como de costume, reage com preocupação e afirma que é impossível ele morar fora sozinho e questiona quem aceitaria hospedar um adolescente cego. Em resposta, Leo mostra a eles o folheto que recebeu sobre uma agência de intercâmbio em Los Angeles especializada

em pessoas cegas. Mesmo assim, a mãe declara que o assunto não tem margens para debate. Leo não irá.

À noite, Leo sonha com Gabriel e, mais uma vez, explora os desejos e a sexualidade sozinho, inseguro demais para confessá-los para outra pessoa. Depois, é mostrado pedindo ajuda ao pai para se barbear. O pai questiona Leo sobre o assunto do intercâmbio, parecendo compreender a necessidade juvenil de liberdade, mas ainda admitindo que considera radical o filho se mudar para longe. Na festa de Karina, Leo se isola em um canto, enquanto Giovana observa e Gabriel age como DJ. Depois de uns momentos, Gabriel puxa Leo para dançarem juntos. Karina se une a eles, mas Gabriel logo se ausenta para buscar mais bebida, e a garota aproveita a oportunidade para perguntar a Leo se Gabriel menciona ou questiona sobre ela. Leo, com ciúmes novamente, nega. Em outro ponto da festa, Gabriel encoraja Giovana a conversar com Leo, mas ela se recusa, culpando Gabriel pela amizade dela com Leo ter mudado drasticamente.

Em seguida, Fábio interrompe a música e anuncia que é hora para uma brincadeira de beijo, obrigando Leo a participar. Em uma rodada, a garrafa aponta para Leo, e uma das meninas é pressionada a beijá-lo. Enquanto isso, Giovana, depois de ter bebido muito, sai correndo para o banheiro e vomita, e Gabriel acompanha. Dentro do banheiro, ela confessa estar chateada com a ideia do intercâmbio, pois Leo nunca considerou que ela ficaria sozinha. Gabriel admite que sequer sabia daquilo. Ele tenta motivar Giovana a conversar honestamente com Leo e a expressar o que sente. Seguindo o conselho dele, ela expressa os

sentimentos dela e o beija, mas Gabriel recusa. Do lado de fora, depois de Fábio colocar uma música romântica para tocar, ele pega no colo o cachorro de Karina e aproxima da boca de Leo, mas Giovana chega a tempo de impedir. Afastado bruscamente, irritado e sem saber que quase tomando beijado um animal, Leo acusa Giovana de ser ciumenta e pouco confiável.

Novamente, ela sai, zangada. Gabriel reaparece e sugere deixar Leo em casa, que recusa. Ríspido, ele diz aproveitar a festa e que Gabriel deveria fazer o mesmo, mas junto com Karina. Gabriel o questiona sobre a aspereza dele e Leo afirma se sentir exausto de todos o controlarem em todos os aspectos, até mesmo nos beijos que poderia receber. Em resposta, Gabriel o beija. No entanto, escapa logo em seguida, indo embora.

Na cena seguinte, Leo já está em casa, doente. Ele é cuidado pela mãe, que relembra que ele ainda não é um adulto responsável e que aquilo prova que o intercâmbio seria uma péssima ideia. Eles discutem sobre as preocupações da mãe, e ela comenta que ele só entenderá quando tiver filhos. Leo rebate dizendo que não deseja ter filhos e que duvida que terá alguém para ter filhos. Giovana o visita, mas o clima entre eles parece frio e hesitante. Ela menciona os sentimentos de Leo por Gabriel, dizendo que os dois formariam um casal bonito.

Depois da visita, Giovana conversa com Gabriel e o encoraja a ir ver Leo, que está sozinho em casa. Gabriel aceita e vai até a casa de Leo. Na casa dele, é questionado se Karina e ele se beijaram. Gabriel responde que ela tentou, mas ele desviou. Assim, Leo

questiona o motivo de ele ter desviado, e Gabriel revela que gosta de outra pessoa. Quando insinua que é Leo, é a vez dele de iniciar o contato. Posteriormente, eles apresentam o trabalho escolar. Na saída, quando Fábio zomba sobre o possível relacionamento entre os dois, Leo segura a mão de segura a mão de Gabriel, calando imediatamente Fábio. Na volta para casa, Leo pilota a bicicleta. Leo não quer mais voltar sozinho.

Hoje Eu Quero Voltar Sozinho (2014) transmite um retrato delicado e natural das complexidades da juventude, em que a descoberta da sexualidade surge como uma camada paralela aos outros dilemas próprios dessa fase. Nesse ponto, o relacionamento de Leo e Gabriel é desenvolvido a partir de um ponto de reconhecimento e de características que os aproximam naturalmente, enquanto Gabriel encoraja Leo, em vez de podar a liberdade dele por proteção. A cena final, em que Leo confronta o colega de classe e não recebe nenhuma réplica, pode sugerir uma utopia em comparação à realidade da comunidade LGBTQIA+, mas projeta a possibilidade de um mundo em que o afeto e a aceitação prevalecem, dando margem a outras formas de inclusão e compreensão.



4.2.2 Proposta Metodológica de Ensino I

Metodologia: [Aprendizado Baseado em Projetos](#);

Habilidade: EM13CHSA205;

Conteúdo: Adolescência. Construção de Identidade. Autonomia; 3º ano do Ensino Médio;

Cortes do Filme:

00:15:46 – 00:19:00

00:23:30 – 00:25:33

Pesquisa nas Redes:

[Crises na adolescência - autoestima e questões de imagem](#);

[Adolescência: estamos prontos para esse turbilhão de emoções?](#)

Pondo em Prática:

A metodologia será composta pelo estudo dos personagens de Hoje Eu Queria Voltar Sozinho e em um encontro com as experiências pessoais dos alunos,

para, ao final, resultar na criação de um zine temático da turma. A aula será dividida em:

1º Momento:

Com os cortes do filme, o professor irá estimular os alunos a poderem aprender sobre as experiências deles com autonomia e percalços da adolescência. Os principais relatos serão escritos no quadro, objetivando uma introdução visual dos conceitos que serão ressaltados durante todo o andamento da aula.

2º Momento:

Em seguida, separe a turma em grupos, conferindo uma tarefa a cada um:

- **Grupo 1:** Investigar Leonardo, apontando como ele enfrenta os desafios relacionados à deficiência visual e como isso se repercute na busca por autonomia;
- **Grupo 2:** Examinar Gabriel como uma catalizador de mudanças, evidenciando na amizade e nas mudanças que eles encaram durante a adolescência;

4º Momento:

Depois de uma breve explicação acerca da produção de zines, desde a importância para artistas independentes e temas comumente abordados, conduza os alunos na criação de zines próprios, que debaterão por meio de textos pequenos, ilustrações e colagens os

tópicos da adolescência dos personagens abordados e as pessoais. O professor pode disponibilizar os materiais ou contar com ferramentas digitais, como o Canva, dependendo das possibilidades da escola.

Depois do término da construção dos zines, os alunos poderão expor suas produções em um varal dentro ou fora da sala de aula, e estarem disponíveis para fornecerem explicações sobre as escolhas tomadas e para respostas de possíveis dúvidas, diante da mediação do professor.

4.2.3 Proposta Metodológica de Ensino II

Metodologia: [Grupo de Verbalização e Grupo de Observação;](#)

Conteúdo: Bullying e Capacitismo no Ambiente Escolar – 5º ano do Ensino Fundamental;

Habilidade: EF05HI09;

Cortes do Filme:

00:06:12 – 00:06:59

00:46:40 – 00:47:30

Pesquisa nas Redes:

[Infográfico Bullying: saiba como evitar, denunciar e ajudar quem é vítima;](#)

[Autonomia e independência de pessoas com deficiência - Coletivo Inclusão.](#)

Pondo em Prática:

Diálogo e análise crítica das cenas do filme relacionadas às temáticas de capacitismo e bullying, em

busca de promover conscientização entre os alunos. A abordagem incluirá a exibição de trechos específicos do filme e, em seguida, discussões para consolidar os aprendizados.

1º Momento:

Utilização do projetor multimídia para exibição de cenas específicas do filme, destacando as temáticas:

- **Bullying:**

Cena 1: Leonardo utilizando a máquina em sala; ao ouvir o som da máquina ao chegar ao fim da folha um colega da classe comenta: “subindo” (00:06:12 – 00:06:59);

- **Capacitismo:**

Cena 2: Leonardo comenta sobre a ideia de fazer um intercâmbio para outro país para os seus pais (00:46:40 – 00:47:30).

2º Momento:

O professor irá separar a turma em dois grupos, o Grupo de Verbalização e de Observação. Após a divisão, será destacado que os papéis serão revezados, e, então, organizar os grupos em dois círculos, um externo e outro interno.

Grupo de Verbalização:

Terá a tarefa de encabeçar as discussões.

Questões Norteadoras:

- Como os comportamentos apresentados nas cenas podem ser identificados na

sociedade?

- Quais formas de conscientização podem ser utilizadas para combater essas atitudes?
- De que maneira o capacitismo é retratado nas cenas?
- Quais são os impactos do bullying nas relações interpessoais?

Grupo de Observação:

Os observadores irão anotar sobre:

- Reflexões pertinentes;
- Propostas práticas mencionadas na discussão;
- Possíveis melhorias.

Logo após, os grupos irão trocar de papéis para assegurar a participação de todos. O GO deverá adicionar as perspectivas anotadas na discussão.

3º Momento:

Em seguida do revezamento, ambos os grupos irão compartilhar suas opiniões em conjunto.

4.2.4 Proposta Metodológica de Ensino III

Metodologia: [Aprendizagem entre Pares ou Times](#);

Conteúdo: Inclusão e Acessibilidade – 5º ano do Ensino Fundamental;

Habilidade: EF05HI09;

Cortes do Filme:

00:12:57 – 00:17:53

00:32:15 – 00:36:21

Pesquise nas Redes:

[Cartilha Programa de Inclusão de Pessoas com Deficiência](#);

[Dicas de acessibilidade para pessoas com deficiência visual | Lenscope](#).

Pondo em Prática:

Aprendizagem prática e reflexiva para compreender as vivências de pessoas com deficiência visual. A proposta inclui a exibição de cenas do filme **Hoje Eu Quero Voltar Sozinho** e atividades práticas que simulam desafios enfrentados por pessoas com deficiência visual no cotidiano.

Primeira Aula:

Por meio da apresentação de trechos do filme **Hoje Eu Quero Voltar Sozinho** se buscará trabalhar

em sala de aula o dia a dia de uma pessoa com deficiência fazendo as suas tarefas habituais como: se alimentar, estudar, banhar, caminhar, em outras palavras, viver plenamente. Os trechos a serem trabalhados serão destacados entre o minuto 00:12:57 ao minuto 00:36:21 do filme. Dessa forma, o objetivo é compreender que conviver com uma deficiência é possível, sendo necessário algumas adaptações tanto no contexto privado como no contexto social, sendo os espaços de convivência comuns como escolas, praças, transporte coletivos, hospitais, etc. adaptados para que essas pessoas tenham direito a acessar a cidade como um todo.

Atividade para Casa:

Pedir que para a aula seguinte os alunos possam trazer de casa objetos simples como: copos, talheres, objetos de decoração, flores e etc.

Segunda Aula:

Dividir a sala em dois grupos e cada grupo em duas equipes.

- **Time 1:** Realiza um percurso pré-definido pela escola em duplas, sendo que um aluno estará vendado e será guiado pelo companheiro.
- **Time 2:** Tenta reconhecer objetos trazidos para a aula de olhos vendados.

O grupo que conseguir fazer no menor tempo das duas atividades vencerá o desafio.

Reflexão Final:

Ao final da dinâmica entre os grupos, o professor deve reunir todos os alunos e realizar uma mesa redonda com os alunos a fim de verificar como foi a experiência ao realizar as atividades. A discussão deverá iniciar a partir da questão norteadora: a escola está preparada para receber uma pessoa com algum grau de dificuldade ou deficiência auditiva?

Atividade em Sala:

Cada grupo deverá fazer uma pequena lista e expor as ideias para deixar a escola mais acessível para pessoas com deficiência auditiva e entregar essa lista na coordenação da escola.

4.2.5 Proposta Metodológica de Ensino IV

Metodologia: [Fórum e Debate](#);

Conteúdo: Acessibilidade Urbana. Desafios Enfrentados por Pessoas com Deficiência – 5º ano do Ensino Fundamental;

Habilidade: EF05HI09;

Cortes do Filme:

00:12:57 – 00:17:53

00:32:15 – 00:36:21

Pesquise nas Redes:

[Associação dos Cegos do Piauí - ACEP \(@acep.pi\) • Fotos e vídeos do Instagram;](#)

[ASTE \(@asteoficial\) • Fotos e vídeos do Instagram.](#)

Pondo em Prática:

A partir da exposição das cenas do filme, desenvolver uma aula tendo como base no **Fórum e Debate** voltado para a acessibilidade e respeito às pessoas com deficiências (PCDs).

Primeira Aula:

Exibição do corte do filme em sala de aula como elemento introdutório. Em seguida, será iniciada em sala de aula um debate com auxílio do professor e tempo regrado para participação coletiva a respeito da urbanização e acessibilidade.

Questões norteadoras:

- A relação entre urbanização e acessibilidade;
- Barreiras enfrentadas por PCDs em espaços públicos e privados;
- Experiências dos alunos em relação ao tema (se existir).

Segunda Aula:

A segunda aula se dará em formato de palestra com palestrantes convidados da Associação dos Cegos

do Piauí (ACEP) ou da Associação dos Surdos de Teresina (ASTE) que discutirão a respeito da acessibilidade e cotidiano de pessoas com deficiência nas escolas ou nos trabalhos (o palestrante terá liberdade para expandir a temática da palestra).

Terceira Aula:

Nesta aula o professor deverá levar uma lista de desafios e dificuldades enfrentadas pelos PCDs na cidade de Teresina, em seguida a turma será dividida em grupos com o objetivo de elaborarem soluções para estes desafios:

- Dificuldade de acesso ao transporte público;
- Falta de rampas em escolas e prédios;
- Ausência de sinalização em braile em locais adequados;
- Preconceitos sociais.

As soluções deverão ser apresentadas ao final da aula de forma oral e contará como atividade qualitativa.

4.3 M-8: quando a morte socorre a vida

MIGDAL FILMES, PARIS FILMES, DOWNTOWN FILMES e BUDA FILMES
apresentam



**M-8 QUANDO A MORTE
SOCORRE A VIDA**

um filme de Jefferson De

INSPIRADO NA OBRA ORIGINAL DE SALOMÃO POLAKIEWICZ

com JUAN PAULA, MIRIAM MORAES, CÍLIA CAMARGO, BRUNO PEREIRA, FABIO BERTOLINI, ZÉ MOTA, MULLY VALLES, BRUNO MORAES, HELENE PINHEIRO, PEDRO MARIN, ALAN RODRIGUES, FÁBIO COMPRENHENDI, RAFAEL LUCIANI, ...

PRODUÇÃO: RAFAEL LUCIANI, LIA CARVALHO, RICARDO PRADO, LÁZARO RAMOS, ...

EDITORA: ...

DISTRIBUIDORA: ...

www.m-8.com.br

Logos of sponsors: Migdal, Paris, Downtown, Buda, Quanta, SBC, Arcine, etc.

4.3.1 Resenha do Filme

M8: Quando a Morte Socorre a Vida (2020) é um filme brasileiro de suspense dramático, dirigido por Jeferson De, o filme segue Maurício, um jovem negro, durante o primeiro semestre dele na faculdade. Nas aulas de anatomia, precisa examinar cadáveres que, na maioria, são negros. Assim, ao longo dos meses, apegado a necessidade de descobrir a identidade de um dos corpos, passa por uma angustiante jornada de reconhecimento de si e de questionamentos acerca da invisibilidade que atravessa as vivências negras na sociedade. Conta com Juan Paiva, como Maurício, e Giulia Gayoso, Mariana Nunes, Tatiana Tibúrcio e Raphael Logam no elenco de apoio.

Na cena inicial, um jovem negro, vestido de jaleco, caminha até um corpo submerso, segurando um bisturi. De maneira abrupta, ele desperta, assustado, do sonho. Em seguida, o mesmo jovem correndo apressado pelas escadas, buscando a sala de aula de Anatomia. Ele chega atrasado, ajustando o jaleco para assistir à aula. Durante a explicação, o professor discorre sobre o estudo do corpo humano feito pelo polímata Leonardo Da Vinci e compara o desenvolvimento na Europa renascentista com o suposto atraso das sociedades indígenas no Brasil. No centro da sala, os corpos dispostos são de pessoas negras, enquanto os alunos, na maioria brancos, têm como objetivo analisar aquele designado a eles e efetuar um relatório ao final do semestre. Depois da aula, dois funcionários negros entram para organizar o laboratório.

Um aluno branco aborda o protagonista, questionando sobre o local adequado para deixar os instrumentos dele. Mesmo depois dele responder que não sabe, o colega insiste, perguntando se ele conhecia alguém na secretaria que poderia ajudá-lo. Confuso, o protagonista indaga o motivo da pergunta, ao que o outro revela ter pensado que ele fosse um funcionário da faculdade. Depois da resposta, ele sai. Enquanto os colegas saem nos carros deles, Maurício pega o ônibus. Pelo caminho, passa por um protesto nas ruas.

Em casa, a mãe o recebe e entrega uma camiseta branca com o nome dele bordado. Ela pergunta como foi o dia na faculdade, e ele responde de forma vaga e incompleta. Na aula de anatomia seguinte, o aluno que confundiu Maurício com um funcionário pede desculpas. Ele inicia a atividade de dissecação com aparente tranquilidade, mas, ao ver o cadáver abrir os olhos, assusta-se e deixa o instrumento cair. Precisa se afastar um momento para se recompor.

Na saída, uma colega ofereceu carona, enquanto ele aguardava o ônibus. Maurício aceita, mas pede para ser deixado na estação de metrô mais próxima. No entanto, ela insiste em levá-lo até em casa. Quando fornece o endereço, o motorista, outro estudante, demonstra desconforto. Notando que Maurício sempre estava de fones de ouvido, Suzana pede que ele coloque algo para tocar. A letra da música discorre sobre as mazelas da população e serve como uma trilha adequada quando passam novamente por um protesto.

Em seguida, ele visita a mãe no local em que trabalha. Vai ao encontro de Salomão, dono da clínica que a mãe trabalhava e, agora, paciente dela. Sal pede

que ele retire um estojo de couro de uma gaveta, um estojo de pequenas cirurgias. Sal o oferece com um símbolo, uma vez que ganhou como presente quando se formou. Diz ao jovem que ele tem tempo e ímpeto para fazer o que deve ser feito. Depois da visita, cruza com o protesto, em que diversas mães levantam faixas questionando o paradeiro dos filhos desaparecidos. Uma delas distribui panfletos. Em casa, ele acessa o site da campanha contra o genocídio da juventude negra e observa uma estatística assustadora: dos 30.000 jovens assassinados anualmente no Brasil, 23.100 são negros.

O pesadelo se repete. No dia seguinte, a realidade imita o pesadelo, mas desta vez Maurício tenta agir diferente. No laboratório de anatomia, ele se depara com o cadáver designado ao grupo dele, com o tórax aberto, e realiza o procedimento cuidadosamente. Em casa, Maurício foca no celular enquanto, ao fundo, uma reportagem sobre os protestos é transmitida pela televisão. Depois de confessar estar preocupada com a piora no quadro de Salomão, Cida o convida a acompanhá-la ao terreiro, convite que ele inicialmente recusa, mas reconsidera e aceita depois. No terreiro, ele percebe um homem que o encara fixamente, mas que logo desaparece. Uma mulher se aproxima e lhe diz que, por ele conviver com os mortos, um deles deseja falar com ele.

Na faculdade, Maurício para diante do laboratório vazio, observando-o através de uma janela de vidro. Os funcionários de limpeza, Sá e Sinvaldo, notam a expressão dele e se aproximam, questionando o que estava errado. Ele os indaga se

alguma vez já refletiram sobre a história daqueles corpos ali expostos e confessa que não consegue afastar a ideia de que tem mais a ver com aqueles cadáveres do que com os colegas de classe. Sá responde que isso pode ser verdade, mas que ele prefere focar na própria sobrevivência e sugere que Maurício faça o mesmo. Quando entram no laboratório, o comportamento de Sá e Sinvaldo contrasta com o de Maurício: enquanto ele fica melancólico e assustado no local, os funcionários permanecem leves e numa conversa alegre.

Posteriormente, Maurício visita Salomão, que lhe pede para tocar seu disco favorito enquanto pergunta sobre o andamento dos estudos. Enquanto Maurício procura o disco, no entanto, o homem falece. Quando Cida se aproxima, depois de ser chamada pelo filho, já era tarde demais. Na cena seguinte, Maurício está com os colegas, Domingos e Suzana, que notam o distanciamento dele. Ele indaga se ambos já observaram que todos os corpos no laboratório são negros. Depois de receber o folheto sobre genocídio da juventude negra, Suzana questiona se ele acredita que existe uma conexão entre os corpos no laboratório e a violência contra a população negra. Ela e Domingos parecem desconfortáveis com a ideia.

Em busca de respostas, ele decide ir até a secretaria para pedir a documentação dos familiares dos corpos doados. Ilza, a secretária, informa que aqueles registros pertencem a outro setor e, assim, pergunta o motivo do pedido. Maurício esclarece que a informação poderia ser útil para o relatório final do semestre. Ilza se dispõe a buscar algo que possa ajudar sobre os cadáveres daquele semestre. Maurício pede pelo

cadáver M-8. Ela então revela que aquele não possuía nome reconhecido e no registro tinha apenas a informação de que tinha sido enviado pelo Hospital Central.

Maurício e Domingos estão no ônibus. Domingos parece deslocado no ambiente e incomodado pela proximidade de outro passageiro. No Hospital Central, Maurício se apresenta à recepcionista, explica que é estudante de Medicina e que gostaria de conferir o registro de uma pessoa recentemente falecida. A recepcionista informa que ele deverá retornar em outro dia para ter acesso àqueles documentos. No entanto, quando Domingos pede, ela se torna imediatamente mais cooperativa. Os dois seguem para o necrotério e recebem o registro do corpo identificado apenas como M-8. O documento aborda apenas o dia da admissão, a transferência para a universidade e a causa da morte: hemorragia interna. Quando o funcionário do necrotério comenta que o corpo apresentava danos internos graves, Maurício questiona se aquilo não deveria ser suspeito. A resposta do funcionário é breve e, assim, a conversa é encerrada.

Nas cenas seguintes, são mostrados pequenos momentos da rotina de Maurício, tanto nos estudos quanto fora da faculdade. Ele apresenta trabalhos, interage com a comunidade e, em uma das aulas, é elogiado pelo professor pelo cuidado ao trabalhar no cadáver. No entanto, um colega faz uma zombaria, sugerindo que ele poderia ser açougueiro, já que é bom com a faca, e deixa Maurício visivelmente ofendido. É apresentado que os pesadelos com cadáveres continuam, e ele continua a vê-los nos corredores, como

se estivessem vivos.

Em outro momento, Suzana oferece carona a Maurício e pede que ele coloque uma música que gosta. Ao passarem pelo protesto, Maurício pede que ela pare o carro. As manifestantes pedem uma resposta acerca do paradeiro dos filhos. Ele se aproxima de uma das mulheres e pede para ver a foto do filho dela. Ela pergunta se ele o viu em algum lugar e, quando ele hesita em responder, diz que está preparada para ouvir. Ela entrega uma foto de Rubinho, o filho, que tinha acabado de ser aprovado no vestibular antes de desaparecer. Unindo-se a eles, Suzana observa a foto e afirma que não é a mesma pessoa, mas a mãe afirma que, ainda que não seja o dela, pode ser o de outra mãe. Ela pede que ele veja as dos filhos de outras mães presentes na praça. Assim, Maurício e Suzana são levados para a casa de Manu, que não estava presente no dia, mas também tinha perdido o filho. O caminho para a casa de Manu é recebido com olhares de estranheza por Suzana e, ao encontrarem com ela, as fotos são mostradas. A cena corta para Maurício e Suzana no carro, silenciosos. Por um momento, quase se beijam, mas Suzana se assusta ao ver meninos correndo pela rua.

Em seguida, Maurício vai à festa de aniversário de Domingos. Suzana, ao perceber que ele continua tenso, incentiva que ele relaxe. Maurício tenta obedecer. Em certo momento, os dois se afastam da festa, sob o olhar atento de um colega de classe deles. Depois da festa, Maurício recusa as ofertas de carona de Suzana. Quando se afasta do carro dela, é surpreendido por uma viatura parando ao lado dele. Os policiais ordenam

violentamente que Maurício se abaixe e, quando ele hesita, tentando conversar, um deles empurra o rosto do jovem contra o chão. Suzana percebe a abordagem e corre até os policiais, dizendo que eles são amigos. Um deles pede que ela se acalme e defende que o procedimento é rotineiro. Ao revistarem Maurício, encontram apenas a carteira de identidade dele e o celular. Dessa maneira, precisam se justificar aos amigos de Maurício, que se aproximaram logo em seguida, e argumentam que receberam uma denúncia de um assalto na área e, fazendo o trabalho deles, consideraram Maurício como um suspeito.

Sussurrando, um dos policiais, também negro, repreende Maurício por estar naquela área durante aquele horário e o questiona sobre o que seria feito se ele desaparecesse. O momento demonstra que os policiais possuem total conhecimento das dezenas de desaparecimentos, mas não agem para impedir que aconteçam. Depois que é liberado, Maurício recusa a ajuda dos amigos e vaga pelas ruas da cidade durante a madrugada. Ele faz uma pausa na praia e lava o sangue do rosto. Ao lado dele, percebe M-8, silencioso, e Salomão, que aconselha a retornar para casa, lembrando que Cida deve estar preocupada. Em casa, a mãe cuida dos machucados no rosto dele e deixa claro que sabe que aquele ferimento não foi resultado de uma batida contra uma porta de vidro.

Em seguida, Maurício acompanha a mãe em uma visita ao terreiro de Candomblé e novamente se depara com M-8. De volta à faculdade, ele conversa com o professor e aborda a vontade de fornecer um enterro a um dos corpos estudados. O professor, no

entanto, explica que a universidade segue um protocolo rigoroso: após o uso acadêmico, os corpos são sepultados em valas comuns pela prefeitura, e qualquer desvio seria inconcebível dentro do departamento. Maurício questiona o professor sobre a disparidade racial: pergunta quantos alunos negros passaram pelas aulas dele em comparação com o número de corpos negros dissecados. Ele indaga se aquela disparidade não o incomodava. O professor responde que nada pode fazer, uma vez que os corpos não podem ser devolvidos.

Na biblioteca, Maurício conversa sobre o protocolo com os amigos, enquanto Gustavo os observa à distância. Eles o questionam sobre o próximo passo e Maurício revela que deve ignorar o protocolo. Nesse momento, Gustavo se aproxima com um tom debochado, arrasta uma cadeira e se senta com eles. Maurício diz que a conversa é particular, mas Gustavo insiste até ser forçado a se retirar. Suzana então sugere que continuem o trabalho na casa dela. Na portaria do prédio de Suzana, o porteiro hesita em liberar a entrada ao perceber Maurício no carro, permitindo a passagem apenas depois de ela insistir. Maurício a acompanha até o apartamento. Quando Suzana se ausenta por um instante, a mãe dela, Carlota, chega e o recebe com desconfiança, mesmo depois de Maurício se apresentar como colega de faculdade.

Durante a conversa, Carlota pergunta o que o motivou a estudar Medicina, comentando que já estava no sangue Suzana, já que o avô dela foi um médico de destaque. Responde que sempre carregou aquele desejo, seguindo os passos da mãe, que era técnica de

enfermagem. Condescendente, Carlota afirma que deve ter sido árduo para o jovem ser aprovado no vestibular, ao que ele rebate que é um desafio para todos que tentam. Depois de uns momentos, Carlota sai para conversar com Suzana no quarto. Enquanto isso, Maurício procura o local indicado para lavar as mãos e passa pelo quarto de Suzana, ouvindo uma conversa entre mãe e filha. Carlota afirma que relacionamento dos dois era um reflexo de uma curiosidade passageira de Suzana e comenta que Maurício era muito diferente dos amigos dela da zona sul. Incomodado, Maurício decide ir embora.

Em casa, Maurício joga no lixo o estojo de cirurgia que recebeu de Salomão. No dia seguinte, enquanto vê o filho deitado na cama ainda de pijamas, ignorando diversos telefonemas, Cida percebe que ele tem faltado às aulas e, quando tenta se aproximar, recebe apenas respostas vagas. Em seguida, Maurício vai para faculdade apenas para entregar o arquivo do trabalho para os amigos e os ignora. Quando Gustavo o provoca no corredor, zombando da aparente exaustão dele, Maurício o empurra e desfere um soco contra a parede.

Mais tarde, uma discussão tensa ocorre entre ele e a mãe.

Cida o questiona sobre o que ele está fazendo – ou melhor, o que não está fazendo. Maurício a responde de maneira áspera, mas a mãe o faz escutar. Com firmeza, ela o relembra que, também, sente o peso das dificuldades, mas que sabe que o resultado da desistência é o mais completo nada. Está incerta se ainda terá um emprego na clínica de Salomão após a

morte dele e, por isso, tem trabalhado constantemente para garantir que tenha algo além para trabalhar se for demitida. Lembra que trabalhou e estudou enquanto era pequeno, entre cuidar dele e cuidar do futuro de ambos, e nunca desistiu e ficou parada, estancada como Maurício. Cida diz que, ao contrário dela, ele tem escolhas e a possibilidade de traçar o próprio caminho.

Maurício retorna à universidade e entra no laboratório. Sinvaldo percebe a tristeza do jovem e diz que se ele desistir, apanhará dele. Maurício informa que a universidade não era um problema, mas sim a dimensão espiritual. Na saída, Maurício conversa com Suzana. Ela pede desculpas pela atitude da mãe e afirma que são pensamentos ultrapassados. Ele, no entanto, destaca que não é só sobre a mãe dela, mas sobre a própria Suzana, lembrando da reação dela na casa de Manu. Suzana admite que age sem perceber, influenciada por preconceitos inconscientes, mas pede que isso não os separe. Maurício, no entanto, sente que existem experiências que ela jamais entenderá e recusa a ajuda dela. No ônibus para casa, Sinvaldo discretamente o entrega uma chave.

Durante a noite, Maurício vai à universidade e usa a chave para acessar o laboratório. Ele resgata o corpo de M-8 e, com a ajuda de Domingos, o leva. Com as mães que perderam os filhos, realizou-se um enterro. Cada uma se despede dos que perderam, desejando uma boa passagem e que se encontrem em um outro momento. Os nomes são ditos, um a um. As cenas seguintes mostram que a inquietude espiritual de Maurício foi resolvida: ele apresenta Suzana à mãe dele, denotando que tinha feito a escolha de tentar ultrapassar

as adversidades de um possível relacionamento entre ambos, e se dedica aos estudos. Na universidade, Domingos aponta o quadro de notas e revela a Gustavo foi superado por Maurício, aluno negro e cotista. O filme encerra com um momento de Cida segurando a camisa do filho, que exhibe o nome dele bordado. Ela quebra a quarta parede, olhando para os telespectadores com um misto de orgulho e firmeza.

M8: Quando a Morte Socorre a Vida (2020) utiliza os conflitos pessoais experienciados por Maurício para explorar o racismo estrutural e a invisibilidade da população negra no Brasil. Se do com imagens mais sutis, como a imagem de Marielle Franco em um muro perto da casa do jovem ou mais intensa, como a abordagem policial, o longa desnuda a violência normalizada, o preconceito que permeia relações sociais e as divisões de classe. Demonstrando as reações de Maurício contra esses aspectos, a busca dele pela identidade de M-8 atua como um manifesto pela dignidade e contra as desigualdades raciais na sociedade.



4.3.2 Proposta Metodológica de Ensino I

— Aula 1

Metodologia: [Estudo de Caso](#);

Conteúdo: Conceitos Presentes nas Relações Sociais Brasileiras do Século XXI – 3º ano do Ensino Médio;

Habilidade: EM13CHSA502;

Cortes do Filme:

00:05:10 – 00:06:20

00:16:26 – 00:17:07

Ponto em Prática:

O objetivo desta aula será trabalhar em sala de aula alguns conceitos presentes nas relações sociais brasileiras do século XXI, tais como: racismo estrutural, violência policial, escravidão moderna, genocídio negro, segregação racial, concentração de renda e favelização.

1º Momento:

Nesse primeiro momento a aula terá como metodologia a exposição do conteúdo seguida de uma roda de discussão, isto é, inicialmente será feita uma breve contextualização histórica a respeito de como esses conceitos foram agregados às relações sociais contemporâneas e o que representam.

2º Momento:

Os alunos, divididos em grupos, irão analisar uma cena ou tema central do filme, conectando a um dos conceitos principais.

- **Grupo 1:** Racismo Estrutural;

Poderão tratar de conceitos conjuntos como o de invisibilidade e escravidão moderna.

- **Grupo 2:** Genocídio Negro.

Poderão tratar de conceitos conjuntos como o de violência policial e segregação racial.

Questões Norteadoras:

- Quais evidências do conceito são vistas na cena?
- Quais conexões podem ser feitas com a realidade atual e do filme?
- Como as questões tratadas afetam as visões de igualdade e justiça no Brasil?

4.3.3 Proposta Metodológica de Ensino II

Metodologia: [Gamificação](#);

Conteúdo: Representação de Racismo Estrutural. Violência Policial. Escravidão Moderna – 3º ano do Ensino Médio;

Habilidade: EM13CHSA502;

Cortes do Filme:

00:28:20 – 00:29:10

00:46:10 – 00:47:30

Pesquisa nas Redes:

[Rincon Sapiência - Ponta de Lança \(Verso Livre\) - YouTube](#);

[Rincon Sapiência - Crime Bárbaro - YouTube](#).

Ponto em Prática:

Neste segundo momento o objetivo será assistir e analisar em sala de aula as cenas do filme **M8: Quando a Morte Socorre a Vida**, bem como a música **Crime Bárbaro**, do Rincon Sapiência.

1º Momento:

Os alunos participarão de um quiz com perguntas sobre o filme, a música e os conceitos abordados. O quiz poderá ser produzido em aplicativos como Quizizz, Quizlet, Canva, Google Forms ou por meio de fichas impressas e distribuídas em sala de aula. Os alunos serão pontuados de acordo com as conexões feitas e velocidade de resposta.

Exemplos:

- “Na pele eu levo a marca da tortura”

Que conceito é representado por esse trecho?

- (A) Concentração de renda
- (B) Racismo estrutural
- (C) Escravidão moderna**
- (D) Segregação racial.

- “Liberdade por aqui ninguém traz / Sim senhor, não senhor — não satisfaz!”

Qual é o conceito presente nesse trecho?

- (A) Favelização
- (B) Escravidão moderna**
- (C) Segregação racial
- (D) Concentração de renda

- “Querem minha cabeça na ponta da lança”

Esse trecho se relaciona com qual prática que ainda afeta a população negra no Brasil?

- (A) Racismo estrutural
- (B) Genocídio negro**

- (C) Segregação racial
- (D) Concentração de renda

- “Proibiu a dança e a religião”

Qual conceito melhor se encaixa no que o trecho representa?

- (A) Favelização
- (B) Racismo estrutural
- (C) Genocídio cultural**
- (D) Concentração de renda

Ao final do jogo, os alunos irão expor as observações feitas durante as respostas, conectando os momentos com os cortes do filme.

4.3.4 Proposta Metodológica de Ensino III

— Aula 3

Metodologia: [Sala de Aula Invertida](#);;

Conteúdo: Conceitos Presentes nas Relações Sociais Brasileiras do Século XXI – 3º ano do Ensino Médio;

Habilidade: EM13CHSA502;

Cortes do Filme:

00:28:20 – 00:29:10

00:46:07 – 00:47:54

Pesquisa nas Redes:

[5 exemplos da escravidão moderna, que atinge mais de 160 mil brasileiros - BBC News Brasil;](#)

[Entenda as origens e o impacto da favelização no Brasil.](#)

Pondo em Prática:

A terceira aula terá por objetivo concluir o assunto e ajudar os alunos a compreenderem conceitos históricos e identificá-los na sociedade. Além d melhorar seu senso crítico e suas habilidades de conversação.

1º Momento:

Para tanto se seguirá a proposta metodológica da sala de aula invertida. Isto é, será realizado em sala um debate sobre as músicas e cenas analisadas na aula anterior com o objetivo de relacionar o assunto estudados em sala com o que foi visto na segunda aula, a fim de que os alunos aprendam a observar e analisar a História e suas permanências, bem como suas narrativas de uma forma mais fluída sem perder sua base factual.

2º Momento:

Os alunos serão divididos em 4 grupos e em seguidas serão previamente orientados a pesquisarem

elaborarem planos de políticas públicas que poderiam contribuir para elucidar os problemas sociais discutidos nas aulas anteriores, das temáticas outrora abordadas:

- Racismo estrutural;
- Violência policial;
- Escravidão moderna;
- Genocídio negro;
- Segregação racial;
- Concentração de renda;
- Favelização.

Instruções para os grupos:

- Identificar as causas do problema escolhido;
- Propor ações práticas e realistas para enfrentá-lo, considerando recursos e contexto social;
- Pensar nos impactos positivos que a proposta pode gerar.

3º Momento:

Durante a aula, cada grupo deverá apresentar seus planos para a turma, os mesmos serão avaliados pelo professor tendo como critério avaliativo a viabilidade das propostas e a capacidade de sanar os problemas supracitados.

4.3.5 Proposta Metodológica de Ensino IV

Metodologia: [Mapas Mentais](#);

Conteúdo: Genocídio Negro no Brasil e os Desafios da Maternidade Negra – 3º ano do Ensino Médio;

Habilidade: EM13CHSA502;

Cortes do Filme:

00:16:21 – 00:17:07

01:16:56 – 01:19:07

Pesquise nas Redes:

[Proporção de negros assassinados no Brasil é a maior em 11 anos - Geledés](#);

['A cor da violência': 96,9% das pessoas assassinadas pela polícia na BA em 2019 eram negras | Bahia | G1](#).

Pondo em Prática:

Essa proposta inclui as cenas do filme **M-8: Quando a Morte Socorre a Vida** e uma [entrevista dada pela atriz Mariana Nunes](#) sobre a construção da personagem Cida, que tem como objetivo representar as mães brasileiras.

1º Momento:

Turmas com acesso à internet:

Os alunos, em grupos, pesquisarão dados recentes sobre genocídio negro e violência policial em fontes apontadas pelo professor.

- Turmas sem acesso à internet:

O professor disponibilizará materiais impressos, incluindo gráficos, tabelas e recortes de artigos sobre o genocídio negro.

Então, os grupos irão coletar os dados coletados, e irão relacionar aos conceitos estudados nas aulas anteriores e à fala de Mariana Nunes. O estudo deve focar na maneira que as estatísticas refletem a realidade discutida e em soluções para o problema.

2º Momento:

Os grupos transformarão os dados em mapas conceituais, que devem incluir:

- Gráficos e tabelas que evidenciam os dados encontrados;
- Frases que se conectam aos conceitos discutidos;
- Reflexões acerca dos cortes de M-8: Quando a Morte Socorre a Vida.

3º Momento:

Os mapas produzidos pelos grupos serão

expostos na escola, formando uma **Mostra de Conscientização**. O professor incentivará os alunos a apresentarem os trabalhos para outras turmas ou comunidade escolar, expandindo as discussões realizadas em sala.

4.4.1 Resenha do Filme

Medida Provisória (2022) é um filme distópico de drama e ficção brasileiro, dirigido por Lázaro Ramos. Adaptado da tragicomédia *Namíbia, Não!*, peça de teatro escrita por Aldri Anuniação, apresenta um Brasil futurista durante a emissão de uma medida provisória que decreta o retorno forçado dos afrodescendentes ao continente africano, numa suposta tentativa de reparação histórica. É protagonizado por Alfred Enoch, Taís Araújo e Seu Jorge, e conta com as participações especiais de Adriana Esteves, Mariana Xavier, Cláudio Gabriel e Renata Sorrah.

No futuro, em um local suntuoso, Antônio é chamado para subir as escadas até uma sala de conferências. Ali, nervoso, ele se apresenta ao microfone, discursiva representando a associação de advogados com melanina acentuada. Antônio agradece pela oportunidade e começa a discorrer sobre o episódio marcante envolvendo uma mulher idosa, refletindo se percebemos quando a história se faz diante dos nossos olhos. Em outra cena, a mulher sobe escadas, sorridente, sendo observada pela imprensa, enquanto

um dos jornalistas diz entusiasmado que aquele dia se trata de um marco histórico. Elenita foi selecionada como símbolo de uma nova era e será a primeira pessoa com melanina acentuada a receber uma indenização pelos danos de séculos de escravidão. O jornalista relata o acontecimento emocionado, mas, ao tentar entrar no prédio, Elenita é barrada. Ela tenta passar pelos

procedimentos de segurança, mas a entrada continua sendo bloqueada, o que gera uma comoção entre a imprensa. Por fim, Elenita é informada por uma funcionária que o governo recusou e que não haverá mais indenização. Todos os jornalistas correm até ela.

A narrativa retorna para Antônio, que, mesmo que em uma sala quase vazia, discursa calorosamente contra o cancelamento da indenização destinada a pessoas de baixa renda com pele acentuada. Ignorando falta de interesse do juiz que mexe no celular e o fato de apenas três pessoas assistirem, enfatiza os séculos de exploração e o impacto do trabalho não remunerado na construção do país, destacando as marcas ainda sentidas. Ele solicita uma outra forma de compensação pelos danos históricos. Mais tarde, ele se encontra em um bar com Capitu, médica e esposa dele, André, o jornalista e a parceira dele, Sarah. Antônio comenta que a indenização financeira foi negada, mas acredita que outra maneira de reparação está sendo elaborada. André, o jornalista e um dos amigos, afirma que nada mudará sem uma luta direta. Manifestando desprezo diante da apatia e injustiça no país, ele discursa em voz alta, chamando a atenção de um homem branco que sugere que ele deixe o Brasil.

O grupo, para evitar que um conflito seja iniciado, apazigua André. Na saída, caminham juntos de volta para casa. André afirma que a indenização seria destinada aos negros pobres como ele – é a primeira vez que o termo é utilizado no filme – e reforça que mudanças só ocorrerão depois de demonstrações efetivas de insatisfação. Capitu

comentou sobre o apego de André no tema, que é recorrente durante as conversas que possuem. Ela e Antônio riem da quantidade de pesquisas e estudos que ele realiza. Em uma cena seguinte, há um panorama de vozes e conversas que ecoam de diferentes apartamentos, retratando os diversos núcleos presentes ao redor do apartamento do trio principal.

Depois de uma que revela as rotinas dos personagens principais, incluindo momentos em que se preparam para o trabalho, Antônio administra insulina e a interação cotidiana no apartamento que dividem, a narrativa avança para uma cena em que Antônio e André assistem a uma propaganda governamental. É a divulgação de um programa de incentivo ao retorno às raízes para brasileiros de ascendência africana que oferece viagens financiadas para a África. Os dois reagem com incredulidade e ironia. No entanto, ao receberem do porteiro um panfleto que informa sobre a abertura de um centro de cadastramento local para o desenvolvimento do programa, percebem que o assunto é alarmante. Na portaria, ocorre uma conversa agitada em que moradores discutem, todos segurando os panfletos.

Izildinha, uma das moradoras, afirma que os projetos estabelecidos são resultado de um comodismo da população negra, que, ao contrário de lutar por direitos com base em méritos individuais, preferiu depender de leis que os garantisse automaticamente. Em seguida, ela e André entram em um debate sobre ações afirmativas e identidade racial, revelando as complexas dinâmicas de raça, classe e pertencimento. Kaito, outro morador que parece

entusiasmado, mas empático, pergunta se eles realmente visitarão algum país africano, enquanto Izildinha, sarcástica, sugere que a saída deles abriria espaço no apartamento. André decide visitar o centro de cadastramento, enquanto Isabel, inspetora da unidade, apresenta o projeto aos que se encontram no local, destacando o entusiasmo do governo por aquela nova iniciativa de reparação social. Quando abre espaço para perguntas, todos os presentes levantam as mãos. Quando João questiona se o cadastramento ao programa será obrigatório, Isabel imediatamente nega. Alguns suspiram aliviados.

Em seguida, enquanto grava, André aponta que Isabel poderia, da mesma forma, aproveitar da vantajosa oportunidade e visitar o continente africano. Ela se esquiva, demonstrando que o programa Resgate-se é destinado exclusivamente às pessoas reconhecidas como negras, critério que ela não se aplica. A identificação será visual. Em tom provocativo, André questiona quem irá polir os dentes dos indivíduos em questão, remetendo a desumanização aos compará-los com animais, cuja qualidade é avaliada pela aparência dos dentes. A pergunta, apoiada por outra jornalista e vizinha, sugere uma aproximação às vitrines em que eram exibidos os escravizados assim que atracavam nos portos brasileiros. Isabel ignora o comentário e encerra a conversa. Antes, no entanto, afirma que André poderia ter uma vida melhor se voltasse para a África. Ele rebate e sugere que ela também possui ascendência negra, o que a ofende. André zomba do cargo dela e da proposta do programa. Enquanto isso, Antônio se depara com uma disputa. Ao

se identificar como advogado representante da Associação dos Advogados de Melanina Acentuada, uma estudante o informa que o homem presente está tentando encerrar um projeto de estudos preparatórios para o curso de Direito. O funcionário explica que a ordem veio de camadas superiores e que não poderá interferir. Antônio pede que resolvam pacificamente, mas os estudantes expressam descrença. Nas cenas posteriores, diversas pessoas o encaram fixamente. Enquanto dirige, é perseguido; uma mulher fica imóvel diante do carro dele e o encara silenciosamente. Ele nota uma pichação que demanda que “voltem para a África”.

Mais tarde, Antônio aguarda Capitu na frente do hospital em que ela trabalha. Ao estacionar, o segurança elogia o carro que ele dirige, mas aumenta o volume do celular, fazendo com que Antônio escute um grupo que zomba das nomenclaturas usadas para se referir a pessoas negras. Capitu chega e, sorridente e sem saber da tensão presente, interage com Pedro, o segurança. No apartamento, ela coloca um disco para tocar, e eles dançam. Em tom preocupado, Antônio pede que ela o procure imediatamente se algo acontecer na rua, dizendo ser capaz de protegê-la. No entanto, Capitu sorri e responde que ela será a responsável por protegê-lo. Enquanto todos dançam ao som do disco que Capitu escolheu, ela demonstra leveza e felicidade e, quando a sós com Antônio, revela o motivo: descobriu estar grávida. André celebra, confiante de que tudo acabará bem.

Na cena seguinte, Isabel, na sede, assiste a uma votação na televisão ao lado do assistente, Santiago, e

demonstra ansiedade diante dos resultados. Ela coordena a designação de pessoas para diversos países africanos, mas lida com dificuldades em identificar visualmente algumas, expondo as falhas do procedimento. André comparece ao centro de cadastramento e, com determinação, declara que decidirá quando e onde pisará no continente africano, para que finalmente conheça uma história que foi, por muito negada, mas não para seguir uma determinação governamental. A conversa é interrompida quando Isabel recebe uma ligação do ministério com novas diretrizes acordadas após a votação: haverá uma imposição que pessoas com traços que remetem à ascendência africana sejam detidas e deportadas. Ao repassar a ordem a um segurança negro, ela demanda que a porta do centro seja trancada, denotando que a liberdade, ali, já tinha sido tomada.

De imediato, é criado o Ministério da Devolução, para que seja responsável pela execução das deportações. Nas ruas, cidadãos afrodescendentes são detidos, espancados e ameaçados. Em um discurso, o ministro faz um apelo para que as pessoas “melaninadas” se apresentem voluntariamente aos postos de devolução, evitando, dessa forma, o uso da força. Cenas de prisões nas ruas atestam que a medida, apesar do pedido feito pelo ministro, foi recebida com agressividade. Em outra cena, Antônio acorda e percebe a comoção nas ruas. Assustado, chama e procura por André, mas encontra apenas João em fuga. Acompanha com os olhos o homem sair do prédio e se entregar ao caos violento do conflito entre policiais e aqueles que se recusavam a serem detidos. André

continua tentando se comunicar com Capitu que, enquanto isso, estava operando no hospital.

O atendimento que comandava foi interrompido por policiais que, ao notarem a médica negra, reforçam a proibição das pessoas “melaninadas” dentro e nas proximidades do hospital. No meio da desordem, Capitu consegue escapar e, depois de perseguição com tiros e ameaças, foge do prédio. Sarah dirige ao prédio com André escondido no porta-malas do carro dela. Depois de se despedirem, André é informado por Antônio, já no apartamento, que Capitu está desaparecida. André sugere que saiam em busca dela, mas Antônio hesita, preferindo aguardar – afinal, eles combinaram de sempre se encontrarem ali, para que ela o salve. Angustiado, André critica a passividade que favoreceu o estabelecimento daquela medida, comentando que eles, em uma postura privilegiada, negligenciaram o perigo crescente, mas agora sentem o peso.

A cena seguinte mostra Capitu escondida em uma mata, ouvindo outras pessoas em fuga sob perseguição policial. Ela presencia uma mãe negra com uma criança albina sendo perseguida por um policial. Quando percebe que o policial iria atacar pois não reconhecia aquela mulher como mãe da criança, por ela ter pele clara, Capitu intervém: desfere um golpe contra o homem, dando uma oportunidade para fugirem. Enquanto isso, Izildinha, protegida pela cor e pelo apartamento, assiste ao noticiário pela televisão, que exhibe diversas opiniões distintas acerca da medida em vigor. Quando um dos entrevistados comenta sobre união diante da defesa do Brasil, Izildinha decide que

deve fazer a parte dela e, assim, vai ao centro de cadastramento. Com Isabel, Izildinha exalta a suposta pureza do sangue dela e, para proteger o espaço dela dentro daquela sociedade, declara que tem desejo de colaborar com o processo de expulsão dos negros do país.

Os atos do governo isolam aqueles que resistem contra a medida. Vigiam os apartamentos, as casas e ruas, bem como interrompem todas as formas que podem permitir comunicação e rebelião. Isabel parece empenhada em deter André, que tanto zombava da medida, e, como consequência, Antônio. Mesmo já tendo os isolado por meio do corte da linha telefônica, Isabel usa Izildinha para que eles abram a porta do apartamento, e aconselha que se entreguem pacificamente. Mais uma vez, André e a mulher mais velha entram em conflito. Agora, ela afirma que sofria com o preconceito racial, tanto quanto eles, mas que lidava com as ocorrências sem grande alarde. Quando os homens recusam categoricamente o conselho de Isabel, ela e Santiago, ainda com a ajuda de Izildinha, rompem com a energia do apartamento deles.

Capitu, depois de passar a noite escondida com as companheiras que encontrou na mata, tenta retornar ao apartamento. No entanto, percebem que na as ruas estão repletas de policiais. Recebem ajuda de um homem, que se apresenta como Ivan, e o acompanham a um local seguro. Elas o seguem até um esconderijo, um dos AfroBunkers, um antigo depósito de escravos que, após a proibição do carnaval, foi adaptado para festas clandestinas. O local abriga diversos refugiados.

Capitu, ansiosa para saber de Antônio, pergunta como se comunicam com os que estão do lado de fora, e um dos homens responde que, ali, o silêncio é necessário. Capitu compara o lugar como um renascimento dos quilombos. No entanto, Ivan diz que faz parte de uma retomada. Na enfermaria, Capitu encontra Elenita, o símbolo de uma nova era, agora perdida.

De volta ao apartamento, Antônio percebe que a reserva de insulina diminuiu. Ambos tentam se adequar ao isolamento, breu e a ausência de Capitu, mas logo a necessidade de buscá-la faz com que saiam da frágil proteção do apartamento. Eles se deslocam discretamente no corredor do prédio, mas são notados por Kaito, que menciona a existência de esconderijos divulgados pela imprensa. Ele entrega aos um celular com acesso livre e também uma arma. Pede, ainda, que resistam. Eles se encaminham para o hospital que Capitu trabalhava. Nele, Antônio tenta falar com Pedro, mas rapidamente é expulso pelo perigo iminente, depois que são denunciados pelo rádio do segurança. Depois da fuga apressada, usam o celular para gravar um apelo para organismos internacionais. Enquanto gravam, um homem branco armado se aproxima. André rapidamente consegue o imobilizar, deixando com que ele caia no chão. Antônio, segurando a arma, decide não atirar e afirma que não deseja agir como os opressores. O agressor foge. A gravação continua até o sinal ser interrompido.

Dias se passam. No esconderijo, as pessoas se adaptam e tentam se curar, celebram e se armam. Em

contrapartida, o ministro, ao questionando sobre os residentes e esconderijos, sugere que sejam deixados ainda no Brasil, uma vez que a violência contra esses focos é mais economicamente favorável que a deportação. Da mesma forma, Isabel, que continua persistente no silenciamento dos revoltosos, é informada que o vídeo publicado por André está viralizando. Ela sabe bem que a mídia possuía um papel potente na aceitação nacional e internacional da medida e que um vídeo como aquele muitas vezes compartilhado poderia gerar reações negativas. Por isso, percebe que a investida contra os dois deveria ser ainda mais forte.

No esconderijo, Capitu considera interromper a gravidez. No entanto, Elenita a relembra que aquela vida ali gerada poderia significar um propósito. Enquanto isso, André entrega uma mensagem de Kaito a Antônio abatido. Informa que, por conta do vídeo gravado por eles, a voz deles finalmente está sendo ouvida. Ao saber que está sendo celebrado como exemplo pacificador, Antônio se revolta e vai até a varanda para declarar em voz alta o amor pelo Brasil, afirmando que o país é tão dele quanto dos demais e que resistirá até o fim. Da rua, é registrado por Santiago. Em outro momento, o ministro visita a sede de Isabel e a parabeniza por ser um exemplo de resgate. Ele comenta sobre a Bahia, em que enfrentou diversos problemas, e, também das dificuldades naquele bairro: André e Antônio. Na cena seguinte, Santiago se demite, afirmando que é incapaz de continuar se envolvendo com as atitudes de Isabel. Ela o considera um covarde – mas a recusa dele mostra algo completamente diferente.

No apartamento, os recursos se esgotam. Estão sem água, sem energia, sem medicamentos. Antônio reconhece que talvez não consiga resistir por muito mais tempo. Do outro lado da rua, Sarah ergue um cartaz que os motiva a continuar na resistência.

Em seguida, Santiago é mostrado chegando no esconderijo. Alguns suspeitam que ele seja um espião, mas Ivan o defende, revelando que são namorados. Uma votação é organizada para decidir o destino de Santiago. Enquanto outros argumentam contra ele, alegando que ele jamais sofreu as humilhações que o grupo enfrenta e, portanto, não há espaço para ele. Santiago defende que entende e sente a dor deles. Capitu intervém, pedindo calma e sugerindo que Santiago deve escutar e entender a profundidade das experiências dos demais. Ela confessa que se sente exausta, ressaltando que, mais do que nunca, precisam decidir juntos o caminho a seguir. De volta ao apartamento, André se pinta de branco, sai furtivamente pela janela, invade outro apartamento e consome água e alimento.

Na saída do esconderijo, o antigo crachá de Santiago cai no chão, chamando a atenção de um dos homens presentes. Percebem que ele trabalhava em um centro de cadastramento e, agora ainda mais, a situação escala. Enquanto isso, Antônio procura por André, que banha no outro apartamento, aproveitando o momento de calmaria. No entanto, policiais invadem o local e capturam André, diante do olhar vitorioso de Izildinha. Antônio observa a situação enquanto Antônio tenta resistir, enquanto é levado. André consegue se libertar

por um momento, tentando se defender contra os policiais. Santiago faz o mesmo, no esconderijo, tentando se libertar daqueles que consideram necessário que ele seja punido. Paralelamente, ambos são atingidos por tiros. Caem no chão no mesmo momento. Quando Isabel chega ao local em que André jaz, apenas solicita que o corpo seja recolhido. No apartamento, André enfrenta a falta da insulina, mas resiste. Permanece na sacada, ainda gritando. A jornalista do prédio relata que ele é considerado o último negro no Brasil, o que atrai curiosos e a atenção da mídia, ansiosos pelo desfecho. No esconderijo, Ivan mostra a Capitu um vídeo no celular de Santiago, em que André fala sobre resistência. A comunidade do esconderijo permite que ela se vá. Enquanto isso, André, joga objetos para fora do apartamento, afirmando que não necessita de mais nada. Assim, Isabel permite a entrada dos policiais, justificando que ele tinha se tornado oficialmente um vândalo.

Com a chegada do ministro, ele sugere que André se entregue, para que a situação seja registrada de forma mais favorável à imagem pública. Capitu surge, e o ministro permite o reencontro, considerando que seria uma boa imagem para a campanha. Ele deseja evitar atos violentos, pois teme a criação de heróis. Capitu atravessa a multidão e chama por Antônio, pedindo que ele desça para que possam partir. Eles se reencontram em um momento de paz, rapidamente interrompido pela aproximação do ministro, que é surpreendido por um soco de Antônio. Escoltados para uma viatura, o episódio se torna um marco histórico, registrado pela repórter, que relata a

saída do últimos “melaninados” do país, agora inteiramente branco.

Na viatura, ele age resignado e contente apenas com o reencontro com Capitu. No entanto, ela cumpre a promessa de sempre o proteger e revela que quem dirigia era, na verdade, Elenita. Eles conseguem desviar do caminho com ajuda da repórter, que distrai os escoltas. Enquanto o carro se afasta, aqueles que estavam escondidos surgem e ocupam as ruas. A cena final destaca diversas figuras negras importantes, evidenciando que a tentativa de apagar essas vidas acabaria sendo fracassada, uma vez que estão tão profundamente entrelaçadas com a essência do Brasil, que acabam se manifestando de forma inextinguível, mesmo perante tantos percalços.

Durante o lançamento, *Medida Provisória* enfrentou atrasos e campanhas de boicote, motivados por acusações acerca do uso de recursos públicos para promover uma narrativa contrária ao governo vigente, associando-o a crimes de natureza racista. As respostas explicitam como o longa atingiu o propósito ao expor o racismo estrutural e a persistente invisibilização da população negra no Brasil. Paralelamente, ao tecer uma crítica precisa ao governo, que, pela postura, corroborava com tais práticas, o filme reafirma a atuação da arte como instrumento de resistência e reflexão acerca de questões sociais intensas.



4.4.2 Proposta Metodológica de Ensino I

Metodologia: [Aprendizado por Problemas](#);

Conteúdo: Abolição. Lei Áurea – 8º ano do Ensino Fundamental;

Habilidade: EF08HI15;

Cortes do Filme:

00:02:09 – 00:07:00

00:15:52 – 00:18:22

Pesquisa nas Redes:

[Como 13 de maio e princesa Isabel perderam espaço com 'redescoberta' da luta negra por abolição - BBC News Brasil](#);

[Quem foi Luiz Gama, advogado negro que libertou centenas de escravizados - YouTube](#).

Pondo em Prática:

A proposta tem como objetivo examinar algumas referências históricas presentes no filme **Medida Provisória**, como a Medida 1888, a presença

da inspetora Isabel e o personagem Antônio Gama.

1º Momento:

Para um desenvolvimento mais dinâmico da atividade, é recomendado que o filme tenha sido assistido como um todo, ou que os cortes sejam enviados para os alunos previamente. Dessa maneira, os alunos terão repertório suficiente para se dividirem nas estações.

Grupo 1:

00:15:52 – 00:18:22

Irá questionar o papel histórico da Princesa Isabel e analisar a construção da a personagem Isabel, bem como conectar os trechos do filme com as limitações da Lei Áurea.

Atividades:

- Pesquisa sobre Princesa Isabel e a assinatura da Lei Áurea;
- Registro: Cada aluno escreve um resumo das conclusões da discussão.

Questões Norteadoras:

- Por que a personagem se chama Isabel?
- Qual a simbologia que envolve o número 1888 da Medida Provisória?
- Há semelhanças entre a falta de assistência aos libertos em 1888 e a

narrativa do filme?

- Quais exemplos do filme mostram que as desigualdades históricas ainda estão presentes?

Grupo 2:

00:02:09 – 00:07:00

Ir  elaborar paralelos entre a luta de Luís Gama e o personagem Antônio Gama.

Atividades:

- Cada aluno pesquisa sobre Luís Gama e assiste aos cortes do filme.
- O grupo deve produzir um cartaz comparativo entre Luís Gama e Antônio Gama, com pequenos textos e imagens.

Questões Norteadoras:

- O que Luís Gama e Antônio Gama possuem em comum?
- De que maneira Luís Gama utilizou da lei para combater a escravidão, e de que maneira Antônio Gama também utiliza a advocacia para se opor às medidas?
- O que a figura de Luís Gama representa historicamente, e como Antônio Gama reinterpreta essa representa o no filme?

3  Momento:

Finalizada a etapa de pesquisa e produ o, os

alunos apresentarão suas conclusões de acordo com os cortes. Todos os alunos deverão demonstrar por meio das anotações, cartazes e mapas as críticas presentes no filme **Medida Provisória**.

4.4.3 Proposta Metodológica de Ensino II

Metodologia: [Teatralização](#);

Conteúdo: Quilombos – 8º ano do Ensino Fundamental;

Habilidade: EF08HI14;

Cortes do Filme:

00:34:58 – 00:37:39

00:46:24 – 00:50:14

Pesquisa nas Redes:

[Quilombos – História em Meia Hora](#);

[“Medida Provisória”: uma distopia sobre o racismo no Brasil](#).

Pondo em Prática:

A metodologia visa trabalhar com os alunos um melhor entendimento dos quilombos construídos como forma de resistência no Brasil Colonial e Imperial. Dessa maneira, o professor irá utilizar o filme **Medida Provisória** para aproximar os AfroBunkers representados nas cenas e a metodologia de Teatralização, para que os alunos compreendam os

funcionamentos e importância de maneira prática. Inicialmente, o professor deverá reproduzir os cortes do filme e, então, debater acerca dos aspectos que mais chamaram a atenção dos alunos.

Questões Norteadoras:

- O que são quilombos e o que faz com que sejam importantes para a história do Brasil?
- Como o AfroBunker retratado apresenta noções de resistência e comunidade?
- Quais similaridades e diferenças entre os quilombos e o AfroBunker de **Medida Provisória? 1º Momento:**

Em seguida, para o bom funcionamento da teatralização, o professor deverá separar a turma em grupos:

- **Grupo 1:** Representará um quilombo histórico;
- **Grupo 2:** Representará o AfroBunker. Cada grupo deverá:

Estudar o contexto histórico dos quilombos, elencando a organização, localização e relação com o sistema escravista;

Apontar os elementos do AfroBunker apresentados nos trechos do filme.

2º Momento:

Cada grupo deverá criar uma narrativa de cinco a dez minutos que represente a temática.

- **Grupo 1:** Abordará o cotidiano de um quilombo histórico, podendo incluir lutas contra bandeirantes ou senhores de escravos;
- **Grupo 2:** Reproduzirá elementos dos cortes no AfroBunker.

3º Momento:

Cada grupo terá um espaço para a teatralização, acompanhada de uma explicação sobre as escolhas tomadas na construção da apresentação.

4º Momento:

Por fim, os alunos e professor irão discutir sobre as apresentações, valorizando no debate a importância dos quilombos e do AfroBunker em seus respectivos contextos.

4.4.4 Proposta Metodológica de Ensino III

Metodologia: [Aprendizado Baseado em Projetos](#);

Conteúdo: Valorização da Cultura Afro-brasileira; **Habilidade:** EF08HI27;

Cortes do Filme:

00:34:58 – 00:37:39

01:32:33 – 01:33:36

Pesquisa nas Redes:

[História Preta | Podcast no Spotify](#);

[Episódio 1: Mônica Ventura | Série "Enciclopédia Negra" - YouTube](#).

Pondo em Prática:

Serão utilizados em sala de aula os cortes do filme **Medida Provisória** e a metodologia ativa de Aprendizado Baseado em Projetos para um estudo das resistências e permanências da cultura afro-brasileira.

1º Momento:

Nesse momento, os alunos assistirão aos trechos do filme e o professor solicitará que anotem as figuras históricas que eles conseguem reconhecer, bem como costumes, vestimentas, referências culturais associadas aos afro-brasileiros.

2º Momento:

Para avaliar o conhecimento dos alunos sobre figuras negras da história do Brasil e, da mesma maneira, instigar a quebra de estereótipos, o professor utilizará do Canva – ou outro site semelhante – para preparar flashcards interativos:

Lado A: Uma imagem da figura histórica;

- **Lado B:** Descrição da figura histórica.

O professor poderá mostrar os flashcards, um de cada vez, no projetor ou distribuir cópias para os alunos.

Exemplo:

- **Rodada 1:** Exibir o lado A.

Cada grupo deve discutir e receber pontos pelas respostas corretas.

Questões Norteadoras:

- Por que tantas figuras negras que marcaram a história brasileira são pouco conhecidas?
- Quais são as consequências de não se valorizar essas figuras?
- Como a representatividade histórica pode auxi

3º Momento:

O professor mediará as respostas reforçando a necessidade de valorização dessas figuras e associando os impactos que elas tiveram na sociedade brasileira, evidenciando que o Brasil que o governo de Medida Provisória desejava é impraticável.

4º Momento

Agora apresentados às figuras negras e históricas, os alunos terão que compor um projeto de **Faces do Brasil**, por meio de cartazes com informações sobre as figuras brasileiras escolhidas, bem como a motivação

que os levou até aquela escolha. Os cartazes formarão um mural completo com as produções dos alunos e a diversidade estampada nelas. Para finalizar o projeto, os alunos terão que apresentar os cartazes e responder aos possíveis questionamentos da turma e do professor.

4.4.5 Proposta Metodológica de Ensino IV

Metodologia: [Grupo de Verbalização e Grupo de Observação](#);

Conteúdo: Processo de Abolição da Escravatura. Impactos da Política de Embranquecimento no Brasil. Formação da Identidade Nacional – 8º ano do Ensino Fundamental;

Habilidade: EF08HI19;

Cortes do Filme:

00:14:08 – 00:15:05

00:15:52 – 00:18:22

Pesquisa nas Redes:

[Políticas de Embranquecimento – Diálogos Ausentes \(2016\) - YouTube](#);

[Desafios na identificação racial no Brasil](#);

Pondo em Prática:

A proposta visa abordar o Brasil pós-abolição, destacando as estratégias de embranquecimento empregadas pela sociedade brasileira e os ecos do na contemporaneidade, utilizando como base cortes do filme **Medida Provisória**.

1º Momento:

Durante a exibição dos trechos, o professor revistará com a turma os conceitos que envolvem a política de embranquecimento no Brasil e os desafios enfrentados pelos negros no período pós-abolição.

2º Momento:

O professor irá dividir a turma em dois grupos:

Grupo de Verbalização (GV): Irá debater inicialmente as questões norteadoras;

- **Grupo de Observação (GO):** Irá escutar e tomar notas.

Questões Norteadoras:

- Como as políticas governamentais influenciam a noção de pertencimento dos sujeitos?
- De que forma Medida Provisória representa pontos de identidade, pertencimento e pluralidade?
- Quais os impasses em definir quem é negro em um país como o Brasil?
- Como a história e a cultura afro-brasileira colaboram para a construção da identidade nacional?

Findado o primeiro debate, os grupos irão mudar de função, com o GO indo para a posição de GV, e GV para a de GO, para assim fazer com que todos participem da atividade.

3º Momento:

Para sistematizar os conhecimentos abordados durante a aula, os alunos deverão escrever textos sobre como o filme os levou a ponderar sobre suas identidades e a noção de pertencimento na sociedade brasileira.

5. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Hermano José Falcone. **agressividade e violência em Hobbes e Rousseau**: etologia, Genes e Ambiente. João Pessoa: UFPB. 2010.
https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/5691/1/arq_uivototal.pdf
- ALVES, Lynn Rosalina Gama; MINHO, Marcelle Rose da Silva; DINIZ, Marcelo Vera Cruz. **Gamificação**: diálogos com a educação In: FADEL, Luciane Maria; ULBRICHT, Vania Ribas; BATISTA, Claudia Regina; VANZIN, Tarcísio. (orgs) **Gamificação na educação**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2014.
- BERBEL, Neusi. **As metodologias ativas e a promoção da autonomia dos estudantes**. Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador** Rio de Janeiro. Ed. Zahar/2000.
- BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. 11. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução em França**. Brasília: Editroa UNB,1982.
- BUSARELLO, Raul Inácio; ULBRICHT, Vania R; FADEL,

Luciane M. **A gamificação e a sistemática de jogo:**

conceitos sobre a gamificação como recurso motivacional in: BUSARELLO, Raul Inácio; ULBRICHT, Vania R; FADEL, Luciane M.

Gamificação na Educação. São Paulo: Pimenta Cultural, 2014.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil.** O longo Caminho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CATLEY, B ; JONES, C. **Deciding on violence. Reason in practic. The Journal of Philosophy of Management, Oxted,Surrey (UK), v.2, n.1, p.25-34, 2002.**

CHAUÍ, Marilena. **Ensaio ética e violência.** Revista Teoria e Debate, ano 11, n. 39, 1998.

Concílio Vaticano II. *Dignitatis Humanae.*

DICIO. Dicionário Online de Português.
https://www.dicio.com.br/violencia/#google_vignette

ELIAS, Norbert. **O processo Civilizador:** uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 1994.

FALCON, Francisco. **História e representação.** In: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (Orgs.). **Representações:** contribuição a um debate transdisciplinar. Campinas: Papyrus, 2000.

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998

FRANÇA. **Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789**.

<https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/414/2018/10/1789.pdf>

FRANCISCO, rodrigo Kszan. **A violência e o Estado: Hobbes e Locke**.
<https://conteudojuridico.com.br/consulta/artigo/66141/aviolencia-e-o-estado-hobbes-e-locke>

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação omnilateral**. In: SALETE, R.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (Orgs.). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro/São Paulo: Escola Politécnica Joaquim Venâncio/Expressão Popular, 2012

GREGORIO XVI, *Enciclica Del Sommo Pontefice Gregorio XVI Mirari Vos*.

<https://www.vatican.va/content/gregorius-xvi/it/documents/encyclica-mirari-vos-15-augusti-1832.html> HOBBS, Thomas. *Leviatã*. São Paulo: Folha. 2021.
 HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: O jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Redemptor Hominis*.
https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_04031979_redemptor-hominis.html

KEIDANN, Glaucia. **Utilização de mapas mentais na inclusão digital**. In: ENCONTRO DE EDUCOMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUL, 2.,2013, Ijuí.

Anais...Ijuí, RS: 2013. p. 1-15. Disponível em:

<<http://coral.ufsm.br/educosul/2013/com/gt3/7.pdf>>.

Acesso em: 02 abr. 2018.

LOMBROSO, César. **O Homem Delinquente**. Porto Alegre: Editora Ricardo Lenz, 2001.

LEÃO XIII. *Rerum Novarum*.

https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_1-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html

LOCKE, Jonh. **Segundo Tratado sobre o Governo Civil e outros escritos**. Petrópolis: Editora vozes, 2001.

MAQUIAVEL, Niccolò. **comentários Sobre a Primeira Década de Tito Lívio**. 3 ed. Brasília: Editora da UNB. 1994.

MARTINS, Gercimar; AZEVEDO, Gilson. **Grupo de Verbalização e Grupo de Observação (GV/GO): uma metodologia ativa como ferramenta no ensino superior**. Metodologias Ativas: Um caminho de novas possibilidades. Goiânia, GO: Editora IGM, 2022.

MEDEIROS, Amanda. **Docência na socioeducação**. Brasília: Universidade de Brasília, Campus Planaltina, 2014.

MODENA, Maura Regina (org). **Conceitos e Formas de Violência**. Caxias do Sul: Editora EDUCS, 2016.

MONTESQUIEU. **O Espírito das Leis**. São Paulo : Martins Fontes, 2000.

MORÁN, José. **Mudando a educação com metodologias ativas**. In: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Ofelia Elisa Torres (orgs.). **Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens**. Vol. II. PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wpcontent/uploads/2013/12/mudando_moran>

OLIVEIRA, Denise Abadia Pereira. **Promovendo Aprendizagens de Forma Democrática**. Folha Acadêmica do CESG| FAC, n. 4, p. 03, 2015. Disponível em: <https://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica/article/view/183>. Acesso em: 13 jan 2025.

ONTORIA, Antônio.; LUCKE, Ângela de.; GÓMEZ, Juan Pedro R. **Aprender com Mapas Mentais: Uma estratégia para pensar e estudar**. São Paulo: Madras, 2006.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-dir-eitos-humanos>

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **Ensino de História e Patrimônio Cultural: um percurso docente**. Jundiaí,SP:

Editora Paco, 2017.

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

PIO VI. *quo aliquantum del sommo pontefice.*

<https://www.vatican.va/content/pius-vi/it/documents/breve-quod-aliquantum-10-marzo-1791.html>

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social.** Oeiras, Portugal: AD Astra et ultra, 2010.

SLAVOJ, Žižek, Violência: **Seis reflexões laterais.** São Paulo: Editora Boi Tempo, 2015.

SOARES, Antonio Mateus Carvalho. **Dialética da Violência: Civilidade e Incivilidade.** Salvador: Revista Prelúdios. v. 3, n. 3, p. 11-35, mar./ago. 2014.

TEO, Carla Rosane Paz Arruda; BORSOI, Aline Tecchio, FERRETTI, Fátima. **Metodologia da problematização: uma possibilidade para o desenvolvimento de competências crítico-reflexivas em contextos curriculares tradicionais.** Educação (Porto Alegre), v. 42, n. 3, p. 486-495, set.-dez. 2019.

TOSI, Giuseppe. **História e Atualidade dos Direitos Humanos.**

https://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/tosi/tosi_hist_atualidade_dh.pdf